



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de Geografia  
Programa de Pós-Graduação em Geografia

**TESE DE DOUTORADO**

**DA ÁGUA PARA O VINHO: o papel da vitivinicultura no processo de Desenvolvimento Regional da Serra Gaúcha**

**RAFAEL LAVRADOR SANT ANNA**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Glória Maria Vargas Lopez de Mesa

**Brasília-DF, março de 2021**



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de Geografia  
Programa de Pós-Graduação em Geografia

## **TESE DE DOUTORADO**

### **DA ÁGUA PARA O VINHO: o papel da vitivinicultura no processo de Desenvolvimento Regional da Serra Gaúcha**

Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação em Geografia, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Geografia, área de concentração de Produção do Espaço Urbano, Rural e Regional

**RAFAEL LAVRADOR SANT ANNA**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Glória Maria Vargas Lopez de Mesa

**Brasília-DF, março de 2021**



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de Geografia  
Programa de Pós-Graduação em Geografia

## **DA ÁGUA PARA O VINHO: o papel da vitivinicultura no processo de Desenvolvimento Regional da Serra Gaúcha**

Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação em Geografia, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Geografia, área de concentração de Produção do Espaço Urbano, Rural e Regional.

**RAFAEL LAVRADOR SANT ANNA**

### FOLHA DE APROVAÇÃO

Prof.<sup>a</sup> Dra. Glória Maria Vargas Lopez de Mesa (PPGEA-UNB)  
Orientadora

Prof. Dr. Armando Fornazier (PROPAGA-UNB)  
Examinador Externo

Prof. Dr. Claudio Fioreze (IFRS)  
Examinador Externo

Prof.<sup>a</sup> Dra. Priscila Silva Esteves (IFRS)  
Examinadora Externa

**Brasília-DF, março de 2021**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, que em momentos de fragilidade e dificuldades nunca deixou-me abater, assim como **Nossa Senhora Aparecida**, que sempre esteve junto a mim ao longo de toda a minha vida e que sempre me amparou em todos os momentos.

Agradeço a toda minha família, em especial a minha esposa **Tainá**, que foi uma parceira incansável no processo de construção desta tese. Ela esteve ao meu lado, apoiando muito, desde os estudos para a prova do POSGEA, assim como durante todo o período do curso, e em especial na reta final, na fase de construção da tese. Sem ela esta tese não teria acontecido! Destaco também sua importância no processo de apresentação do meu objeto de estudo, a vitivinicultura, há mais de dez anos. Minha relação com o mundo do vinho mudou quando a Tainá entrou na minha vida! Sua inteligência, carisma, dedicação, a forma de enxergar o mundo é uma referência para mim. Tenho muita sorte de ter uma mulher tão forte ao meu lado.

Agradeço meu filho **Matteo**, que trouxe uma visão diferente sobre o mundo e uma forma mais leve e humana de encarar os desafios. Tenho certeza que sem ele, o desafio de escrever uma tese, durante uma pandemia, seria impossível. A necessidade de adequar minha vida aos seus horários e suas demandas, fez com que me tornasse uma pessoa mais organizada e que aproveitasse muito melhor o meu tempo. Muito obrigado filho!

Agradeço a minha filha **Martina** que está por vir. A Martina foi o sopro de energia que faltava para finalizar a tese. O ânimo com sua chegada fez com que minha alegria e energia mudasse significativamente.

Agradeço em muito aos meus pais, **Nelson** e **Vera**, que foram um suporte gigantesco neste processo de escrita da tese. Eles sempre foram os maiores incentivadores dos meus estudos e investiram o que podiam e o que não podiam para alcançar voos maiores. Se hoje tenho um emprego e uma boa formação, é graças a eles!

Agradeço minha irmã **Letícia** e minha sobrinha **Luísa** que sempre foram um exemplo de superação e dedicação para mim. A garra e determinação delas para superar obstáculos é uma referência para mim. O mundo precisa de mulheres fortes como elas.

Agradeço meus avôs **Olívio** e **Aparecida** que sempre me colocaram em suas orações, e mesmo à distância, ampliada ainda mais pela pandemia, sei que sempre estiveram intercedendo por mim durante todo este ciclo.

Agradeço muito a meus sogros, **Hermes** e **Izabel**, que sempre me apoiaram de inúmeras formas para que esta tese fosse desenvolvida. A história deles com o Rio Grande do Sul e a Serra Gaúcha foi uma inspiração para a escrita desta tese.

Agradeço minha orientadora **Gloria**, que sempre me apoiou e sonhou comigo uma forma de construir esta tese de uma forma harmônica e que trouxesse a parte cultural de uma região tão especial do Brasil. Sem ela, o olhar diferenciado que esta tese traz sobre a vitivinicultura da Serra Gaúcha, não seria possível.

Agradeço ao **Instituto Federal de Brasília** por me apoiar e incentivar a capacitação ao longo destes quatro anos. É um grande investimento para a sociedade brasileira. Espero poder contribuir ainda mais com o avanço da ciência brasileira.

Por fim, agradeço ao **Programa de Pós-graduação em Geografia** e a **Universidade de Brasília** pela oportunidade de crescer como pesquisador e de desenvolver o estudo que a tanto tempo queria. A geografia me proporcionou enxergar o mundo com outros olhos, muito além do que até então podia enxergar!

## EPÍGRAFE

*“In vino veritas”*

## RESUMO

A vitivinicultura da Serra Gaúcha tem forte ligação com a chegada dos imigrantes italianos à região. A transformação da paisagem natural e criação de uma paisagem cultural é um dos legados destes imigrantes italianos, chamados de colonos italianos, à região da Serra Gaúcha. Desta forma o estudo se propôs a compreender a relação deste colono com o seu novo território, investigando o processo migratório, sua adaptação à Serra Gaúcha, o início da vitivinicultura na região, o processo de construção do *terroir* da Serra Gaúcha e a relevância da vitivinicultura para o desenvolvimento da região. Como hipótese, o estudo supõe que, dentre as variáveis que compõem o conceito de *terroir*, o conhecimento (saber fazer) adquirido ao longo dos séculos na produção vitivinícola pelos imigrantes italianos, juntamente com a cultura do vinho entremeada em suas atividades cotidianas, e as características da paisagem natural, foram as principais variáveis que contribuíram no processo de desenvolvimento regional. Como objetivo geral, a tese propõe analisar como a paisagem natural e o território, juntamente com a cultura dos imigrantes italianos a partir da produção vitivinícola, contribuem no processo de desenvolvimento regional da Serra Gaúcha. Como forma de embasar esta proposição, o estudo utilizou-se da metodologia *Rapid Rural Appraisal* (RRA), focando na opinião de especialistas do setor vitivinícola nacional, assim como em pesquisas documentais e num referencial bibliográfico que abarca conceitos da geografia, da economia e a contextualização da cadeia produtiva vitivinícola. Ressalta-se que esta abordagem metodológica foi escolhida devido à pandemia do coronavírus, que assola o mundo todo. Como principais resultados, principalmente no que tange ao conceito de *terroir* da Serra Gaúcha e as variáveis que compõem o conceito, verificou-se que a cultura do vinho entremeada na cultura do imigrante italiano foram importantes no processo de desenvolvimento da vitivinicultura da região, mas o aprendizado (saber fazer), principalmente por se tratar de uma vitivinicultura muito diferente da que realizavam e tinham acesso na Itália, foi desenvolvido em território brasileiro. O conhecimento, em sua grande parte, foi construído em território brasileiro, tanto pela necessidade de aprender a técnica de manejo produtivo em um novo tipo de território, como também pelas variedades de parreiras que construíram a base deste conhecimento, as uvas americanas, que até então não faziam parte do contexto de vida do imigrante italiano. Em relação ao desenvolvimento regional proporcionado pela vitivinicultura da Serra Gaúcha, observou-se nas falas dos entrevistados, assim como nas referências coletadas, a convergência para um único apontamento, de que houve melhoria na qualidade de vida dos habitantes da Região da Serra Gaúcha. Esta melhoria pode ser compreendida pelo aumento de renda na região, diminuição da taxa de mortalidade, alta expectativa de vida, educação de qualidade e manutenção de estudantes nas escolas, assim como uma distribuição de renda um pouco menos desigual, ainda mais se comparada com o restante do Brasil. Estas melhorias, conjuntamente com a criação de Indicações Geográficas (IGs), o enoturismo, o fortalecimento das Instituições de apoio, a história de superação dos imigrantes italianos, a vitivinicultura e todo seu aspecto cultural, o desenvolvimento regional fica mais perceptível.

**Palavras-chave:** Vitivinicultura. Desenvolvimento Regional. *Terroir*. Enoturismo. Imigração Italiana

## ABSTRACT

The viticulture of Serra Gaúcha has a strong connection with the arrival of Italian immigrants to the region. The transformation of the natural landscape and the creation of a cultural landscape is one of the legacies of these Italian immigrants, called Italian settlers, to the Serra Gaúcha region. In this way, the study aimed to understand the relationship of this settler with his new territory, investigating the migratory process, its adaptation to Serra Gaúcha, the beginning of vitiviniculture in the region, the construction process of the *terroir* of Serra Gaúcha and the relevance of vitiviniculture for the development of the region. As a hypothesis, the study assumes that among the variables that make up the concept of *terroir*, the knowledge (know-how) acquired over the centuries in wine production by Italian immigrants, together with the culture of wine interspersed in their daily activities, and the characteristics of the natural landscape, were the main variables that contributed to the regional development process. As a general objective, the thesis proposes to analyze how the natural landscape and the territory, together with the culture of Italian immigrants from wine production, contribute to the regional development process of Serra Gaúcha. As a basis for this proposition, the study used the Rapid Rural Appraisal (RRA) methodology, focusing on the opinion of experts in the national wine sector, as well as on documentary research and on a bibliographic reference that encompasses concepts of geography, economics and the contextualization of the wine production chain. It should be noted that this methodological approach was chosen due to the coronavirus pandemic, which is plaguing the world. As main results, mainly with regard to the concept of *terroir* of Serra Gaúcha and the variables that compose the concept, it was verified that the wine culture interspersed in the culture of the Italian immigrant was important in the process of development of the vitiviniculture of the region, but the apprenticeship (knowing how to do), mainly because it is a very different viticulture from that which they had and had access to in Italy, was developed in Brazilian territory. The knowledge, for the most part, was built in Brazilian territory, both because of the need to learn the productive management technique in a new type of territory, as well as because of the varieties of vines that built the base of this knowledge, the American grapes, which until then they were not part of the Italian immigrant's life context. Regarding the regional development provided by the viticulture of Serra Gaúcha, it was observed in the interviewees' statements, as well as in the references collected, the convergence towards a single note, that there was an improvement in the quality of life of the inhabitants of the Serra Gaúcha Region. This improvement can be understood by the increase in income in the region, decrease in the mortality rate, high life expectancy, quality education and maintenance of students in schools, as well as a slightly less unequal income distribution, even more compared to the rest of Brazil. These improvements, together with the creation of Geographical Indications (IGs), wine tourism, the strengthening of support institutions, the history of overcoming Italian immigrants, vitiviniculture and all its cultural aspect, regional development is more noticeable.

**Keywords:** Vitiviniculture. Regional development. *Terroir*. Wine tourism. Italian Immigration



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Paisagem (natural e cultural), Território, Terroir e o Desenvolvimento Regional</b>	<b>9</b>
<b>Figura 2 - Regiões produtoras vitivinícola no Rio Grande do Sul</b>	<b>13</b>
<b>Figura 3 - Regiões de onde saíram as principais levas de imigração para o Brasil</b>	<b>34</b>
<b>Figura 4 - Cena típica de derrubada e queimada da floresta pelo imigrante italiano</b>	<b>35</b>
<b>Figura 5 - Mapa da imigração no Rio Grande do Sul</b>	<b>37</b>
<b>Figura 6 - Lavoura de trigo cultivada pelo imigrante italiano</b>	<b>42</b>
<b>Figura 7 - Fenagem desenvolvida pelos imigrantes italianos para alimentação dos animais durante o inverno</b>	<b>42</b>
<b>Figura 8 - Casa primitiva que o imigrante italiano recebia ao assumir sua colônia</b>	<b>43</b>
<b>Figura 9 - Fogolaro rudimentar e a corrente para suportar as panelas</b>	<b>44</b>
<b>Figura 10 - Casa típica colonial com o porão (la cantina)</b>	<b>45</b>
<b>Figura 11 - Vista interna do porão</b>	<b>46</b>
<b>Figura 12 - Parreiral sustentado em latada ou pérgola</b>	<b>49</b>
<b>Figura 13 - Parreiral sustentado em espaldeira</b>	<b>50</b>
<b>Figura 14 - Videiras sustentadas por toras de madeiras</b>	<b>51</b>
<b>Figura 15 - Fluxograma de Carl Sauer sobre formação de paisagens</b>	<b>61</b>
<b>Figura 16 - Amarração dos parreirais em plátanos na Serra Gaúcha</b>	<b>64</b>
<b>Figura 17 - Pedras utilizadas como coluna de sustentação do parreiral (Vale Aurora – Bento Gonçalves)</b>	<b>65</b>
<b>Figura 18 - Muro de pedras no parreiral utilizado para tensionar arames (Santa Tereza)</b>	<b>66</b>
<b>Figura 19 - Pedras acomodadas em fileira para facilitar o manejo (Vale Aurora– Bento Gonçalves)</b>	<b>66</b>
<b>Figura 20 - Arte da Tanoaria</b>	<b>70</b>
<b>Figura 21 - Utensílios práticos nas transações comerciais do vinho</b>	<b>70</b>
<b>Figura 22 - Interior da cantina/porão</b>	<b>71</b>
<b>Figura 23 - Pipa da entrada da cidade de Bento Gonçalves</b>	<b>73</b>
<b>Figura 24 - Igreja da Nossa Senhora das Neves (Vale dos Vinhedos – Bento Gonçalves)</b>	<b>80</b>
<b>Figura 25 - Gruta Nossa Senhora da Uva</b>	<b>81</b>
<b>Figura 26 - Indicações Geográficas e suas relações</b>	<b>95</b>
<b>Figura 27 - Indicações Geográficas de vinhos finos tranquilos e espumantes – Serra Gaúcha (Brasil) – 2015</b>	<b>99</b>
<b>Figura 28 - Selos que identificam os vinhos das diferentes Indicações Geográficas Brasileiras</b>	<b>100</b>
<b>Figura 29 - Algumas campanhas realizadas pelo Ibravin</b>	<b>106</b>
<b>Figura 30 - Produção de suco de uva pelo Rio grande do Sul (em litros)</b>	<b>116</b>
<b>Figura 31 - Maiores produtores de vinho (em milhões de hectolitros) – 2018</b>	<b>117</b>
<b>Figura 32 - Consumo de vinho no mundo (em litros por habitante)</b>	<b>117</b>
<b>Figura 33 - Maiores compradores de vinho brasileiro (em dólares, de janeiro a dezembro de 2018)</b>	<b>118</b>
<b>Figura 34 - Principais importadores mundiais de vinho (em milhões de hectolitros, 2018)</b>	<b>122</b>
<b>Figura 35 - Índice de Gini – Municípios da Serra Gaúcha (microrregião de Caxias do Sul)</b>	<b>125</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Vinho produzido em 1883 em Dna Isabel e Conde d'Eu .....	68
Tabela 3 - Consumo de vinho no Brasil .....	111
Tabela 4 - Importação de vinhos (sem espumantes) 2016 – 2017 .....	112
Tabela 5 - Importação de vinhos (sem espumantes) 2018 .....	113
Tabela 6 - Ranking dos espumantes no Brasil (em litros).....	114
Tabela 7 - Importação de espumantes (sem vinhos) em 2018.....	115
Tabela 8 - Principais países importadores de suco de uva brasileiro – 2017.....	119
Tabela 9 - Principais países importadores de espumante brasileiro – 2017.....	120
Tabela 10 - Principais países importadores de vinho brasileiro – 2017.....	121
Tabela 11 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (Municípios da Microrregião de Caxias do Sul).....	123

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Objetivos e a metodologia aplicada .....	16
Quadro 2 - Categorias de análise.....	17
Quadro 3 - Objetivos e categorias de análise.....	18
Quadro 4 - Lista de atores entrevistados .....	19
Quadro 5 - Formas humanas de análise: cultura material e cultura imaterial .....	62
Quadro 6 - Elementos da cultura material e da cultura imaterial.....	82
Quadro 7 - Indicações Geográficas de vinhos da Serra Gaúcha .....	96
Quadro 8 - Produtos certificados pelas Indicações Geográficas da Serra Gaúcha .....	97

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AGAVI - Associação Gaúcha de Vitivinicultores

CEPAN – Centro de Estudos e Pesquisa em Agronegócios

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

ESPM - Escola Superior de propaganda e Marketing

FENAVINHO – Festa Nacional do Vinho

FISAR - Federação Italiana de Sommelier

FGV - Fundação Getúlio Vargas

FUNDOVITIS - Fundo de Desenvolvimento da Vitivinicultura

IBRAVIN – Instituto Brasileiro do Vinho

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IFRS - Instituto Federal do Rio Grande do Sul

IPs – Indicações de Procedências

RRA – Rapid Rural Appraisal

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OAB/RS – Ordem dos Advogados do Brasil – Rio Grande do Sul

POSGEA - Programa de Pós-graduação em Geografia

PROFNIT - Mestrado Profissional em Rede Nacional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNISINOS - Universidade do Vale dos Sinos

UVIBRA – União Brasileira de Vitivinicultura

IGs – Indicações Geográficas

WSET - Wine & Spirit Education Trust

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO .....</b>	<b>2</b>
<b>PROBLEMA DE PESQUISA .....</b>	<b>6</b>
<b>HIPÓTESE.....</b>	<b>7</b>
<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>7</b>
<b>JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>8</b>
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
<b>DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA .....</b>	<b>12</b>
<b>OBTENÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>14</b>
<b>DEFINIÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....</b>	<b>19</b>
<b>ESTRUTURAÇÃO DA TESE .....</b>	<b>27</b>
<b>1. PROCESSO MIGRATÓRIO E INÍCIO DA ATIVIDADE VITIVINÍCOLA NA SERRA GAÚCHA .....</b>	<b>29</b>
<b>1.1 CONTEXTO MIGRATÓRIO .....</b>	<b>29</b>
<b>1.2 INTRODUÇÃO DA VITIVINICULTURA NA SERRA GAÚCHA.....</b>	<b>47</b>
<b>2. VITIVINICULTURA E A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL DA SERRA GAÚCHA .....</b>	<b>54</b>
<b>2.1 FORMAÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL DA SERRA GAÚCHA, UMA DISCUSSÃO TEÓRICA .....</b>	<b>54</b>
<b>2.2 ELEMENTOS DA PAISAGEM CULTURAL DA SERRA GAÚCHA .....</b>	<b>61</b>
<b>3. TERROIR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE REGIONAL.....</b>	<b>85</b>
<b>3.1 INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS DA SERRA GAÚCHA .....</b>	<b>92</b>
<b>3.2 IMPORTÂNCIA DAS INSITITUIÇÕES DE APOIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO VINHO BRASILEIRO.....</b>	<b>103</b>
<b>4. VITIVINICULTURA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL .....</b>	<b>107</b>
<b>4.1 CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO VITIVINÍCOLA NACIONAL.....</b>	<b>110</b>
<b>4.2 VITIVINICULTURA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DA SERRA GAÚCHA .....</b>	<b>122</b>
<b>4.3 ENOTURISMO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL.....</b>	<b>128</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>134</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>140</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>148</b>

## INTRODUÇÃO

A vitivinicultura (arte de produzir vinho) da Serra Gaúcha é marcada pela chegada dos imigrantes italianos à Serra Gaúcha no final do século XIX. Na mala destes imigrantes italianos, além de todas as suas tradições, costumes, determinação e espírito empreendedor, chega também a paixão pela vitivinicultura. Esta paixão é uma das grandes propulsoras da transformação ocorrida na paisagem e na cultura da região.

O interesse pelo vinho tem despertado o interesse produtivo e aumentado o seu consumo em inúmeras populações ao longo dos séculos, e graças a ele, o vinho pode contribuir para desenvolvimento regional de inúmeros países. Atualmente, alguns países se destacam na produção de vinho, mas com os avanços tecnológicos e descobertas de novas variedades, a vitivinicultura tem se espalhado ao longo dos continentes.

A videira é uma das plantas mais bem difundida ao longo do mundo. Hoje é possível produzi-la em longitudes inimagináveis para algumas culturas. Segundo Pitte (2012, p.14), “ela amadurece seus frutos ao ar livre desde o Equador até as proximidades dos 55° de latitude norte (Inglaterra) e dos 45° de latitude sul (Nova Zelândia)”. A videira está presente em lugares onde poucas outras espécies se arriscariam estar. Um exemplo é a produção nos altiplanos bolivianos, localizados entre 1,8 mil e 2,4 mil metros acima do nível do mar, o que não seria considerada uma condição ideal.

Acredita-se que atualmente as parreiras ocupem mais de 8 milhões de hectares no mundo, e produzem cerca de 300 milhões de hectolitros de vinho, o que proporciona uma incrível marca de aproximadamente 5 litros de vinho por ano para cada habitante da terra, o que, na visão de Pitte (2012, p.15), “faz dessa produção agroalimentar uma das mais povoadora”. Além disso, é uma das culturas mais lucrativas, apesar das flutuações econômicas dos últimos anos, como explica Pitte (2012) “O lucro mundial desse mercado gira em torno de 120 bilhões de dólares” (PITTE, 2012, p.15).

Acredita-se que a primeira videira chegou ao Brasil no ano de 1532 com Martim Afonso de Sousa, que em sua expedição estava Brás Cubas, que plantou parreiras vindas da Ilha da Madeira (Portugal) na Capitania de São Vicente, no Estado de São Paulo, que posteriormente, devido ao clima do litoral, mudou seu parreiral para a atual grande São Paulo, na região do bairro do Tatuapé. (AMARANTE, 2019).

O grande desenvolvimento da vitivinicultura no território nacional acontece com a chegada dos imigrantes italianos, vindos da região do Vêneto, Lombardia e Trento no final do século XIX. Mais precisamente, estes imigrantes se estabeleceram em colônias, que podem ser

assim definidas: Dona Isabel (hoje Bento Gonçalves), Conde d'Eu (Garibaldi), Campo dos Bugres (Caxias do Sul), Nova Trento (Flores da Cunha), Nova Vicenza (Farroupilha), entre outras. Essa região, atualmente, constitui o maior e mais importante núcleo brasileiro de vitivinicultura (AMARANTE, 2015, p.551).

O imigrante italiano, comumente chamado de “colono”, foi o grande responsável pelo desenvolvimento do setor vitivinícola nacional. Uma das características marcantes que o diferenciou dos demais produtores brasileiros foi a sua opção por se especializar em apenas um produto para ser o carro chefe de sua comercialização. Na visão de Farias (2016), o colono produtor de uvas, e posteriormente vinho, não esteve ligado ao policultivo (exceto para seu consumo próprio) e a opção pela vitivinicultura tem relação com uma tradição geracional de produção de uvas e vinhos na Itália, como pode-se ver a seguir: “de certo modo, esta característica vem construindo, ao longo do tempo, uma identidade local ao produtor de uvas e vinhos, que tem impulsionado o desenvolvimento do setor, mesmo nos períodos de crise” (FARIAS, 2016, p.16).

Apesar de toda bravura e dedicação, os imigrantes (colonos) enfrentaram inúmeras dificuldades ao longo da evolução do processo produtivo vitivinícola no Brasil. Inicialmente as uvas europeias trazidas por eles no processo migratório se adaptaram muito bem às novas terras, porém foram praticamente dizimadas por doenças e pragas, forçando-as a se adaptarem às uvas americanas (especialmente a Isabel), proporcionando vinhos de menor qualidade e valor agregado (AMARANTE, 2015).

Dessa forma, compreender todo este processo de adaptação a um novo território utilizando como produto de renda uma cultura agrícola extremamente delicada (vitivinicultura), faz dessa tese um grande campo de estudo da geografia cultural, e que pode apontar os fatores que contribuíram ou não para o sucesso e/ou insucesso desta cultura no país.

### **Contextualização do Objeto**

A chegada da vitivinicultura no Brasil tem forte correlação com a chegada do imigrante italiano, na visão de Farias (2016):

a vitivinicultura assume papel relevante na estrutura produtiva da região da serra. (...) Alguns autores como este surgimento com a origem dos colonos italianos: estima-se que 54% dos imigrantes eram oriundos do Vêneto; 33% da Lombardia; 7% do Trento; e 6% das demais regiões da Itália. Estas regiões são tradicionais produtoras vinícolas da Itália, com

experiência em produção de vinhos que remonta ao Império Romano” (FARIAS, 2016, p.75).

A história do Brasil com a vitivinicultura é praticamente iniciada com a chegada dos portugueses à América. Os livros de história nos contam que a “descoberta” do Brasil aconteceu em 1500, por Pedro Álvares Cabral, e a chegada das primeiras videiras não demorou muito. Consta-se que em 1532, Martim Afonso de Souza trouxe as primeiras videiras ao território brasileiro (IBRAVIN, 2019).

Neste período, a capitania (formato de divisão de terras desenvolvida pelos portugueses durante o processo de colonização) mais significativa era a de São Vicente, local onde desembarcou as primeiras mudas de vitis vinífera no Brasil. Infelizmente, o clima e o solo do litoral paulista não era dos mais apropriados para o desenvolvimento da cultura, que acabou não se desenvolvendo (ANUÁRIO VINHOS DO BRASIL, 2019)

O ano de 1551 foi muito significativo para a história do vinho brasileiro, pois neste ano Brás Cubas consegue elaborar o primeiro vinho nacional. Uma diferença marcante na produção foi o deslocamento da localidade produtiva, saindo do litoral paulista para o Planalto Atlântico, região com solo e clima mais favoráveis ao desenvolvimento da vitivinicultura, porém a aventura na produção não evolui por muito tempo (ANUÁRIO VINHOS DO BRASIL, 2019).

Segundo relatos do Ibravin (2019), apenas em 1626 o Brasil passa a ter uma nova relação com a vitivinicultura, com a chegada dos jesuítas à região das Missões. Assume um papel relevante neste processo o Padre Roque Gonzales de Santa Cruz, que a partir da ajuda de indígenas, inicia a produção de vinho como elemento das celebrações religiosas (IBRAVIN, 2019).

Em 1640, acontece outro marco relevante para o mundo do vinho brasileiro. Em São Paulo, acontece a primeira degustação orientada do Brasil, que chegou a ser relatada na Primeira Ata da Câmara de São Paulo. Segundo o Ibravin (2019), o grande objetivo desta degustação era a padronização dos vinhos comercializados no Brasil, visto que os vinhos produzidos no Brasil (principalmente na região sudeste) apresentavam uma qualidade inferior a um padrão mínimo desejável (ANUÁRIO VINHOS DO BRASIL, 2019)

Quase 100 anos depois, a vitivinicultura brasileira volta a ter um grande choque cultural, quando em 1732 uma leva de imigrantes portugueses, na sua grande maioria açorianos, passam a ocupar o litoral do Rio Grande do Sul, principalmente nas cidades de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. Com estes imigrantes, chega ao Brasil novas variedades de mudas

vitiviníferas, oriundas das ilhas de Açores e da Madeira (ANUÁRIO VINHOS DO BRASIL, 2019).

Um ponto interessante da vitivinicultura brasileira é sua relação com a Coroa Portuguesa, que influenciou o processo produtivo no Brasil, tanto para o desenvolvimento como para a extinção da produção, trazendo profundas marcas no processo evolutivo desta cadeia produtiva.

No ano de 1789, percebendo a multiplicação da produção vitivinícola no Brasil, a Corte Portuguesa implementa uma medida de extremamente protecionista, proibindo o cultivo de uva no país, como forma de proteger a produção portuguesa. Esta medida inibiu a comercialização de vinhos na colônia e restringiu a atividade ao ambiente doméstico (IBRAVIN, 2019).

Porém, 21 anos depois, em 1808, com a transferência da Coroa Portuguesa para o Brasil, com a vinda da família real, o setor vitivinícola brasileiro sofre uma grande transformação, pois a proibição ao cultivo da uva é retirada, e o vinho é incorporado aos mais diferentes hábitos, como refeições, reuniões sociais e às numerosas festividades religiosas (IBRAVIN, 2019).

O ano de 1824 também é muito importante para o desenvolvimento da vitivinicultura nacional. Principalmente pela chegada dos imigrantes alemães ao Brasil e com muito interesse na produção de vinhos, assim como a chegada de um imigrante italiano muito relevante, João Batista Orsi. Ele se instalou na Serra Gaúcha e, com a concessão de Dom Pedro I para o cultivo de uvas europeias, torna-se o percussor do ramo na região (IBRAVIN, 2019).

A relação do Rio Grande do Sul com a vitivinicultura é de longa data, tanto que em 1835, Manoel Macedo, produtor da cidade de Rio Pardo, consegue a primeira carta-patente para a produção de vinhos no Brasil. Neste ano, sua produção já ocupava algo em torno de 45 pipas por ano.

O ano de 1840 é um marco significativo para a história da vitivinicultura brasileira, pois marca a chegada das uvas Americanas ao território nacional. Thomas Messiter, traz para o Brasil as variedades *Vitis Lambrusca* e *Vitis Bourquina*, que eram mais resistentes a doenças e pragas. Estas variedades foram introduzidas na região da Lagoa dos Patos (Rio Grande do Sul), mas em pouco tempo se alastrou por todo o Estado (ANUÁRIO VINHOS DO BRASIL, 2019).

Na sequência da chegada das uvas americanas ao Brasil, em 1840, uma nova variedade é apresentada aos produtores brasileiros, tornando-se em pouco tempo a uva favorita dos produtores brasileiros da época, a uva Isabel. A evolução da produção de uva Isabel no Brasil é tão rápida, que em 1860 já se verificava vinhedos formados apenas com esta uva em todo o Rio grande do Sul (IBRAVIN, 2019).



O ano de 1875 é um dos mais relevantes na história da vitivinicultura nacional, pois é o ano em que se tem um grande salto produtivo com a chegada dos imigrantes italianos. Na visão do Ibravin (2019), estes imigrantes chegaram ao Brasil trazendo de sua terra natal o conhecimento técnico de elaboração e a cultura do consumo. Eles elevaram a qualidade da bebida e conferiram importância econômica à atividade (IBRAVIN, 2019).

Apenas seis anos depois, em 1881, verifica-se um registro muito importante, é o ano mais antigo de registro de elaboração de vinho no Vale dos Vinhedos – RS, com um indicativo de aproximadamente 500 mil litros produzidos na cidade de Garibaldi. Este número consta no relatório feito em 1883 pelo cônsul da Itália, Enrico Perrod, após visita à região (IBRAVIN, 2019).

Uma das características relevantes que os imigrantes italianos trouxeram ao Brasil é o associativismo, tanto que em 1929 fundam a primeira cooperativa do setor, e em menos de 10 anos, outras 26 cooperativas foram fundadas. O cooperativismo foi fundamental na estruturação do setor vitivinícola nacional, pois trouxe mais competitividade para aos pequenos produtores. Algumas das cooperativas fundadas neste período atuam até os dias atuais, como é o caso da Cooperativa Garibaldi (ANUÁRIO VINHOS DO BRASIL, 2019).

O ano de 1951 também traz um marco muito importante, pois é neste ano que vinícolas estrangeiras iniciam a produção no Brasil. Um dos casos mais emblemáticos é a transferência da vinícola francesa Georges Aubert. O interesse de empresas estrangeiras no país se consolidou na década de 1970, onde novas vinícolas migraram para o Brasil, implantando novas técnicas de produção, novas cantinas e aumentando as áreas produtivas (IBRAVIN, 2019).

O Governo Collor, na década de 1990, também trouxe um novo marco para a vitivinicultura nacional, pois com a abertura comercial do Brasil, novos produtos adentram ao Mercado nacional, trazendo novidade para os consumidores e fazendo com que o setor produtivo aumente a qualidade do produto nacional e inove nas técnicas de produção para que possam competir em termos de igualdade com os produtos estrangeiros.

Por fim, podemos dizer que nos anos 2000 ocorre a consolidação da vitivinicultura no Brasil, com a expansão da cultura por diferentes regiões do Brasil, como é o caso do Vale do Rio São Francisco. Porém, um marco importante acontece no ano de 2002, onde o Vale dos Vinhedos, região marcada pela cultura italiana, conquista a Indicação de Procedência, um grande marco para o agronegócio nacional e para toda a vitivinicultura brasileira.

Diante desta contextualização, esta tese tem como objeto a vitivinicultura no processo de desenvolvimento regional da Serra Gaúcha, inserindo o papel dos imigrantes italianos na transformação da produção vitivinícola na região, e utilizando como base de análise a paisagem

cultural e o território. Estes dois conceitos serão observados, entendidos e analisados a partir de um conceito vastamente utilizado quando da produção de vinhos que é o *terroir*<sup>1</sup>. O *terroir*, de forma simplificada, representa a junção harmônica entre condições climáticas, saber-fazer (cultura) e condições de solo, que permitem a produção de um vinho diferenciado.

A partir da definição do território (Serra Gaúcha) e apropriação do imigrante deste espaço, pode-se entender que a modificação da paisagem natural e cultural se deu pelo olhar das tradições destes imigrantes, que vieram da Itália com a cultura do vinho. A interpretação deste território pelo imigrante italiano, baseado na sua vivência, na sua cultura, juntando-se às características da paisagem natural, proporcionaram a potencialidade deste território para a produção vitivinícola. Isto é, este saber fazer, associado à cultura do vinho, vindos originalmente pelas tradições imigrantes, pode ter sido o fator essencial para o desvelamento da Serra Gaúcha como produtora de vinho. Isto é notório quando se observa, por exemplo, o caso do Vale dos Vinhedos, pois suas qualidades podem ser evidenciadas nos selos das Indicações Geográficas.

Outro fator interessante é a relação entre a vitivinicultura e a geografia cultural, que pode ser explicitada a partir de elementos sociais, tais como, a Capela Nossa Senhora das Neves, no Vale dos Vinhedos, que foi construída com a utilização de vinho como argamassa, visto que quando teve início a construção da capela, uma grande estiagem atingiu a região, e a água ficava muito distante, fazendo do vinho um elemento da construção de um elemento simbólico da fé do imigrante italiano. Outro elemento é a festa da vindima, que marca o início da colheita no Vale dos Vinhedos, e congrega vários elementos: a missa (representando a fé dos imigrantes a partir do catolicismo), a pisa da uva nas barricas (remontando ao método ancestral do processo de produção do vinho); o filó, que consiste no festejo do início da safra, que congrega música, comidas tradicionais, como: salame fresco, queijo colonial, pão colonial, brodo (caldo de galinha), jogos tradicionais italianos (bocha, mora, bíscola, quatrillo e trisete), e vinho.

### **Problema de Pesquisa**

A partir da contextualização do objeto de estudo, pode-se construir o seguinte argumento: a partir da imigração italiana para a Serra Gaúcha, a vitivinicultura começou a se desenvolver de forma considerável na região, tanto pela incorporação de novas variedades, como pelo aprimoramento da parte técnica (*know-how*), o que gerou uma alteração da paisagem

---

<sup>1</sup> O conceito será explorado no capítulo 3 da tese.

natural, proporcionando a estes imigrantes uma identidade territorial. Uma vez familiarizados com o novo território, passaram a constituir suas vidas com a cultura do vinho entremeada na sua rotina, tanto pelo fato do trabalho nas plantações, como também pelo consumo diário nas principais refeições, nas festividades religiosas, na construção das relações entre os vizinhos, no comércio nas bodegas, no filó e na vindima. É interessante perceber que o que era uma atividade de consumo próprio ou pequena comercialização nas bodegas, restrito à comunidade, foi se desenvolvendo a ponto de atualmente, ser o complexo que se entende pelo Vale dos Vinhedos, composto por diversas vinícolas e por consequência, suas ramificações (enoturismo, restaurantes, instituições de pesquisa, tanoeiros, entre outros atores e atividades envolvidas), gerando assim, o desenvolvimento regional.

Diante desta argumentação, a tese apresenta a seguinte pergunta orientadora: como a produção vitivinícola na Serra Gaúcha contribui na consolidação do processo de desenvolvimento regional a partir da vinculação da cultura dos imigrantes italianos e o aproveitamento da paisagem natural?

### **Hipótese**

Considerando a importância da vitivinicultura para o desenvolvimento regional da Serra Gaúcha, este estudo supõe que, dentre as variáveis que compõem o conceito de *terroir*, o conhecimento (saber fazer) adquirido ao longo dos séculos na produção vitivinícola pelos imigrantes italianos, juntamente com a cultura do vinho entremeada em suas atividades cotidianas, e as características da paisagem natural, foram as principais variáveis que contribuíram no processo de desenvolvimento regional.

### **Objetivos**

#### **Objetivo geral**

Analisar como a paisagem natural e o território, juntamente com a cultura dos imigrantes italianos a partir da produção vitivinícola, contribuem no processo de desenvolvimento regional da Serra Gaúcha.

#### **Objetivos específicos**

- Descrever o processo de formação, apropriação e uso do território na Serra Gaúcha pelos imigrantes italianos, juntamente com o processo de espacialização do cultivo da uva na região levando em conta as características da paisagem natural regional.

- Narrar os processos culturais desenvolvidos a partir do cultivo da uva nas levas de imigração para à Serra Gaúcha.
- Discutir o conceito de *terroir* no contexto vitivinícola brasileiro da Serra Gaúcha.
- Analisar a importância das Indicações Geográficas no processo de valorização dos produtos vitivinícolas da região da Serra Gaúcha.

### **Justificativa**

A tese tem como pressuposto analisar como a paisagem natural e o território, juntamente com a cultura dos imigrantes italianos a partir da produção vitivinícola contribuíram no processo de desenvolvimento regional, juntamente com o “saber fazer”, resultando no processo de desenvolvimento da região da Serra Gaúcha. Esta centralidade da pesquisa pode trazer inúmeros indícios para a valorização da cultura regional e a cultura do vinho brasileiro.

Frisa-se que tese não teve como pressuposto abordar os elementos culturais como causalidade para o desenvolvimento regional, mas sim o aspecto relacional dos elementos que compõe a cultura material e imaterial da região com o desenvolvimento da região da Serra Gaúcha. Desta forma, optou-se por verificar o desenvolvimento regional por uma outra ótica, a multidisciplinar.

Esta tese tem como proposta fornecer insumos para a valorização da cultura regional do vinho, tais como produção, festejos, cotidiano dos atores da cadeia, inserção turística, apresentando sua relevância para a Região da Serra Gaúcha, mostrando tanto sua importância econômica como social. Muitos estudos focaram em apresentar a magnitude econômica do setor vitivinícola para a Serra Gaúcha, mas esta tese tem como pressuposto ir além, apresentando um olhar da geografia cultural e suas nuances, como pelo olhar da construção do *terroir* na Serra Gaúcha.

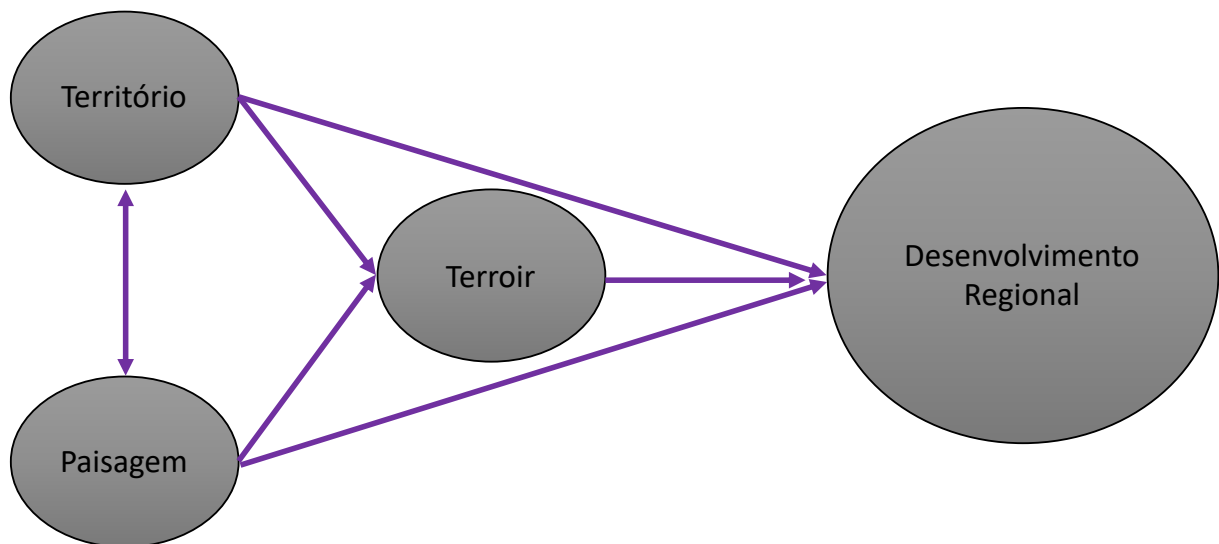
Assim, um dos aspectos inovadores desta tese é a discussão e aprofundamento conceito de *terroir*, inserida nos debates da geografia cultural. O olhar da geografia cultural pode enriquecer muito a discussão deste tema, além de apresentar as bases conceituais apropriadas para a discussão, pois baseia-se na ideia de como o homem estabelece suas relações com o ambiente natural, a partir de práticas culturais. (CORRÊA, 1995).

Como legado para a Universidade de Brasília, esta tese proporcionará mais elementos analíticos baseados no conceito de paisagem, da geografia cultural e o território, além de ser uma futura base de dados para estudos relacionados a vitivinicultura e o desenvolvimento regional. Além disso, fortalecerá ainda mais a interdisciplinaridade e a área da Geografia como uma ciência capaz de responder aos mais diversos problemas de pesquisa.

Um dos grandes desafios desta tese foi construir sua argumentação baseando-se nos conceitos de paisagem, tanto pela transformação da paisagem natural, como pela construção da paisagem cultural, mas também com a formação do território e juntamente com a construção de um *terroir*. A partir destas variáveis, esta tese propõe que tanto individualmente, como conjuntamente, estas variáveis convergem para o desenvolvimento regional.

A grande contribuição teórica desta tese encontra-se na proposição do entendimento do desenvolvimento regional não apenas por variáveis econômicas ou geográficas, mas sim pela conexão destas variáveis, proporcionando uma visão multidisciplinar a respeito do desenvolvimento regional, tendo como pilar, a paisagem, o território e o *terroir*. A Figura 1 demonstra esta proposição.

**Figura 1- Paisagem (natural e cultural), Território, Terroir e o Desenvolvimento Regional**



Fonte: elaboração do autor, 2021.

As definições dos conceitos de paisagem (natural e cultural), território, *terroir* e desenvolvimento regional serão aprofundadas ao longo dos capítulos subsequentes, porém, antecipa-se que nesta tese parte-se do entendimento que em relação ao território e seu uso, compreende-se que:

O uso do território pode ser definido pela implantação de infraestruturas, para as quais estamos utilizando a denominação sistemas de engenharia, mas também pelo dinamismo da economia e da sociedade. São os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo, incluído a legislação civil, fiscal e financeira, que juntamente como o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do novo espaço geográfico (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 21).

Em relação à paisagem, para Sauer (1998, p.23):

a paisagem deve ser pensada como um somatório de características gerais, onde a estrutura e a função são determinadas por formas integrantes e dependentes. Para ele,

a paisagem natural é aquela que reflete as formas e objetos da Natureza, que existe com ou sem o Homem (Sauer, 1998, p.29); já a paisagem cultural se define como aquela resultante da relação do ser humano com a Natureza.

Por *terroir*, a tese iniciou seu embasamento a partir do posicionamento da Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV), que apresenta uma definição oficial para o conceito, que

remete a um espaço no qual está se desenvolvendo um conhecimento coletivo das interações entre o ambiente físico e biológico e as práticas enológicas aplicadas, proporcionando características distintas aos produtos originários deste espaço. (OIV, 2016, p.1)

Em relação ao desenvolvimento regional, a tese propõe o entendimento de que:

O desenvolvimento, em qualquer concepção, deve resultar do crescimento econômico acompanhado de melhoria na qualidade de vida, ou seja, deve incluir “as alterações da composição do produto e a alocação de recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social (pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia)” (VASCONCELLOS; GARCIA, 1998, p. 205).

Destaca-se que o elemento cultural, que é um dos pilares desta tese, é abordado com mais profundidade nos capítulos que abordam o conceito de paisagem cultural. Adianta-se que o capítulo 1 e 2 são os capítulos que abordam com mais afinco a questão, porém, no capítulo de 3, que aborda o conceito de *terroir*, o elemento cultural também é destacado.

Por fim, a tese pode apresentar novas diretrizes de pesquisa para o desenvolvimento regional, como é o caso das indicações geográficas e origens de procedências. Estes podem ser uma base para o estudo destas ferramentas em outras regiões brasileiras, relacionadas, ou não, à vitivinicultura, que tanto se desenvolve pelo Brasil.

Destaca-se também a relevância do tema na vida do doutorando, que há mais de 10 anos se relaciona com o ambiente vitivinícola, tanto pelas tradições familiares e todo o seu envolvimento com a vitivinicultura, como também pela sua produção científica nos últimos anos, que se concentrou em estudos relacionados a vitivinicultura e seus aspectos econômicos e sociais. É importante ressaltar a trajetória acadêmica do doutorando, que acaba moldando a sua proposta de construção de tese. Com sua graduação em economia e o mestrado em agronegócios, a vocação do doutorando acaba por se guiar para estudos relacionados à economia agrícola. Sendo assim, a geografia abriu uma porta que até então não havia sido aberta na academia, incluir neste olhar econômico e social, a perspectiva da cultura, que é o elemento basilar desta tese. Assim, esta tese proporciona uma visão interdisciplinar sobre uma cadeia produtiva, apontando diferentes fatores que podem contribuir no processo de desenvolvimento de uma região.

## **Metodologia**

A tese foi desenvolvida durante o período de estudos no Programa de Pós-graduação de Geografia da Universidade de Brasília, de março de 2017 a março de 2021. Durante este período, foi possível o aprimoramento da literatura relacionada à vitivinicultura, assim como dos conceitos e literatura intrínsecos à geografia e à economia, tanto através das disciplinas cursadas no Programa, como também pelo trabalho de orientação e buscas pessoais.

Destaca-se que, durante o período de doutoramento, visitas exploratórias à Serra Gaúcha foram realizadas, o que proporcionou uma aproximação muito grande com o objeto de estudo, além de facilitar a assimilação do conteúdo teórico com a proposta de estudo. Frisa-se que, durante a execução da tese, mais precisamente no ano de 2020, onde estava prevista a pesquisa de campo, o mundo enfrentou uma das suas piores crises sanitárias dos últimos tempos, a pandemia do coronavírus. Desta forma, a proposta metodológica foi ajustada para este novo momento, onde técnicas alternativas à pesquisa de campo presencial foram utilizadas, além do fortalecimento e apuramento da utilização de dados secundários, que se tornaram fundamentais para o desenvolvimento da tese. (USAID, 1996).

O proposta metodológica escolhida para o desenvolvimento da tese foi a *Rapid Rural Appraisal* (RRA), que segundo Lima (2001), proporciona algumas vantagens em estudos que englobam cadeias produtivas agroalimentares, tais como: maior facilidade para tratar de temas mais complexos; possibilidade de observar o comportamento do entrevistado; maior flexibilidade para obtenção de informações; atenção às necessidades de aprofundamento de temas com perguntas esclarecedoras adicionais; possibilidade de poder explorar temas não previstos, que emergem na entrevista; e necessidade de direcionar a análise para um grupo específico de maneira integrada e com restrições de tempo.

De forma resumida, pode-se dizer que a *Rapid Rural Appraisal* (RRA) apresenta características que se encaixaram perfeitamente no cenário enfrentado pela pesquisa, pois: pode ser considerada um meio termo entre os métodos qualitativos formais de levantamento de direto de informação e as chamadas *surveys* (técnicas com maior estruturação e premissas de representatividade estatística); baseia-se em equipes interdisciplinares; baseia-se em flexibilidade e criatividade; não possui receitas predeterminadas; pode ser aplicada isoladamente ou em complemento a outras técnicas de levantamento de informação; pode oferecer informação qualitativa mais detalhada, complementando informação quantitativa; permite observar o problema a partir de ângulos diferentes; permite a aprendizagem rápida pelos pesquisadores; e permite que os entrevistados sejam selecionados propositadamente, não de forma aleatória. (CASTRO, LIMA, 2011).

A escolha pela metodologia *Rapid Rural Appraisal* (RRA) ocorreu principalmente por se aproximar do que estava proposto na qualificação da tese, onde propunha-se uma pesquisa de cunho qualitativo, porém com um grande número de participantes, divididos em distintos grupos. A essência qualitativa da pesquisa foi mantida, pois a metodologia *Rapid Rural Appraisal* (RRA) tem essa característica, porém o grande grupo de entrevistados foi reduzido, focando as entrevistas com especialistas do objeto estudo. Esta escolha faz com que se tenha uma visão global do objeto e não mais uma visão detalhada pelos atores da cadeia, porém sem perder a qualidade das informações.

A escolha dos especialistas baseou-se na vivência adquirida pelo pesquisador ao longo dos últimos anos em seu contato com o objeto de estudo, assim como na relevância de algumas Instituições para o desenvolvimento da cadeia produtiva, como é o caso da Embrapa, Ibravin e o IFRS. Desta forma, durante os meses de maio, junho e julho de 2020, as entrevistas foram realizadas de forma remota, utilizando ferramentas de reunião online, de acordo com a agenda dos entrevistados.

### **Delimitação do campo de pesquisa**

O foco da pesquisa foi a Serra Gaúcha, no entanto, um dos grandes desafios desta tese foi a delimitação do campo de pesquisa a ser explorado. Esta dificuldade decorreu em virtude dos dados secundários relacionados ao setor vitivinícola não estarem estratificados de forma que proporcione uma análise individual de um município ou microrregião, o que se encontrou foram dados referentes a todo o Estado do Rio Grande do Sul. Desta forma, a tese teve que deixar bem marcado o tipo de dado que estava sendo explorado e muitas vezes realizar inferências destes para caracterizar a região estudada. O conhecimento do pesquisador e sua família na região foi algo que contribui muito na hora das análises.

Como forma de exemplificar a dificuldade encontrada, destaca-se que hoje o Rio Grande do Sul possui quatro regiões produtoras vitivinícola: a região da Campanha; a Serra do Sudeste; os Campos de cima da Serra; e a Serra Gaúcha (foco desta tese). Diante deste cenário, quando apresenta-se nesta tese dados referentes à produção vitivinícola, optou-se por deixar bem claro quando é específico de um município ou região, ou quando trata-se de todo o Estado do Rio Grande do Sul. A Figura 2 apresenta esta distribuição das regiões produtoras vitivinícola do Rio Grande do Sul.



**Figura 2 - Regiões produtoras vitivinícola no Rio Grande do Sul**



Fonte: FALANDO DE VINHOS, 2020, adaptada pelo autor

Diante disso, buscou-se amparo metodológico para definir se o que seria estudado seria o Vale dos Vinhedos (localizado em Bento Gonçalves e pertencente à Serra Gaúcha) ou toda a Serra Gaúcha. Este amparo veio de recortes realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que realiza recortes de microrregiões para suas análises e possuía um recorte que atendia às demandas da tese. O recorte escolhido foi a microrregião de Caxias do Sul - RS, que engloba dezenove municípios, sendo que destes dezenove, os principais municípios produtores vitivinícolas do Brasil encontram-se presentes, como é o caso de Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha e Garibaldi, além de todos estes municípios fazerem parte da Região da Serra Gaúcha.

Os municípios que compõe a microrregião de Caxias do Sul (RS) são: Antônio Prado, Bento Gonçalves, Boa Vista do Sul, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Coronel Pilar, Cotiporã, Fagundes Varela, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Monte Belo do Sul, Nova Pádua, Nova Roma do Sul, Pinto Bandeira, Santa Tereza, São Marcos, Veranópolis, e Vila Flores.

Ao longo da tese, enfatizou-se as principais cidades desta microrregião, como é o caso de Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha e Garibaldi. As demais cidades são abordadas no capítulo que aborda exclusivamente o desenvolvimento econômico da região, porém algumas delas são destacadas nos demais capítulos como cidades que são afetadas direta e/ou indiretamente pela cadeia vitivinícola.

Além deste recorte proporcionar um embasamento estatístico robusto para as análises de dados socioeconômicos pela tese, também foi nestes municípios onde as principais levas de

imigrantes italianos se estabeleceram na Serra Gaúcha. Desta forma, as análises relacionadas aos aspectos culturais e transformações da paisagem natural, também são contempladas neste recorte territorial proposto.

### **Obtenção e análise dos dados**

A fase preparatória da pesquisa consistiu na definição do tipo de metodologia a ser adotada na elaboração da tese. Esta fase caracterizou-se pela escolha dos métodos e estratégias mais adequadas para a realização dos objetivos propostos como alvo do estudo. Conforme mencionado anteriormente, optou-se pela metodologia *Rapid Rural Appraisal* (RRA), que mostrou-se mais adaptativa à realidade enfrentada num momento de pandemia.

Inicialmente, determinou-se o objeto de estudo, a vitivinicultura na Serra Gaúcha e sua importância para o desenvolvimento regional, proporcionando que as demais ações fossem traçadas a partir desta centralidade. Também se destaca que a determinação do objeto de estudo se deu pela familiarização do pesquisador com o tema, por ter relações familiares com residentes na Serra Gaúcha, além das constantes visitas às vinícolas anteriormente aos inícios dos estudos no Programa de Pós-graduação em Geografia (POSGEA). A partir desta definição, iniciou-se uma busca de fontes secundárias para a construção da problemática de pesquisa.

A busca por dados secundários foi feita a partir de pesquisa bibliográfica e concentrou-se em livros, artigos, teses, dissertações e sites especializados no mundo do vinho e na vitivinicultura brasileira. Destaca-se nesta parte as teses construídas, principalmente, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), que concentram um grande número de pesquisas relacionadas a vitivinicultura e por estarem próximas ao recorte espacial da tese.

Outro destaque, agora documental, são os trabalhos realizados por Rinaldo Dal Pizzol, que seria um dos entrevistados da tese, caso não tivéssemos a pandemia. Dal Pizzol foi citado por praticamente todos os entrevistados como uma das grandes referências da história da vitivinicultura da Serra Gaúcha e que possui, em sua propriedade, em Fagundes Varela, um museu da história do vinho da Serra Gaúcha, que seria fundamental no processo de visualização dos elementos utilizados pelos imigrantes italianos ao longo da construção de sua história neste local. Infelizmente a entrevista não pode ser realizada, apesar das tentativas de agendamento online, porém Dal Pizzol possui duas grandes obras, que foram essenciais nesta tese, e que trazem muita riqueza da história da migração italiana para a Serra Gaúcha e o processo de construção da vitivinicultura na região. Estas obras são denominadas por “Memória do Vinho Gaúcho” e “Paisagens do vinhedo Sul-Riograndense”.

Além das obras de Dal Pizzol, uma importante obra que aborda a imigração italiana e que através de um conto narra todo este processo, é a obra “Sonho de um imigrante” de Remy Valduga. Cabe destacar que esta obra foi adquirida para o acervo do doutorando através de uma visita técnica realizada à vinícola Torcello, em junho de 2018, após a participação no VII Congresso Latino Americano de Enoturismo, realizado no Vale dos Vinhedos. Nesta oportunidade, o doutorando foi recebido na vinícola pelo proprietário, Rogério Valduga, que após saber do estudo que estava sendo realizado, doou esta obra. Destaca-se que Rogério é filho de Remy Valduga (vitivicultor, escritor e bisneto de Marco Valduga – primeiro imigrante da família Valduga). Portanto esta obra, além de retratar o histórico da chegada da família Valduga a partir das histórias que foram contadas geração após geração, mostra um pouco da realidade e dificuldades que esta família encontrou ao chegar ao Brasil e à Serra Gaúcha.

Paralelamente à busca por insumos para a construção do objeto de pesquisa, buscou-se, também através de referências bibliográficas, a construção da base teórica. Nesta fase da pesquisa, as disciplinas cursadas ao longo de 2017 e 2018 foram muito importantes para a construção do referencial teórico, ressaltando a importância da disciplina de Geografia Cultural, onde foi possível o aprofundamento da discussão de autores que são os pilares desta tese, como exemplo, Carl Sauer.

Esta tese, conforme mencionado anteriormente, é de natureza qualitativa e apresenta uma linguagem narrativa-descritiva. Esta opção metodológica se mostra adequada aos objetivos propostos e proporciona uma melhor compreensão e apresentação dos dados que foram coletados.

Em relação às técnicas de coletas de dados, optou-se pela utilização de um conjunto de técnicas, ou seja, para cada objetivo, traçou-se uma técnica de pesquisa diferente. De forma global, as técnicas utilizadas serão compostas por: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas semiestruturadas e observação participante (realizada em anos anteriores à pandemia).

Como forma de facilitar a compreensão da metodologia a ser aplicada, criou-se quadros metodológicos. Estes quadros, além de serem norteadores, foram formas de direcionar o que deveria ser feito em cada passo da pesquisa. No Quadro 1, temos a relação dos objetivos com a metodologia a ser aplicada.

**Quadro 1 - Objetivos e a metodologia aplicada**

Objetivos	Metodologia
Analisar como a paisagem natural e o território, juntamente com a cultura dos imigrantes italianos a partir da produção vitivinícola contribuem no processo de desenvolvimento regional da Serra Gaúcha.	Tipologia: qualitativa; narrativa; descritiva. Técnicas de coleta: bibliográfica; documental; entrevista semiestruturada; observação participante.
Descrever o processo de formação, apropriação e uso do território na Serra Gaúcha pelos imigrantes italianos, juntamente com o processo de espacialização do cultivo da uva na região levando em conta as características da paisagem natural regional.	Tipologia: qualitativa; descritiva. Técnicas de coleta: bibliográfica; documental; entrevista semiestruturada.
Narrar os processos culturais desenvolvidos a partir do cultivo da uva nas levas de imigração para à Serra Gaúcha.	Tipologia: qualitativa; descritiva. Técnicas de coleta: bibliográfica; documental; entrevista semiestruturada.
Discutir o conceito de <i>terroir</i> no contexto vitivinícola brasileiro da Serra Gaúcha	Tipologia: qualitativa; descritiva. Técnicas de coleta: bibliográfica; documental; entrevista semiestruturada; observação participante.
Analisar a importância das certificações de procedência e indicações geográficas no processo de valorização dos produtos vitivinícolas da região da Serra Gaúcha.	Tipologia: qualitativa; descritiva. Técnicas de coleta: bibliográfica; documental; entrevista semiestruturada.

Fonte: elaboração do autor, 2020.

Com a definição da metodologia a ser utilizada para atender aos objetivos definidos, a tese propôs a criação de tópicos, que serviram de base para a construção das perguntas do roteiro de entrevista (Apêndice). Esta abordagem, além de facilitar o processo de criação de categorias e subcategorias na análise de conteúdo, proporciona que os dados fiquem organizados e não se afugente dos objetivos propostos. As entrevistas foram realizadas de forma virtual, via Google Meet, e foram devidamente gravadas para posterior extração e análise dos dados coletados. Destaca-se que o roteiro de entrevista semiestruturada foi encaminhada previamente aos entrevistados, o que facilitou a execução e andamento da entrevista. As entrevistas ocorreram

entre os meses de maio e julho de 2020, conforme a agenda e disponibilidade dos atores entrevistados.

Após a coleta dos dados, ocorreu a análise dos dados, que é a etapa na qual se organizaram e aprofundaram todas as informações coletadas durante o processo de pesquisa. Nesta tese, por tratar-se de análise qualitativa, aplicou-se a análise de conteúdo como forma de enriquecer a discussão. Esta análise, segundo Bardin (1977, p.42): “é um conjunto de técnicas de análise de descrição de mensagens, indicadores que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens).

Pode-se dizer que a análise de conteúdo compreende três etapas básicas: (a) pré-análise; (b) exploração do material; (c) tratamento dos dados e interpretação (BARDIN, 1977). A pré-análise refere-se à seleção do material e à definição dos procedimentos a serem seguidos. A exploração do material diz respeito à implementação destes procedimentos. O tratamento e a interpretação, por sua vez, referem-se à geração de inferências e dos resultados da investigação. Nesta última fase, suposições poderão ser confirmadas ou não. (VERGARA, 2015, p.10)

Como forma de executar a etapa de tratamento dos dados e interpretação dos dados, adotou-se o sistema de categorização de conteúdo para análise, que na visão de Franco (2005) e Bardin (1977), é um dos pontos cruciais no processo de análise de conteúdo, pois é uma forma de classificar os elementos formadores de um conjunto, que diferencia e, ao mesmo tempo, reagrupa os conjuntos embasados em analogias determinadas por meio de critérios definidos. (ZANETI, 2017). Desta forma, realizaram-se as seguintes ações: transcrição, leitura do texto das entrevistas e elaboração do índice de categorias.

Ressalta-se que após a degravação e as leituras repetidas e sistemáticas das transcrições, foi possível compreender a essência da fala dos entrevistados, facilitando o processo de criação de categorias de análises e o agrupamento de informações. Diante disso, foi possível codificar as categorias em um processo de transformação e de agregação de dados originais às unidades, viabilizando a descrição de conteúdo e a identificação de palavras-chave (BARDIN, 1977). Ao todo, foram criadas 17 categorias, descritas no Quadro 2.

**Quadro 2 - Categorias de análise**

CATEGORIAS DE ANÁLISE	Vinho e o desenvolvimento regional
	Papel Institucional no Desenvolvimento da vitivinicultura
	Enoturismo e o desenvolvimento regional
	Processo de imigração
	Distribuição da terra
	Produtos e processos (adaptações) de produção

Uso da terra
Quem eram os imigrantes
De onde vieram os imigrantes
O que faziam os imigrantes em sua terra natal
Produção e o consumo de vinho no início das levas de migração
Elementos relacionados ao vinho (religião, família)
Conceito de <i>terroir</i>
<i>Terroir</i> e desenvolvimento regional
<i>Terroir</i> da Serra Gaúcha
Caracterização das Indicações Geográficas da Serra Gaúcha
Papel das IGs no Desenvolvimento Regional

Fonte: elaboração do autor, 2020.

Com a definição das categorias, foi possível organizá-las e inseri-las para a melhor compreensão de cada objetivo proposto. Desta forma, o Quadro 3 sintetiza a relação das categorias pesquisadas e sua relação com os objetivos durante a construção desta tese.

### Quadro 3 - Objetivos e categorias de análise

Objetivos	Categorias
Analisar como a paisagem natural e o território, juntamente com a cultura dos imigrantes italianos a partir da produção vitivinícola contribuem no processo de desenvolvimento regional da Serra Gaúcha.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vinho e o desenvolvimento regional</li> <li>- Lei do Vinho</li> <li>- Papel Institucional no Desenvolvimento da vitivinicultura</li> <li>- Enoturismo e o desenvolvimento regional</li> <li>- Papel das IGs no Desenvolvimento Regional</li> </ul>
Descrever o processo de formação, apropriação e uso do território na Serra Gaúcha pelos imigrantes italianos, juntamente com o processo de espacialização do cultivo da uva na região levando em conta as características da paisagem natural regional.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Processo de imigração</li> <li>- Distribuição da terra</li> <li>- Produtos e processos (adaptações) de produção</li> <li>- Uso da terra</li> <li>- Quem eram os imigrantes</li> <li>- De onde vieram os imigrantes</li> <li>- O que faziam os imigrantes em sua terra natal e posteriormente no Brasil</li> <li>- Variedades de uvas trazidas pelos imigrantes</li> </ul>

Narrar os processos culturais desenvolvidos a partir do cultivo da uva nas levas de imigração para a Serra Gaúcha.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produção e o consumo de vinho no início das levas de migração</li> <li>- Diferença do vinho do dia a dia para o vinho das festas</li> <li>- Rituais de colheita/safra</li> <li>- Elementos relacionados ao vinho (religião, família)</li> </ul>
Discutir o conceito de <i>terroir</i> no contexto vitivinícola brasileiro da Serra Gaúcha	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conceito de <i>terroir</i></li> <li>- <i>Terroir</i> e desenvolvimento regional</li> <li>- <i>Terroir</i> da Serra Gaúcha</li> </ul>
Analisar a importância das certificações de procedência e indicações geográficas no processo de valorização dos produtos vitivinícolas da região da Serra Gaúcha.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caracterização das IGs da Serra Gaúcha</li> <li>- Papel das IGs no Desenvolvimento Regional</li> </ul>

Fonte: elaboração do autor, 2020.

### Definição dos entrevistados

A definição dos atores entrevistados foi uma etapa crucial para o resultado final da tese. Inicialmente pensou-se num grande leque de atores, mas com a pandemia e a migração para a metodologia *Rapid Rural Appraisal (RRA)*, optou-se por sete especialistas, que serão descritos no Quadro 4.

**Quadro 4 - Lista de atores entrevistados**

Entrevistado	Experiência profissional	Justificativa da escolha
Luís Carlos Diel Rupp	Possui graduação em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal de Pelotas (1992) e mestrado em Produção Vegetal pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2005). Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande	O professor Luis Carlos foi escolhido para participar da pesquisa por coordenar o curso de pós-graduação lato sensu em vitivinicultura no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – campus Bento Gonçalves. O Instituto Federal do Rio Grande do Sul – campus Bento Gonçalves, possui

	<p>do Sul. Tem experiência na área de Agronomia, com ênfase em Fitotecnia, atuando principalmente nos seguintes temas: produção orgânica, agroecologia, viticultura, desenvolvimento rural sustentável e agricultura sustentável.</p>	<p>diversos cursos ligadas à vitivinicultura, estes cursos vão desde o curso técnico integrado ao nível médio ao mestrado.</p> <p>Desta forma, ter o relato do coordenador da pós-graduação, que atua em diversos cursos de vitivinicultura do campus Bento Gonçalves, produz pesquisa e extensão voltadas ao tema da pesquisa, foi de sua importância para o desenvolvimento da tese.</p>
<p>Diego Bertolini</p>	<p>Formou-se em Administração de Empresas com especialização em Marketing pela Universidade Cenecista em Bento Gonçalves; Pós Graduado em Marketing de Vinhos pela Escola de Publicidade e Propaganda (ESPM). cursou MBA em Gestão de Negócios pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e no ano de 2016 finalizou o MBA Business Intuition na Faculdade Antonio Meneghetti. Realizou cursos de degustação de vinhos e destilados, incluindo WSET</p>	<p>O convite para participação na pesquisa ao Diego Bertolini se deu primeiramente pelo seu vasto conhecimento do mercado de vinhos brasileiros e mundial, além disso, é atualmente um empreendedor na área de capacitação de brasileiros na área de vitivinicultura, Enoturismo e enogastronomia.</p> <p>Outro fator muito relevante para o convite é sua experiência como superior de marketing na Cooperativa Vinícola Aurora entre 2004 e 2008, e principalmente por</p>



	<p>(Wine &amp; Spirit Education Trust), níveis I, II e sommelier para a Federação Italiana de Sommelier (FISAR). Visitas técnicas realizadas em todas as regiões vinícolas no Brasil e países como: África do Sul, Argentina, Austrália, Canadá, Chile, Estados Unidos, Espanha, França, Itália e Uruguai. Em 2018 finalizou o Wine &amp; Spirits Global MBA por Kedge Bussines School. As seções internacionais foram focadas nos mercados mundial de vinhos e destilados, sendo uma grande oportunidade de troca de experiências com diversos profissionais do mercado de bebidas de países como: Austrália, China, Estados Unidos e França.</p>	<p>sua passagem pelo IBRAVIN entre 2009 e 2019, onde atuou como <i>Sales and Marketing Specialist</i>. O trabalho realizado no IBRAVIN pelo Diego trouxe resultados marcantes para a história do vinho nacional, como é o caso de algumas campanhas de marketing: “Vinhos do Brasil” e “Seu vinho, suas regras”. Diego atuou como presidente da FENAVINHO e ajudou organizar inúmeros eventos na Serra Gaúcha ligados ao desenvolvimento do setor, sendo que um deles foi o VII Congresso de Enoturismo latino-americano, ou seja, tem um vasto conhecimento do turismo da reunião, do mercado e de todo o processo de desenvolvimento regional.</p>
<p>Carlos Raimundo Paviani</p>	<p>Possui Especialização em Marketing pela ESPM (2010). Possui graduação em Ciências pela Universidade de Caxias do Sul (1985) e graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Caxias do</p>	<p>O convite para participação na pesquisa ao Carlos Paviani se deu em virtude de seu brilhante trabalho como Presidente Institucional do Instituto Brasileiro do Vinho, onde esteve por 16 anos (IBRAVIN), assim como</p>

	<p>Sul (2007). Atualmente é diretor da Editora Século Novo Ltda. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação e Marketing. Foi diretor do Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN) por 16 anos.</p>	<p>todo seu envolvimento com a cadeia produtiva vitivinícola da Serra Gaúcha e do Brasil. Além disso, Paviani possui uma vivência muito grande com as questões vitiviníferas da Serra Gaúcha, e seu olhar multidisciplinar, pois para além de sua relação com o IBRAVIN, fundou em 1986, em Flores da Cunha, o jornal local “O Florense”, que é semanário e completou 34 anos no ano de 2020. Além disso, trabalhou como secretário de cultura de turismo de Flores da Cunha de 1989 a 1993.</p> <p>Ajudou a estruturar o curso de turismo da Universidade de Caxias do Sul, onde foi defensor da disciplina de Cultura e Turismo, pois sempre acreditou que a cultura era algo importantíssimo para o sucesso do turismo regional.</p> <p>Em 1995 passou a assessorar a Associação Gaúcha de Vitivicultores (AGAVI), com sede em Flores da Cunha e na época, com mais de 70 empresas vinícolas,</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>onde ajudou a organizar o Primeiro Seminário do Vinho Gaúcho, e posteriormente mais duas edições do mesmo. Além disso, assessorou outras Associações e Cooperativas até chegar à Presidência do IBRAVIN em 2003, onde ficou até 2019.</p> <p>Pode-se dizer que Carlos Paviani acompanhou e vivenciou a vitivinicultura brasileira e da Serra Gaúcha nos últimos 40 anos, se tornando um ator chave para esta tese.</p>
<p>Kelly Bruch</p>	<p>Pós-Doutora em Agronegócios pelo CEPAN/UFRGS. Doutora em Direito pela Université Rennes I, France em co-tutela com a UFRGS. Mestre em Agronegócios pelo CEPAN/UFRGS. Especialista em Direito e Negócios Internacionais pela UFSC. Graduada em Direito pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora do Departamento de Direito Econômico e do Trabalho, da Faculdade de Direito da</p>	<p>A professora Kelly Bruch foi convidada a participar da pesquisa devido a sua experiência na área de vitivinicultura, construídas tanta na carreira acadêmica (como pesquisadora e extensionista), assim como na sua passagem pelo Insituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN), de 2005 a 2018. Nesta passagem pelo IBRAVIN pode acompanhar mudanças significativas na cadeia produtiva vitivinícola, atuando como Consultora</p>

	<p>UFRGS. Professora do Programa de Pós Graduação (mestrado e doutorado) do Centro em Estudos e Pesquisas em Agronegócios - CEPAN/UFRGS. Professora do PROFNIT (Mestrado Profissional em Rede Nacional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação) no Ponto Focal IFRS. Membro da Comissão Especial de Propriedade Intelectual da OAB/RS.</p>	<p>Jurídica na área de Direito do Vinho no âmbito dos direitos de Propriedade Intelectual, Proteção de Cultivares, Indicações Geográficas, Legislação Vitivinícola, Direito Econômico, Direito Internacional, bem como Análise e Elaboração de contratos e convênios relacionados com o tema, além do acompanhamento, da elaboração e reformulação da legislação vigente.</p>
<p>José Fernando da Silva Protas</p>	<p>Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1976), mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1979) e doutorado em Desenvolvimento Rural pela Universidade de Évora (1997). Atualmente é pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).</p>	<p>O pesquisador José Fernando da Silva Protas foi convidado a participar da pesquisa devido à relevância da sua atuação nas pesquisas desenvolvidas na EMBRAPA, onde hoje é Diretor da unidade de Bento Gonçalves (Embrapa UVA e Vinho). Destaca-se entre as pesquisas coordenadas pelo Protas o seu foco no desenvolvimento das Indicações Geográficas, um dos objetivos de pesquisa desta tese. O seu</p>

		<p>conhecimento na construção e implementação destas Indicações Geográficas foi de grande valia para o desenvolvimento desta tese. Além disso, coordena projetos voltados à variação de novas variedades de cultivares, que vem ganhando destaque em todo o Brasil, como é o caso de algumas variedades implementadas pela Embrapa no Vale do rio são Francisco.</p>
<p>Hermes Zaneti</p>	<p>Advogado e mestre em ciências políticas pela Universidade de Brasília. Deputado Constituinte, autor da Lei do Vinho (Lei nº7.678 de 8 de novembro de 1988) e presidente da Câmara Setorial da cadeia produtiva da uva, vinho e derivados.</p>	<p>O convite para participação do Deputado Constituinte Hermes Zaneti se deu em virtude da participação ativa na criação da Câmara Setorial da cadeia produtiva da uva, vinho e derivados, além de ser o autor da Lei do Vinho (Lei nº7.678 de 8 de novembro de 1988). Na década de 1990 passou a atuar junto à Cooperativa Vinícola Aurora, em Bento Gonçalves (RS), para coordenar as negociações das dívidas que comprometiam a sobrevivência da Cooperativa e o meio de vida</p>

		<p>de 1.300 famílias da região. Nesse período se tornou superintendente da Cooperativa, tendo atuado mais tarde como consultor e membro do seu conselho consultivo até agosto de 2008.</p> <p>A participação de Hermes Zaneti foi fundamental e muito enriquecedora para a tese, pois além de ser natural de Veranópolis e ter uma história muito forte com a vitivinicultura brasileira, sua atuação frente à Cooperativa Vinícola Aurora é um marco da vitivinicultura brasileira, pois caso a Cooperativa Aurora viesse à falência, provavelmente a história atual da vitivinicultura brasileira seria outra, pois hoje, falamos da maior vinícola do Brasil.</p>
<p>Roberto Cainelli Júnior</p>	<p>Possui curso técnico em enologia onde se formou no ano de 2008 e tecnológico em vitivinicultura e enologia em 2013, ambos pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul</p>	<p>O convite para a participação do Roberto Cainelli Júnior se deu em virtude de sua atuação como profissional da nova geração de vitivinicultores da Serra Gaúcha, uma geração que enfrenta fortes desafios para</p>

	<p>É gestor e enólogo da vinícola Cainelli, localiza no Distrito de Tuiuty em Bento Gonçalves.</p>	<p>dar continuidade ao legado de suas famílias, mantendo as tradições, mas ao mesmo tempo enfrentando dificuldades para implementar inovação em virtude de resistência de gerações anteriores.</p> <p>Este olhar é muito importante para compreender o futuro da vitivinicultura da Serra Gaúcha.</p> <p>Além disso, Cainelli é o atual Diretor da FENAVINHO, realizada em Bento Gonçalves, que é a maior Feira de Vinhos da América Latina, proporcionando um conhecimento macro de todos os acontecimentos que envolvem a cadeia produtiva vitivínola.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: elaborado pelo autor.

### **Estruturação da tese**

A tese está estruturada em seis grandes seções. A primeira seção é composta pela introdução, que é responsável por trazer a contextualização do objeto, problemática, objetivos, justificativa e metodologia. A segunda seção, denominada Capítulo 1, é destinada a atender um dos objetivos específicos da tese, que é a descrição do processo de formação, apropriação e uso do território na Serra Gaúcha pelos imigrantes italianos, juntamente com o processo de espacialização do cultivo da uva na região levando em conta as características da paisagem natural regional. Na terceira seção, determinada como Capítulo 2, busca-se narrar os processos culturais desenvolvidos a partir do cultivo da uva nas levas de imigração para a Serra Gaúcha,

que também é um dos objetivos específicos da tese. A seção quatro, denominada Capítulo 4, é responsável por atender a dois objetivos específicos da tese, discutir o conceito de *terroir* no contexto vitivinícola brasileiro da Serra Gaúcha e analisar a importância das certificações de procedência e indicações geográficas no processo de valorização dos produtos vitivinícolas da região da Serra Gaúcha. Já a quinta seção, denominada Capítulo 5, é responsável por atender ao objetivo geral da tese, ou seja, analisar como a paisagem natural e o território, juntamente com a cultura dos imigrantes italianos a partir da produção vitivinícola contribuem no processo de desenvolvimento regional da Serra Gaúcha. Por fim, na última seção, que consiste nas considerações finais, apresenta-se uma análise geral da tese e se os objetivos propostos foram atingidos. Além disso, tem-se as Referências e o Apêndice.



## **1. PROCESSO MIGRATÓRIO E INÍCIO DA ATIVIDADE VITIVINÍCOLA NA SERRA GAÚCHA**

Este capítulo tem como objetivo descrever o processo de formação, apropriação e uso do território na Serra Gaúcha pelos imigrantes italianos, juntamente com o processo de espacialização do cultivo da uva na região levando em conta as características da paisagem natural regional. Desta forma, a compreensão do processo migratório, de onde vinham os imigrantes, o que faziam em sua terra natal, a forma de distribuição das terras, os produtos e processo desenvolvidos na colônia, e a forma de uso da terra são elementos chave abordados no capítulo., que utilizou no processo de construção, dados da pesquisa bibliográfica, como da pesquisa documental e das entrevistas.

### **1.1 Contexto migratório**

O contexto do processo imigratório dos colonos italianos para o Brasil é marcado por uma Itália com uma grave crise socioeconômica, que deixava os potenciais imigrantes numa situação de vulnerabilidade em sua terra natal e dispostos a se arriscar em condições desconhecidas do outro lado do oceano Atlântico. Vários autores corroboram este cenário, como pode ser visto em Dal Pizzol e Sousa (2014), que afirmam que a Itália passava por sérios problemas socioeconômicos oriundos do processo de unificação nacional. A fala de Valduga (2012, p.15) retrata esta passagem do processo de unificação da Itália e a dificuldade em realizá-la: “Há um grande esforço para integrá-la num só reino que una a vida socioeconômica e cultural dos estados “divorciados”, mas a estrutura da nação continua uma verdadeira colcha de retalhos: cada estado ou região conserva sua identidade histórica”.

A realidade italiana neste período era de muita dificuldade e não faltavam motivos para estes colonos se arrisquem com suas famílias num processo de emigração. Um dos principais fatores que contribuíram neste processo foram as condições críticas da agricultura, que era a base de sustentação destas famílias. Dal Pizzol e Sousa (2014, p.59-60) elucidam esta passagem alegando que: “a agricultura passava por consideráveis dificuldades, (...) os problemas decorrentes do mau uso contínuo da terra, a concentração de peronospera nas videiras, já desgastadas pelo oídio enfim, um quadro pouco animador para se desenvolver agricultura lucrativa”. Além destes problemas destacados, Valduga (2012) aponta que a agricultura internacional neste período também passava por dificuldades, o que refletia diretamente nas exportações italianas, forçando cada vez o preço dos produtos produzidos para baixo. Complementando e coroando este cenário de crise, destaca-se que a prioridade do governo

italiano passa a ser a industrialização da região central do país, deixando as políticas agrícolas em segundo plano.

A revolução industrial que borbulhava na Europa e transformava a economia de seus países, acabou influenciando fortemente na vida, principalmente, destes trabalhadores rurais, camponeses italianos. Giron (1980, p.49) contextualiza esta passagem que a Europa enfrentava, afirmando que:

As máquinas que, em parte, aumentaram os capitais e a burguesia, e, em parte desalojaram os operários de suas ocupações, garantiram a expansão em direção à América. A mesma expansão técnica que expulsava os homens garantiria seu transporte para outras terras, através dos navios à vapor. A Europa passou a exportar em larga escala produtos industrializados, religião, costumes, ideias, e, especialmente, europeus.

A questão agrária que influenciou a vida e o destino dos camponeses italianos apresenta correlação com o processo de unificação que este enfrentou. Neste processo, o fracionamento de terra apresentou duas principais características, a dos grandes latifúndios e os minifúndios, que abarcava boa parte destes camponeses e apresentava, segundo Filipon (2007, p.18): “em média de 2,5 hectares, incapazes de gerar o sustento de uma família”.

Este cenário instabilidade social, baixos preços nos produtos agrícolas, desemprego, entre outros fatores, contribuíram consideravelmente no processo de emigração dos italianos. No referente aos pequenos minifúndios destes camponeses, Filipon (2007, p.18) destaca que: “as pequenas terras acabavam, então, nas mãos dos grandes proprietários. A maioria dos colonos italianos não era proprietária de áreas cultiváveis; eles trabalhavam para os senhores das terras.”. Valduga (2012, p.16) narra de forma clara este momento:

Condições morais tão precárias que atingem a dignidade, aliadas ao anseio de liberdade daqueles cujo repouso sempre foi o cansaço, vêm se constituindo na mola propulsora que detona e faz emergir este fenômeno chamado de emigração, na qual, milhares de italianos, especialmente os mais pobres, buscam, do outro lado do oceano, conseguir o que a Pátria mãe lhes negou: dignidade. Outras razões que estão forçando os italianos a abandonarem seus países: as terras das montanhas do norte estão erosivas e a rotina de cultura as tornam mais improdutivas; nas planícies, os senhores são donos de tudo e exigem altos percentuais. As pequenas cruzeiras de lenho cravadas sobre a terra nos quintais das casas são testemunhas de crianças mortas, vítimas da desnutrição e da falta de cuidados básicos. Sem contar as intermináveis guerras contra a Áustria, tingindo de sangue o território trentino. (VALDUGA, 2012, p.16)

O camponês italiano, comparado aos demais habitantes rurais dos outros países europeus, apresentava características que dificultava o seu processo de adaptação ao novo modelo econômico que se desenhava na Europa, “eram os mais atrasados, com índices de analfabetismo elevado, (...). Começava a sobrar gente nos campos e as cidades não estavam em condições de absorver tantas pessoas” (FILIPON, 2007, p.18). De Boni e Costa complementam:

A médio prazo, parecia que a Itália teria que optar entre duas soluções: a de reformas de base – modificando principalmente o sistema fundiário e a distribuição dos encargos sociais – e a revolução de cunho socialista. Em vez de uma destas

alternativas, surgiu, porém, a emigração em grande escala, permitindo à classe dirigente manter e mesmo aumentar seus privilégios, enquanto os pobres rumavam, em número incalculável para outros países, principalmente de além-mar. (DE BONI; COSTA, 1982, p.52)

Diante deste momento crítico, a busca por melhores condições para estas famílias é algo iminente. Neste momento, o Brasil estava ampliando o povoamento de regiões inabitadas e inexploradas pela coroa portuguesa, principalmente na região sul e sudeste, o que acabou coincidindo com as condições precárias na Itália. Diante deste cenário, Itália e Brasil acertam o acordo para o processo de emigração, onde segundo Dal Pizzol e Sousa (2014, p.59), a Itália: “diante das bases propostas pelo Brasil, concordou com o projeto de imigração e permitiu a saída organizada dos cidadãos que assim o quisessem. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.59)

O processo de imigração para o Brasil fazia parte de um grande empreendimento estatal do governo imperial brasileiro, que tratava a questão da vinda de imigrantes como elemento central no desenvolvimento da economia brasileira. O governo imperial, com a indisponibilidade de escritórios de propaganda ou qualquer organização própria no exterior, “foi obrigado a entregar a procura do imigrante a empreendedores que, por sua vez, confiaram o aliciamento às próprias companhias de navegação”. Cenni (2007, p.221) narra este processo de aliciamento de imigrantes:

as companhias colocaram representantes ou agentes em todas as cidades, grandes e pequenas, até em longínquos e perdidos lugarejos a fim de ‘fazerem a carga’. O proprietário que perdera suas terras confiscadas pelas dívidas; o negociante falido; o desempregado que já não tinha esperanças ou o pobre camponês analfabeto ouviam de pessoas que talvez nunca tivessem visto o Brasil sequer num mapa as afirmações mais estimulantes. Aquele era o paraíso, o próprio Éden, onde o dinheiro surgia nas ruas, obrigando apenas ao trabalho, nem sempre incômodo de recolhê-lo.

Os acordos pré-estabelecidos entre Brasil e Itália não garantiam a doação de terras, equipamentos e insumos agrícolas para estes imigrantes. Na verdade, estes imigrantes pagaram por suas terras e os adiantamentos que recebiam para terem uma condição mínima de sobrevivência durante o período de instalação. Somente as passagens foram arcadas pelo governo brasileiro, sendo os lotes coloniais e as ajudas de custo pagos ao governo imperial brasileiro num período de longo prazo (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014).

Uma das características do acordo entre Brasil e Itália era de que o Brasil iria sustentar os imigrantes italianos gratuitamente durante os primeiros catorze dias após a chegada destes em território brasileiro, e que seria concedido, para cada imigrante com mais de 12 anos e menos de 48 anos, um empréstimo de trinta mil réis, mais sementes e ferramentas para as duas primeiras colheitas. Outra característica marcante do acordo era que quando os imigrantes chegassem ao Brasil, ficariam instalados em núcleos coloniais e oficiais, onde ficariam sob a proteção do governo imperial no primeiro ano. Caso não se adaptassem à colônia para a qual fora designado, poderiam pedir transferência para outro núcleo, desde que houvesse meio de transporte viável. Já em relação ao retorno à Itália, Valduga (2012, p.71) menciona que: “só tinha direito de voltar para seu país, com todas as despesas pagas as viúvas, os órfãos e os

inválidos para o trabalho”.

De acordo com as características gerais do lote, o valor da terra oscilava entre 200\$000 e 300\$000, somando-se 120\$000 de uma casinhola de madeira de 4x8 metros, cujo somatório o colono se obrigava a pagar em 5 anos, embora o próprio governo houvesse flexibilizado o prazo, tolerando o pagamento em 10, 15 e mais anos. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.60)

Acredita-se que entre 1884 e 1894 mais de sessenta mil italianos vieram ao Brasil, mais precisamente ao Rio Grande do Sul. O processo de imigração envolvia uma longa viagem de navio e a passagem pelo porto do Rio de Janeiro e/ou São Paulo e por fim o de Rio Grande. Segundo Dal Pizzol e Sousa (2014, p.60), estes imigrantes: “aportavam no Rio de Janeiro, cumpriam quarentena e, depois, partiam para Rio Grande, onde eram hospedados na Casa do Imigrante e recebiam os cuidados do governo imperial”.

Este processo de vinda ao Brasil foi extenuante para os imigrantes italianos, pois implicava numa longa viagem em condições, muitas vezes, precária. Valduga (2012, p.57) narra uma passagem de como era o cenário dentro dos navios, onde: “colonos se comprimem junto a porcos, cabras, galinhas e outros animais”. Além deste cenário precário encontrado na viagem pelo Oceano Atlântico, o processo imigratório dentro do Brasil, após a chegada ao Porto de Rio Grande, até a chegada à Serra Gaúcha, era longo e cansativo. Dal Pizzol e Sousa detalham esta passagem:

Após breve descanso em Rio Grande, seguiam viagem fluvial para Porto Alegre e, de lá, para São João de Montenegro ou para Porto dos Guimarães (São Sebastião do Caí). A partir dessas localidades, a viagem prosseguia em condições mais do que precárias: o deslocamento era feito por terra, em cavalos, carroças, charretes e outros veículos de tração animal, de propriedade dos colonos alemães por ali assentados, que alugavam ao governo e conduziam os colonos até pontos atingíveis em direção ou no próprio destino. Em comuns aqueles comboios de animais e pessoas em fila, estas carregando malas e sacolas às costas. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.60)

O Brasil do século XIX é caracterizado por ser um país continental, porém com baixíssima população, algo em torno de 10 milhões de habitantes, e que se concentrava principalmente na faixa litorânea. Portanto, o processo de interiorização era algo desejável pelo governo imperial, principalmente na região sul do país. Na visão de Dal Pizzol e Sousa (2014, p.57), “existiam, pois, imensas áreas para serem exploradas, colonizadas e desenvolvidas, entre as quais as terras do sul do país, com grandes potenciais econômicos e insignificante atividade produtiva”.

Outra característica marcante do Brasil do século XIX é referente a sua população, que tem como base de sua formação social a mescla de várias etnias, destacando-se: o índio nativo, o africano escravo e o português colonizador. Uma das principais características desta sociedade era o trabalho escravo, que a partir de 1850, muito em virtude das pressões da

Inglaterra, acabou-se encerrando, tendo como marco o fim do tráfico negreiro. Diante desta nova realidade, “a busca por mão-de-obra livre tornou-se uma necessidade, seja para laborar na lavoura cafeeira, seja para o restante da agricultura nacional”. (FILIPON, 2007, p.20)

Este Brasil que os imigrantes italianos vieram colonizar já havia sido alvo do governo imperial em outros momentos. Em períodos anteriores a 1875, ano da chegada da primeira leva de imigrantes italianos, o Brasil já havia tentado a colonização da região da Serra Gaúcha com imigrantes suíço-franceses, algo em torno de 48 famílias, mas que “diante das dificuldades, ao término das antecipações financeiras de assistência governamental, se retiraram, em quase sua totalidade, sem que houvesse sido abatida uma árvore sequer”. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.59)

Os registros históricos apontam para o ano de 1868 como indício de colonização na região da Serra Gaúcha pelos imigrantes suíço-franceses, que só se arriscaram na parte das terras mais planas aos pés da serra, não concretizando o processo de desbravamento e povoação das áreas de cima da Serra. Diante deste cenário, desenha-se um grande projeto colonizador com a presença dos imigrantes italianos, que após o tratado entre Brasil e Itália abriu as portas do Brasil para este personagem marcante da história da Serra Gaúcha, o colono italiano.

O Rio Grande do Sul que os imigrantes italianos encontraram em sua chegada era bem diferente da realidade que os imigrantes alemães enfrentaram, pois neste momento havia um aumento populacional considerável, além da instalação de uma infraestrutura mínima para o desenvolvimento da economia local (FILIPON, 2007). Em levantamento realizado por De Boni e Costa (1982, p.63) “a população provincial saltara de 110 para cerca de 440 mil pessoas. Em vez de 5 municípios eram agora 28, divididos em 73 paróquias. A cidade de Porto Alegre contava com 30.583 habitantes, pelos dados do recenseamento de 1872”. Estes dados referentes ao retrato do Rio Grande do Sul no final do século XIX pode ser exemplificado na descrição de Giron (1980, p.61), onde:

A Província em 1872, possuía 5/6 da população concentrada da Depressão Central e Litoral, e apenas 1/6 na Encosta Inferior do Planalto. Eram extensas as áreas de terras devolutas, ainda não povoadas. Estas terras correspondiam à região das matas que cobriam as encostas do Planalto, as quais não tinham interessado aos criadores de gado, que haviam se instalado na região dos campos, tanto da campanha, como sobre o Planalto. A imigração alemã em sua expansão, seguiu os vales dos rios da Depressão Central, interrompendo-as nas encostas inferiores da Serra Geral. Assim, a encosta superior permanecia desabitada.

Este imigrante italiano que estava prestes a fazer parte do processo colonizador da Serra Gaúcha pertenciam a três principais regiões da Itália: a Lombardia, Vêneto e Trento. A Figura 3 apresenta o mapa estas regiões de onde saíram as principais levas de imigração para o Brasil.

**Figura 3 - Regiões de onde saíram as principais levas de imigração para o Brasil**



Fonte: elaborada pelo autor.

O fluxo de imigração aconteceu, principalmente, até 1884, quando se encerra a concessão gratuita de bilhetes transoceânicos por parte do governo imperial brasileiro. Dal Pizzol e Sousa (2014, p.59), retrata que: “Em 1875, começavam a chegar as grandes levas de famílias italianas, que se agarravam tenazmente às terras, com a companhia de alguns poucos franceses que tiveram coragem de ficar e batalhar”. Luis Carlos Dial Rupp, também reforça a identidade deste momento, onde:

neste período se tem uma crise econômica na Itália, assim como em toda a Europa, que atingiu muito fortemente a região norte da Itália, principalmente após a questão da unificação do território italiano. A região do Vêneto, antiga república do Trivêneto, e de onde veio maioria dos imigrantes italianos para o Brasil, era uma região muito importante na Itália, mas que após as lutas contra Napoleão Bonaparte acabou empobrecendo, e que logo depois enfrentou a guerra de unificação italiana, o que prejudicou ainda mais a situação da região. Este processo interno da Itália coincide com a abertura do Brasil a vinda de imigrantes para suprir a mão-de-obra decorrente do fim da escravidão. Essa onda começa com a chegada de alemães, um pouco antes do fim da escravidão, e posteriormente a vinda das ondas de imigração italiana. (Luís Carlos Dial Rupp)

A contextualização da chegada dos imigrantes italianos à Serra Gaúcha também é abordada por Carlos Paviani, um dos entrevistados, que aponta alguns possíveis elementos que contribuíram pra vinda destes imigrantes para o território brasileiro

A Itália vivia um momento de recém unificação italiana, a Itália não era dividida como é hoje, tanto que até hoje se tem regiões autônomas na Itália. Nesta unificação houve guerras, combates internos, tanto que Giuseppe Garibaldi, herói de dois mundos, após

a revolução farroupilha foi de volta para atuar na reunificação da Itália. Então, a Itália saiu empobrecida, além de outras variáveis que atingiam a Europa. Provavelmente, não está escrito muito claramente, era um período em que a vitivinicultura estava se iniciando, nos finais do século XIX, a filoxera, que dizimou muitos vinhedos (Luís Carlos Dial Rupp).

Neste cenário, os imigrantes vêm ao Brasil, logo após o período da abolição da escravidão (1888), principalmente nas fazendas de café, mas também na região sul do Brasil. No sul se estabelecem as colônias, onde no Vale dos Sinos já haviam sido ocupadas pelos alemães, então surgiram as quatro colônias de imigração, três na Serra Gaúcha, e a quarta colônia na região de Santa Maria.

A realidade que este imigrante italiano encontrou ao chegar à Serra Gaúcha era desencorajadora e ao mesmo tempo assustadora, visto que o que encontraram não era uma terra pronta para o cultivo como haviam se prometido, mas sim uma terra que precisava ser aberta, desmatada, e este esforço braçal, deveria ser feito por estes imigrantes, recém-chegado e com pouquíssimas ferramentas fornecidas pelo governo imperial, conforme exemplificado na Figura 4.

**Figura 4 - Cena típica de derrubada e queimada da floresta pelo imigrante italiano**



Fonte: DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.61

Dal Pizzol e Sousa (2014, p.57) descrevem o cenário que este imigrante recebeu do governo imperial brasileiro, onde:

em particular, as terras da Serra Gaúcha permaneciam cobertas por florestas e pinheirais, somente patrulhadas pelos seus habitantes originais, bugres e animais selvagens. Era assim que constituíam uma zona inexplorada pela Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, que despertava grandes interesses dos governantes para ali implementar um ambicioso projeto colonizador de inclusão no conserto das áreas

produtivas. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.57)

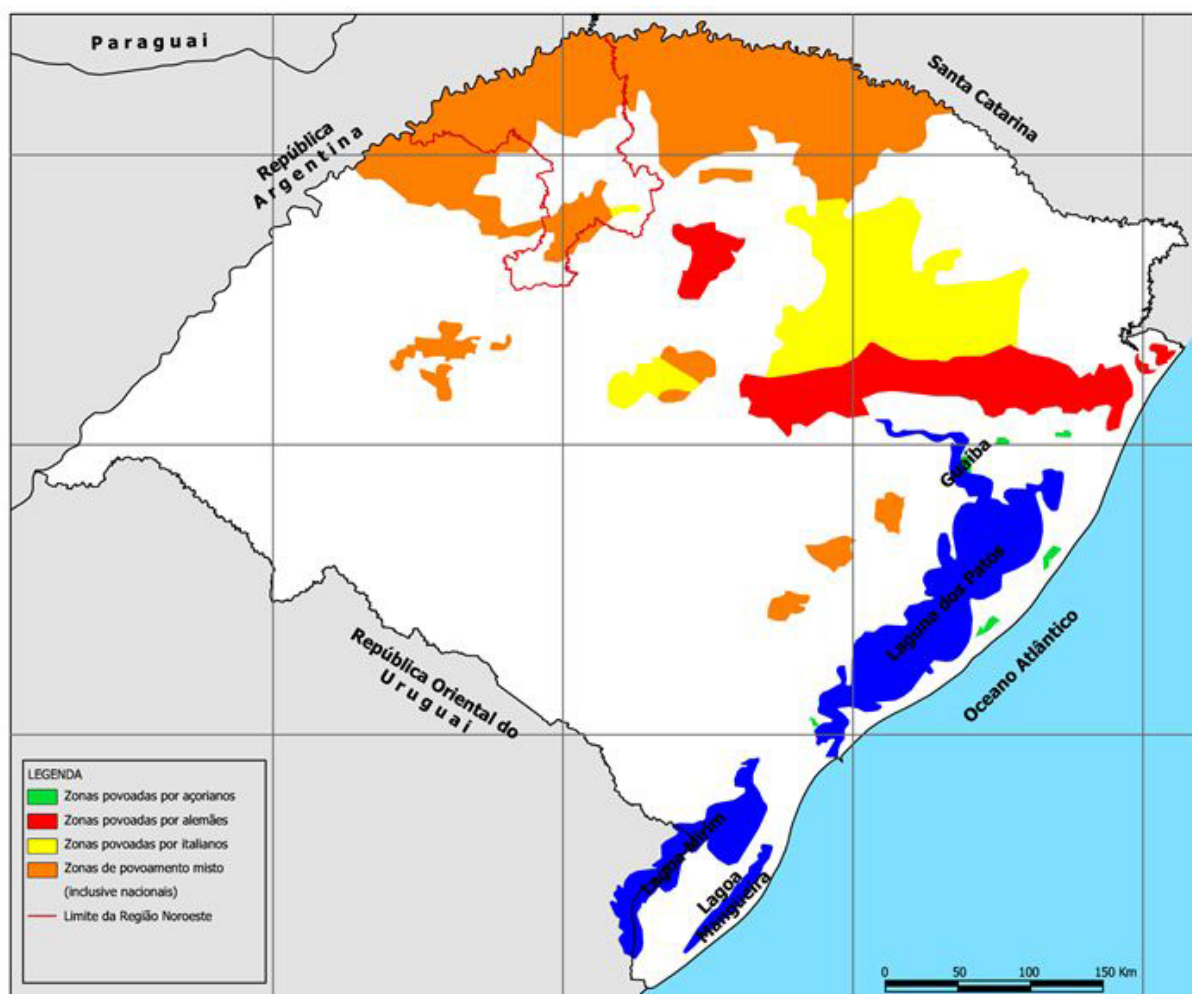
Filipon (2007) ressalta a realidade encontrada pelo imigrante italiano, pois o nordeste do rio Grande do Sul (localização da Serra Gaúcha) não era o sonhado “Paese di Cuccagna”; mas diferente disto, estes imigrantes se depararam com uma densa floresta de pinhais, áreas com significativas depressões, com grande variação climática. Além desta realidade encontrada, outro elemento marcante do processo de distribuição de terras e seu formato, onde segundo Frosi e Mioranza (1975, p.39) “foram divididas em Linhas ou Travessões e estes em lotes coloniais numerados, as divisões eram feitas, em geral sobre mapas, não respeitando acidentes geográficos a não ser os de maior relevo como o rio das Antas e afluentes”. Luís Carlos Diall Rupp também apresenta uma versão interessante, onde:

os alemães ocuparam primeiro a região localizada no Vale dos Sinos, na região de Porto Alegre, que era uma região ocupada mais por fazendeiros e estanceiros de gado, o pessoal do charque. No caso dos imigrantes italianos sobrou o espaço seguinte, que era a Serra Gaúcha, onde receberam uma terra que basicamente era mato, vegetação de Mata Atlântica, montanhosa e virgem, ou seja, tiveram que desbravar a região. Quando se conversa com o pessoal mais antigo aqui da região e escuta as histórias das famílias, é mencionado que as famílias primeiramente tinham que construir uma casa de pedra ou algo parecido com uma toca, derrubar o mato, colocar fogo neste mato, plantar, para que daqui a seis meses pudessem colher o milho ou um trigo, dependendo de quando chegava. (Luís Carlos Dial Rupp)

A Figura 5 apresenta como se deu o processo de distribuição das principais levas de imigração no Rio Grande do Sul, conforme destacado na fala anterior de Luís Carlos Dial Rupp.



**Figura 5 - Mapa da imigração no Rio Grande do Sul**



Fonte: GASS; VERDUN; MANTELLI, 2014, p.1

Com esta realidade posta, os imigrantes italianos ao chegarem na área onde seria realizada a distribuição dos lotes coloniais tinham que aguardar por dias ou até mesmo meses. A espera pela determinação do lote era realizada em barracões improvisados, enquanto a comissão designada pelo governo imperial fazia o trabalho topográfico e os traçados dos futuros lotes. Um fato curioso e característico da Região da Serra Gaúcha até os dias atuais é referente ao tamanho dos lotes, que inicialmente teriam um tamanho máximo de 63 hectares, mas que na concepção do imigrante italiano, acostumado a trabalhar e viver em pequenas propriedades, era algo imenso e ao mesmo tempo assustador.

As novas dimensões e a cobertura de misteriosas matas causavam ao imigrante mal-estar, medo e sensação de total isolamento em relação aos vizinhos. Por esses detalhes, ocorreram muitas reclamações, que foram sendo atendidas pelos responsáveis da Comissão; assim, as áreas foram sendo reduzidas, gerando lotes coloniais, sucessivamente, de 44, 30, e 25 hectares.” (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.60)

A definição dos vinte e cinco hectares por família é algo que até hoje é possível identificar na Serra Gaúcha, onde, segundo Valduga (2012, p.71): “cada família de imigrantes recebeu um lote de terras medindo duzentos e vinte metros de frente por mil metros de fundo”. Esta passagem é marcante pois traz os primeiros elementos da influência do imigrante italiano na formação da paisagem da Serra Gaúcha. Esta reclamação referente ao tamanho do lote, que ia totalmente contra a lógica da ruralidade e produção deste imigrante italiano, que os isolava da família e vizinhos, é um primeiro marco da alteração da paisagem natural da Serra Gaúcha e o início da formação da paisagem cultural, bem como do processo de formação do território apropriado pelos imigrantes. No processo de apropriação e utilização do território, principalmente no ambiente rural, a proximidade com familiares e vizinhos é muito significativa, e Giuseppe Dematteis (1964):

Tece uma abordagem relacional, considerando interações territoriais (transescalares) entre diferentes lugares e pessoas. (...) No mundo rural, efetivam-se relações com a terra, na família, com os vizinhos, na comunidade e com sujeitos da cidade. Esses indivíduos se interagem, especialmente, cultural (psicológica) e economicamente: essas são suas territorialidades cotidianas (SAQUET, 2015, p.49).

Alguns outros autores ajudam a confirmar a realidade descrita por Valduga (2012) e Dal Pizzol e Sousa (2014), como é o caso de Filipon (2007), onde afirma que se observando o mapa das colônias, “verifica-se que essas linhas eram desenhadas no sentido norte-sul, e que as colônias apresentavam formatos retangulares, com medidas variáveis em média correspondendo a 200 metros de frente e 1.000 metros de profundidade”, o que gera um lote médio de 20 hectares. Este tamanho de lote proporciona a formação de um novo tipo de comunidade rural, baseado na pequena propriedade de terra.

As características dessa região é ter uma topografia acidentada, com muitos vales e rios. Os lotes eram divididos em 18, 25 ou até 36 hectares, variavam de acordo com a possibilidade de uso daquele lote, quanto mais na beira do rio, quanto mais íngreme, mais nas encostas, maiores eram os lotes. Já quanto mais perto das cidades, eram menores. No caso da colônia onde meu pai morava, que é a primeira colônia ao lado aqui de Flores da Cunha, era uma colônia de 18 hectares, mas a grande maioria era de 25 hectares. No processo de divisão do território se constroem linha imaginárias, chamadas de travessões e inicia-se a instalação destes colonos. (Carlos Raimundo Paviani)

As colônias criadas inicialmente para os imigrantes italianos podem ser compreendidas em três grandes áreas, Dona Isabel (atual Bento Gonçalves), Conde D’Eu (atual Garibaldi) e Fundos de Nova Palmira (atual Caixas do Sul), que antes era denominada Campo dos Bugres. Além disso, no processo de expansão das terras, outras colônias foram criadas, como é o caso de Nova Milano (atual Farroupilha), Nova Trento (atual Flores da Cunha), entre outras. Uma

curiosidade a respeito das colônias de Dona Isabel e Conde D’Eu é que receberam estes nomes em homenagem à filha do imperador Dom Pedro II e seu marido.

Havia três colônias, composta por, nos dias de hoje, Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias do Sul. Os loteamentos eram em média de 24 hectares, com duzentos metros de cabeceira e mil de fundo, onde cada família iam ocupando estes lotes e iniciando seus trabalhos na terra. As famílias quando chegavam, ficavam em galpões fornecidos pelo Governo Brasileiro, Império Brasileiro. O uso deste território, inicialmente foi com o cultivo de alimentos básicos, milho e principalmente trigo, tanto é que é possível ver posteriormente a importâncias dos moinhos na região. O trigo era fundamental na cultura e na tradição dos imigrantes italianos. Também produzia-se milho por causa dos animais, gado, porcos, aves. O gado era muito importante, pois possibilitava se ter o leite, a carne. (Luís Carlos Dial Rupp)

Esta transformação ocorrida na região nordeste do Rio Grande do Sul abre portas para tentarmos interpretar o que ocorreu na Serra Gaúcha a partir do conceito da paisagem. Na visão de Carl Sauer, as paisagens podem ser divididas de duas formas: as paisagens naturais seriam aquelas “virgens”, supostamente intocadas ou com pouca ação humana, enquanto as paisagens culturais seriam as que possuem a presença do homem como agente da paisagem natural, avaliadas a partir das suas marcas (SAUER, 1963 [1941]). Sauer definia a paisagem cultural como a visão geográfica da economia de grupo, como se sustenta com comida, abrigo, mobiliário, ferramentas e transporte. (NAME, 2010)

Sauer, com uma visão mais particularista, adapta esta noção no delineamento de “áreas/paisagens culturais”, com povos de estilos de vida próprios baseados numa história local. A cultura é vista então como o conjunto de artefatos e instrumentos somados à associação de plantas e animais que as sociedades aprendem a utilizar e ao saber em relação ao ambiente. (NAME, 2010, p.170)

A chegada do imigrante italiano e o seu processo de adaptação ao território da Serra Gaúcha se enquadra perfeitamente no conceito apresentado por Carl Sauer, pois compreender todo este processo de adaptação, transformação e reprodução da paisagem natural e cultural é objeto de estudo da geografia. Além disso, a paisagem, ao ser compreendida como um emaranhado natural e social, e estudada como “a relação entre a evolução de uma cultura no tempo e a transformação que ela provoca na paisagem natural” (CAETANO; BEZZI, 2011, p.461), proporciona a compreensão dos símbolos marcantes que estes imigrantes italianos deixaram.

O processo de transformação da paisagem natural da Serra Gaúcha pelos imigrantes italianos é inicialmente marcado por uma demarcação de terras um tanto incomum, e que trouxe ainda mais dificuldades pois “era desenvolvida obedecendo-se a um traço geométrico de Linhas e Travessões perpendiculares entre si, (...) que não levava em conta o relevo do terreno, as divisas naturais e o traçado de curvas de nível”. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.60)

O imigrante, além de enfrentar os problemas com a tipologia de lote que lhe fora

concedido para produção e estabelecimento da família, também enfrentava sérios problemas para a circulação pela colônia. Na visão de Dal Pizzol e Sousa (2014, p.61), “outro fator complicado nos tempos iniciais era o dos meios de circulação, picadas ou caminhos rudimentares, que tornavam os colonos muito isolados”. Além disso, a dificuldade de locomoção trazia um problema adicional para o colono no momento de adquirir seus produtos de necessidades básicas e até mesmo para comercializar, pois “encarecia os produtos de primeira necessidade que o colono era obrigado a adquirir, ao mesmo tempo em que desvalorizava os produtos coloniais”. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.61)

Duas passagens marcantes que retratam um pouco a dificuldade do imigrante italiano, tanto no processo de construção de suas casas, como na locomoção, assim como para ter acesso a medicamentos e qualquer tipo de amparo, é relatada por Hermes Zaneti, em duas passagens que ocorrem com sua avó:

Logo no início que chegaram, tinham onças, animais peçonhentos, e numa noite ,o meu avô Bortolli Minoncine tinha saído com quinze quilos de milho, era longe, talvez uns 15 quilômetros de casa, para fazer farinha para polenta. Minha avó, Elizabeth Todeschini Minoncine, ficou sozinha em casa com os filhos e uma onça apareceu para atacar a casa em que eles estavam. Então minha avó acabou matando a onça a tiro. Hoje seria um crime ambiental, mas na época, ou matava-se a onça ou ela te matava. Essa minha avó era muito valente, uma mulher forte, e tem um evento marcante na minha família, que demonstra bem como eram esses primeiros anos. Meus avós plantavam trigo e tiravam a palha do trigo para fazer dressa (uma trança com qual fazer a esporta, que é uma cesta, e chapéu). Minha avó teve dezesseis filhos, e numa noite um dos filhos chorava muito, e o remédio que eles tinham para dor de barriga era o óleo de rícino. Lá pelas 3 ou 4 da manhã, já desesperada, minha avó, nona Isa, pegou seu ferral (uma lanterna que era alimentada por querosene), um facão e amarrou um cesto de dressa nas costas e andou 3 ou 4 quilômetros até chegar à casa de comércio do Pompemeyer, que era onde tinha o óleo de rícino. Ela chegou de madrugada, bateu na porta algumas vezes e após acordar o proprietário, o Sr. Pompemeyer, disse:

- Aqui é a Isa Minoncine.

Ele disse: - O que quer Isa?.

Ela respondeu: estou com um filho chorando a noite toda, não aguento mais, trouxe aqui estas duas braçadas de dressa e preciso de duas colheres de óleo de rícino.

E continuou: Eu volto pra casa, dou óleo de rícino ao meu filho, faço ele parar de chorar, faço as braçadas de dressa que estão faltando, e te trago.

Ele respondeu: Isa, você vai pra casa, faz as braçadas de dressa que falta, e me falta que te dou as duas colheres de óleo de rícino.

Eu não consigo contar isso sem me emocionar, você imagina?! Esta história dá uma ideia dos desafios que os colonos enfrentaram. (Hermes Zaneti)

As histórias de dificuldades que exemplificam os desafios encontrados pelos imigrantes italianos também podem ser verificadas na fala de Carlos Raimundo Paviani, pois sua família, assim como a de Zaneti, enfrentaram inúmeros desafios para se fixaram na região, principalmente no que toca à questão de saúde.

Entre um pouco de folclore, um pouco de realidade e a verdade, nós verificamos a pobreza que os imigrantes enfrentaram quando vieram para cá. A dificuldade para se manter, a fome que passaram em alguns casos e a falta de condição de saúde. Por exemplo, na minha família nós somos em 12 irmãos, mas o segundo e o quarto filho morreram com um ano e pouco de idade. Se você ficasse doente neste período, por

exemplo, minha família morava em Nova Pádua, e para chegar até Caxias de Sul, onde tinha o Centro de Saúde, levava de três a quatro horas a cavalo. As estradas não existiam, não tinha um atendimento de saúde, então essa dificuldade perpassa muito fortemente. (Carlos Raimundo Paviani)

A locomoção era algo complicado neste período e exigia muito esforço do colono para ter acesso a produtos e serviços, ou cuidados médicos. No processo de apropriação do território a circulação tem um papel significativo, pois “a circulação, especialmente, através das estradas, é determinante na organização do espaço, definindo redes que interligam diferentes centros. E essas redes são fundamentais na formação e coesão do território” (SAQUET, 2015, p.47).

Em relação aos produtos coloniais produzidos pelos imigrantes italianos, pode-se dizer que eram desenvolvidos com muita dificuldade, pois para a execução destas atividades receberam do governo imperial nada mais que “um conjunto de sementes e ferramentas agrícolas, entre elas machado, facão curvo, faca, enxada, picareta, etc. Parte do terreno era entregue desmatado a fim de possibilitar o plantio de gêneros de primeira necessidade”. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.60-61). Além disso, durante o primeiro ano de residência, tinha que ampliar a área de cultivo, criar áreas para manejo de animais domésticos, como: “porcos, cabras, vacas, mulas, etc., assim como na defesa de plantios e criatórios, dos bichos do mato como onça, o porco-do-mato, a jaguatirica e outros” (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.61). Uma passagem que retrata este período e também o emprego da mão de obra no início da colônia é apresentado por Valduga (2012, p.100), onde:

O governo cederá sementes e ferramentas para o primeiro ano de cultivo e para a construção das casas. Os membros que compõe esta comissão acompanharão os homens até o local do assentamento. As mulheres e crianças permanecerão no acampamento por conta do governo até a construção da casa.

Juntamente às dificuldades iniciais para fixação e expansão da área produtiva, os imigrantes tinham de produzir seu próprio alimento com as sementes doadas pelo governo imperial, e para garantir sua subsistência, iniciaram nas pequenas áreas, já entregues desmatadas, o plantio de milho, batata e feijão. Após o processo de abertura das terras, destacou-se o início da produção de trigo, que dentro de poucos anos se torna muito relevante para a economia local e o nascimento dos moinhos. Além disso, a experiência trazida da Itália no processo de fenação foi muito importante no processo de alimentação dos animais domesticados. A Figura 6 ilustra uma típica lavoura de trigo do período, enquanto a Figura 7 apresenta a técnica de fenagem empregada pelos imigrantes italianos.

**Figura 6 - Lavoura de trigo cultivada pelo imigrante italiano**



Fonte: DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.61

**Figura 7 - Fenagem desenvolvida pelos imigrantes italianos para alimentação dos animais durante o inverno**



Fonte: DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.61

As casas construídas pelos homens imigrantes eram de madeira serrada à mão, tendo como características “O piso de toras era montado rente ao chão e o telhado de tabuazinhas (*scandole*), conformados a partir das toras de pinho rachadas com ferramenta manual especial, num comprimento de 60 centímetros”. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.71) O estudo de Posenato (1983) apresenta ainda mais detalhes sobre a casa, onde cada tabuinha de madeira do telhado tinha 2 cm de espessura, o que mostra as habilidades destes imigrantes com madeira, que podem ou não ter sido aprimorada diante do cenário desfavorável que encontraram na Serra Gaúcha. Na Figura 8 pode-se exemplificar o modelo de casa primitiva do imigrante italiano.

**Figura 8 - Casa primitiva que o imigrante italiano recebia ao assumir sua colônia**



Fonte: DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.61

Hermes Zaneti descreve como as casas de sua família foram construídas, tanto por seus avós, como por seus pais:

Nossas casas eram no meio do mato, abriam picadas, cortamos os pinheiros, com uma serra chamada *Segoto*, onde eles formavam um giral, sendo que um ficava em cima e outro embaixo, e através da movimentação conseguia-se serrar as tábuas para fazer as casas. Também usavam pedras, pois é uma região de basalto, então fazia-se o porão de pedras e a parte superior da casa em tábuas. (Hermes Zaneti)

Uma característica marcante destas casas é a forma de aquecimento, algo muito importante para enfrentar o frio da região, que consistia no aproveitamento de calor de um fogão a lenha, chamado de *fogolaro* ou *larin*, conforme a Figura 5. Era “montado de terra e barro dentro de uma grande forma de madeira, um quadrado de cerca e 1,5m x 1,5m, desprovido de qualquer chapa metálica. A massa de terra e barro acabava por se endurecer pela ação do calor do fogo”. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.71) Como forma de utilizar o *fogolaro*, as panelas eram colocadas penduradas sobre o fogo a partir de uma corrente destinada unicamente para este fim. Já a fumaça emitida pelo *fogolaro* era livremente exaustada pelo telhado da pequena rústica casa.

**Figura 9 - Fogolaro rudimentar e a corrente para suportar as panelas**



Fonte: DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.71

Após o período inicial de adaptação dos imigrantes, as famílias foram crescendo, o que proporcionava mais mão de obra disponível para ajudar na agricultura e no desenvolvimento da propriedade. Esta nova realidade, casada com outras variáveis marcam o início da vitivinicultura da Serra Gaúcha, e uma alteração marcante na residência dos colonos, a incorporação do porão na estrutura da casa, que agora era maior e mais espaçosa.

O porão, construído de muros de pedra maroadada ou de pedra natural, com porta grande e janelas de madeira, passou a ser o local onde a família produzia os seus gêneros, artesanatos, como salames, copas, banha, quando matavam suínos; lá funcionavam as rudimentares ferraria e marcenaria familiares; principalmente o porão serviu de embrião da nossa vitivinicultura. Esse porão era e continua sendo denominado de “*la cantina*” tanto na origem, no Vêneto, como aqui em nova Pádua, desde que os imigrantes chegaram, e continua até hoje com este nome: “a cantina”. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.72)

Segundo Posenato (1983), uma das características principais da arquitetura da casa colonial do imigrante italiano era a divisão em três setores: porão ou alpendre, ala residencial e sótão. Costa et al (2017, p.6) destacam que a ala residencial, formada pelos quartos e sala, o sótão e o alpendre, “era executada em sua maioria por madeira, diferentemente do porão, que era construído com pedras de mão (quando este material era abundante no local), pois servia também como alicerce da casa”. Os mesmos autores ainda destacam outras características da arquitetura desta nova casa, assim como as Figuras 10 e 11, onde:

A cozinha geralmente ficava separada do volume principal da casa, estando anexa ou ligada ao volume principal por meio de um corredor coberto. As paredes, portas, pisos e janelas da cozinha também eram feitas em madeira. As edificações complementares, compostas pelos galinheiros, estábulos, depósitos e chiqueiros, eram construídas em madeira de classificação baixa, inferior às madeiras dos outros elementos do conjunto. As instalações domésticas eram os poços, cisternas, fornos, dentre outros, e seu material variava de acordo com abundância de matéria-prima no lote. (COSTA et al, 2017, p.6)



**Figura 10 - Casa típica colonial com o porão (la cantina)**



Fonte: DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.73

No processo de construção das moradias, a territorialização também exerce forte influência na arquitetura e arrumação das casas, onde, na visão de Rafeestin (1986, p.183) pode ser definida como: *“o conjunto de relações que desenvolve uma coletividade – e, portanto, um indivíduo que a ela pertence – com a exterioridade e/ou a alteridade por meio de mediadores ou instrumentos”*. Haesbart (1997, p.41) nos ajuda a compreender este processo de territorialização, onde o território não deve ser visto apenas na perspectiva de um domínio ou controle politicamente estruturado, *“mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva”*.

A família organiza a casa de acordo com as características do seu grupo social: a sala, a cozinha, etc.; as relações de vizinhança influenciam na organização da casa; a comunidade exerce influência com vistas a uma coesão (unidade) do grupo, perpetuando seu patrimônio cultural. No lugar, há uma dinâmica social que define um lilete territorial centrado em suas tradições e não no ambiente físico. A territorialização ultrapassa e supera determinadas características do ambiente natural, (...) influenciando o rompimento e superação de concepções politicos-administrativas ou naturalizantes do território. (SAQUET, 2015, p.20)

**Figura 11 - Vista interna do porão**



Fonte: DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.73

A alteração da arquitetura da casa, convergindo na sua ampliação e construção do porão (*la cantina*), remete ao início da produção vitivinícola da Serra Gaúcha, porém, não há registros de que juntamente à primeira leva de imigrantes (1875) tenha-se verificado a presença de mudas de videiras. Há relatos de que em imigrações de anos seguintes até tentaram trazer as mudas, mas “a diferença de hemisfério e a longa viagem secaram as mudas ou não conseguiram brotar e crescer, definhando sob a ação de geadas e doenças criptogâmicas trazidas da Itália ou desenvolvidas na alta umidade das terras de matas recém-derrubadas” (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.66).

O processo de transformação da paisagem natural em paisagem cultural está entrelaçado com a apropriação e uso do território pelo imigrante italiano. Este processo de apropriação e uso do território engloba inúmeras variáveis, que também são responsáveis pela construção do *terroir* desta região. Saquet (2015, p.24) diz que:

O território significa natureza e sociedade; economia, política e cultura; ideia e matéria; identidades e representações; apropriação, dominação e controle; descontinuidade; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade. Isso significa a existência de interações no e do processo de territorialização, que envolvem e são envolvidas por processos sociais semelhantes e diferentes, nos mesmos e lugares, centradas na conjugação paradoxal, de des-continuidades, de desigualdades, diferenças e traços comuns. Cada combinação específica de cada relação espaço-tempo é produto, acompanha os fenômenos e processos territoriais.

As diversas variáveis que compõem a construção de um território e suas relações precisam ser compreendidas para que se possa vislumbrar uma análise de desenvolvimento de uma região. Portanto, o processo de imigração italiana à Serra Gaúcha, englobou inúmeros interesses, tanto do Governo Imperial Brasileiro, que vislumbrava a ocupação desta região, como também as questões internas da Itália pós-guerra, com um grave cenário de pobreza e desemprego, que culminou com o desenvolvimento deste novo território, a Serra Gaúcha.

A partir do desenvolvimento deste novo território é possível observar as vivências que estas famílias tiveram e como se comportaram. Estas vivências podem ser observadas a partir das relações que estes imigrantes obtiveram nesta região, onde estas relações ocorrem tanto nas:

Relações de poder que estão nas famílias, nas universidades, no Estado em suas diferentes e complementares instâncias, nas fábricas, na igreja... enfim, em nossa vida cotidiana. Relações que são vividas, sentidas e, às vezes, percebidas e compreendidas diferentemente. Assim são os territórios e as territorialidades: vividos, percebidos e compreendidos de formas distintas; são substantivados por relações, homogeneidades e heterogeneidades, integração e conflito, localização e movimento, identidades, línguas e religiões, mercadorias, instituições, natureza exterior ao homem; por diversidade e unidade; (i)materialidade. (SQUET, 2015, p.25)

Estas relações vividas, percebidas e compreendidas de formas distintas são evidenciadas nas falas de Valduga, Zaneti e Dal Pizzol. A contribuição que estes atores nos trazem neste capítulo, proporciona uma melhor interpretação de como foi o processo de uso e apropriação do território da Serra Gaúcha pelos imigrantes italianos, tanto a partir das suas alegrias no novo território, mas também a partir das tristezas e dificuldades enfrentadas.

## **1.2 Introdução da vitivinicultura na Serra Gaúcha**

A história da vitivinicultura na Serra Gaúcha não acontece imediatamente com a chegada dos imigrantes italianos. Segundo Dal Pizzol e Sousa (2014, p.66), “levou cerca de dez anos depois da chegada dos primeiros imigrantes para que as videiras de viníferas europeias fossem trazidas da Itália e constituíssem seus vinhedos; entretanto, sem muito êxito”. Este relato é importante, pois demonstra que a vitivinicultura se apresenta num segundo momento na vida do colono italiano, inicialmente o processo de fixação à terra e a subsistência foi o marco deste imigrante com as terras da Serra Gaúcha. Porém, a relação do colono italiano com a vitivinicultura era parte da sua cultura, e:

Vencidos os primeiros momentos do árduo trabalho de abertura dos lotes coloniais nas matas da Serra Gaúcha, os imigrantes italianos não se conformavam com a ausência de videiras, da uva e do vinho, uma vez que esta bebida sempre fez parte do cotidiano das famílias italianas, e sua falta impunha grande sofrimento (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.66).

Carlos Raimundo Paviani também pontua a respeito da chegada de parreiras juntamente aos imigrantes italianos.

Na questão da vitivinicultura, eles trazem uvas para cá, porém estas uvas não vingam, porque havia muita diferença de clima e de solo, e outra, havia muito mato, não havia uma condição pré-estabelecida. Elas tinham que abrir o mato, tratar a terra, e tudo demorou. Acaba que praticamente se perdeu as videiras. Elas vieram mais tarde, com a instalação das estações de pesquisa, uma delas é onde fica a Universidade de Caxias, onde tenta-se implementar novas videiras. Uma das videiras que faz mais sucesso, que já havia entrado pela colônia portuguesa e por imigrantes açorianos, é a uva isabel. Os alemães buscam estas variedades na região de Rio Grande, onde já era cultivada pelos portugueses, então começam a trabalhar para seu consumo próprio,

principalmente para consumo in natura e também para fazer algum vinho (Carlos Raimundo Paviani).

Neste processo de adaptação ao novo território, surge um ator muito importante no processo de desenvolvimento da vitivinicultura na Serra Gaúcha, o imigrante alemão. Os imigrantes alemães que habitavam a região de Feliz-RS, aos pés da Serra Gaúcha, tinham um papel muito importante na vida do colono italiano, o fornecimento de itens de primeira necessidade. Nos primeiros catorze meses de chegada ao Brasil, os imigrantes italianos recebiam uma quantia, em torno de 700 réis por dia, como forma de suporte para a compra de mantimentos, e estes itens estavam disponíveis, mais proximamente, em Feliz, logo aos pés da Serra Gaúcha, num trajeto que durava em torno de um dia (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014).

As descidas da serra para compra de mantimentos propiciaram o estreitamento de laços entre imigrantes italianos e alemães, ocorrendo as primeiras compras de mudas por parte dos imigrantes italianos em solo brasileiro. Cabe destacar que este primeiro contato não é com variedades viníferas, mas sim com uvas americanas, mais precisamente a variedade Isabel. Esta uva com propriedades sensoriais totalmente distintas das variedades já inseridas na cultura do italiano, é a que proporciona o desenvolvimento da vitivinicultura na Serra Gaúcha, e a criação de um produto muito típico da cultura do imigrante italiano, o vinho colonial. Esta passagem deste primeiro contato dos imigrantes com as vinhas em solo brasileiro é destacada por Dal Pizzol e Sousa (2014, p.67), onde:

Nas suas descidas ladeira abaixo, a pé, Tommaso Radalli vislumbrou as pérgolas de Isabel que haviam sido plantadas por Sebastião Ruschel e que na oportunidade, em 1876, estavam aos cuidados de seu filho, Jacob Ruschel. Essa espetacular descoberta da videira em terras brasileiras pelo imigrante italiano fez renascer o ímpeto vitivinicultor e as esperanças de voltar a ter vinho para suas refeições.

Jacob Ruschel forneceu os bacelos a Tommaso Radalli, que subiu a serra, tratou de plantá-los, inaugurando o embrião que propagou, divulgou e estimulou a vitivinicultura nas mãos dos italianos da Serra do Nordeste gaúcho. Outra fonte de mudas foi o alemão Germano Nell, que hospedou muitos imigrantes no pé da Serra antes da caminhada final (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.67).

Um destaque para esta passagem é o formato de condução do parreiral, a pérgola. Este formato é o que mais se adequa à realidade de materiais disponíveis para a implementação do parreiral do imigrante italiano, além de remeter este imigrante ao formato de alguns parreirais da sua terra natal, onde era comum a utilização de pérgola como forma de propagação da videira. Essa sintonia e similaridade na forma de condução do parreiral em pérgola por imigrantes alemães e italianos se dá pelo processo de lutas territoriais ocorridas na Itália em séculos anteriores. Neste caso, vale destacar a raiz da família Ruschel, que foram um dos precursores no fornecimento de mudas de Isabel para os colonos italianos. Segundo Dal Pizzol e Sousa (2014, p.67), “os Ruschel, bem como outros imigrantes da comunidade de Feliz,

provinham de uma região que havia sido dominada pelos romanos, os quais impuseram o cultivo da videira e a elaboração de vinho”.

Como forma de compreender melhor a transformação da paisagem e do território da Serra Gaúcha, cabe destacar os dois principais sistemas de sustentação dos parreirais: espaldeira e latada ou pérgola. O sistema de espaldeira é um dos mais utilizados nos parreirais mais modernos por todo o mundo e nele a videira assume o formato de uma pequena cerca, geralmente com até dois metros de altura, onde os brotos são dispostos verticalmente em posição ascendente. Esse sistema é bastante prático, facilita o manejo e permite até mesmo mecanizar todo o cultivo. Já no sistema de pérgola ou latada, a videira é sustentada horizontalmente sobre um pergolado de aproximadamente dois metros acima do solo. Isso permite que o viticultor aproveite melhor pequenas áreas, possibilitando o cultivo de outras frutas e legumes à sombra das videiras, melhorando a produtividade das pequenas propriedades. (ADEGA, 2019). A Figura 12 apresenta o sistema de parreiral sustentado em latada ou pérgola, já a Figura 13 apresenta um parreiral sustentado em espaldeira.

**Figura 12 - Parreiral sustentado em latada ou pérgola**



Fonte: GAZETAONLINE, 2017, P.1

**Figura 13 - Parreiral sustentado em espaldeira**



Fonte: arquivo pessoal do autor, 2019.

Diante desta particularidade histórica no embrião da vitivinicultura dos imigrantes alemães que habitavam a região do Vale do Caí, onde fica a cidade de Feliz, e o fornecimento por estes, de mudas para o imigrante italiano, pode se estabelecer o marco do nascimento da vitivinicultura da Serra Gaúcha, com a uva Isabel sendo a propulsora e grande estrela deste marco cultural.

Na colônia, onde até pouco tempo era muito sentida a falta das videiras, em pouco tempo “os italianos iam conseguindo as ramas de Isabel e implantando seus pequenos vinhedos nos terrenos já limpos de cultura ou em novas áreas desmatadas, aproveitando-se dos restos de árvores derrubadas, seus troncos, galhos e lascas”. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.68). Esta característica de aproveitamento das madeiras residuais, proporcionam a formação de uma nova identidade da paisagem natural e cultural da região, que juntamente com outros fatores, como a falta de arame para implementação do sistema de espaldeira, obrigou os imigrantes a repetir a forma de condução muito comum na região trentina. A Figura 14 retrata o formato dos primeiros parreirais da Serra Gaúcha.

O plantio de vinhedos de cada família era feito em terrenos já cultivados, ou logo após o desmatamento, ainda com a superfície coberta de toras da floresta recém-queimada. Dada a abundância da madeira na região e a ausência de arames, o colono italiano, como o pioneiro Tommaso, imitou o sistema de condução da videira comum no

Trentino, também praticado pelos alemães no Vale do rio Caí, denominado pérgola. As parreiras de Isabel eram sustentadas, vertical e horizontalmente, por troncos e travessas de madeira radiadas à mão com as ferramentas rudimentares da época. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.69-70)

**Figura 14 - Videiras sustentadas por toras de madeiras**



Fonte: DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.73

A disseminação da vitivinicultura nas colônias italianas de Dona Isabel e Conde D'Eu foi muito rápida e trouxe entusiasmo para a vida dos imigrantes, pois proporcionava um reencontro deste colono com sua terra de origem. Primeiramente, os parreirais tinham como função garantir o vinho para consumo da família no dia a dia, durante todo o ano. Neste primeiro momento, a vitivinicultura apresentava “uma escala doméstica, que pode ser intitulada como a vinificação familiar domiciliar, exercida por toda a família, geralmente no porão das casas dos lotes coloniais”. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.68)

A potencialidade do solo virgem, a umidade e o sol quente do verão da serra, aliados ao vigor natural da videira Isabel, faziam as plantas desenvolverem-se e crescerem admiravelmente, com seus longos galhos e enormes folhas. O colono, prazerosamente, vinha tendo o espelho de uma nova e promissora cultura para toda a região colonial italiana. E o tempo demonstrou que ele não se havia equivocado. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.70)

Desta forma, observa-se que o processo de imigração do colono italiano foi complexo e com desafios logísticos e culturais imagináveis para os dias atuais. O processo de domesticação de uma mata fechada, com inclinação aguda, inúmeros animais silvestres, além de um clima com as quatro estações bem determinadas, mostra o tamanho do desafio que estes

colonos encararam em sua chegada ao território brasileiro. Porém, apesar da dificuldade o sentimento era de satisfação, conforme a fala de Valduga (2012, p.109-110):

No primeiro ano em Dona Isabel, não foi fácil domesticar a vaidade pessoal para quem sempre viveu a cultura da submissão e agora se encontra na condição de dono. A derrubada do mato e as primeiras colheitas de milho, feijão e trigo, abundantes pelas chuvas providenciais que evidenciaram a fertilidade da terra, tornavam mais forte este sentimento de auto-homenagem. No filó, onde a pequena comunidade se reunia na casa de um imigrante, entre cantos, pinhão, amendoim e canecas de vinho, que compravam dos tropeiros que subiam de Montenegro, eram comuns os comentários: “Ah, como gostaria que meu patrão de Valunga estivesse aqui para esfregar tudo isso na cara dele!... E o que falar para Dom Cândido, bispo de Trento, que olhava para nós com arrepios como se fossemos mendigos... Padre Giocondo também às vezes parecia querer livrar-se da gente”. E riam vitoriosos.

A realidade que o colono italiano encontrou ao desembarcar o Brasil é muito diferente de tudo o que lhes foi passado ainda em território italiano, porém, a situação desesperadora pela qual passavam não lhes davam outra alternativa a não ser encarar esta mentira e as dificuldades impostas, e de alguma forma, preservar e prosperar neste novo território. “O território é organizado pela sociedade, que transforma (humaniza) a natureza, controlando certas áreas e atividades, política e economicamente; significa relações sociais e complementaridade; processualidade histórica e relacional” (SAQUET, 2015, p.51). A fala de Hermes Zaneti e Carlos Raimundo Paviani resumem bem, esta questão:

Os imigrantes italianos vieram iludidos, pois foram cooptados na Itália com promessas que não encontraram aqui no Brasil, ou seja, a terra da fartura, de tudo muito fácil. A vinda dos imigrantes para o Brasil é algo épico. Eles não tinham alternativa quando chegaram aqui, tinham que enfrentar e fazer, e foi o que fizeram! Então, falta a consciência das atuais gerações sobre a dificuldade que seus antepassados enfrentaram para construir o que eles desfrutavam hoje na Serra Gaúcha (Hermes Zaneti).

Carlos Raimundo Paviani complementa a fala de Hermes Zaneti:

Nas histórias das famílias que vivencio aqui na Serra, lembro de ser muito falado da pobreza que as famílias enfrentaram ao chegar ao Brasil, da dureza que foi a imigração. Muitos dizem que eles ganharam as terras, mas nelas não ganharam. Eles pagaram pelas terras. Eles tinham de 10 a 15 anos para pagar por estes lotes. Eles chegam com a promessa do novo, mas encontram um cenário de muita dureza. Pode até que se tenha um pouco de folclore nas falas e na forma de se passar a história, mas a essência da dureza está ali. (Carlos Raimundo Paviani)

Uma característica que este período de dificuldade deixou marcado em gerações futuras dos imigrantes é a sua forma de enfrentar as dificuldades. Uma das formas que encontraram de se preparar para os enfrentamentos de dificuldades é a questão de poupar, não apenas recursos financeiros, mas qualquer tipo de recurso que possa a vir ser reutilizado. Carlos Raimundo Paviani destaca esta questão, onde:

Um elemento muito forte da nossa região (Serra Gaúcha) era por não ter as coisas, uma carência muito forte, então as famílias de imigrantes têm por costume guardar tudo. Qualquer coisa que possa vir a ser guardada e reutilizada ali na frente deve ser armazenada, pois ela pode te socorrer ali na frente. Esta necessidade de poupar e guardar é também uma característica desta imigração italiana. (Carlos Raimundo



Paviani)

Pode-se dizer que o processo migratório foi algo muito doloroso na vida do colono italiano, e as dificuldades enfrentadas no processo de adaptação e construção de um novo território, deixaram marcas que acabaram sendo passadas de geração a geração, formando os elementos basilares da cultura do imigrante italiano na Serra Gaúcha. Esta cultura, que é composta por elementos materiais e imateriais, retrata fortemente toda esta epopeia que foi a imigração italiano para o Brasil e para a Serra Gaúcha. Dentro deste contexto, temos a vitivinicultura como o elemento propulsor e central do desenvolvimento da região da Serra Gaúcha.

## **2. VITIVINICULTURA E A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL DA SERRA GAÚCHA**

Este capítulo tem como objetivo narrar os processos culturais desenvolvidos a partir do cultivo da uva nas levas de imigração para a Serra Gaúcha. Desta forma, a compreensão do processo produtivo do vinho no início das levas de imigração, as características físicas dos parreirais, a importância dos festejos religiosos e os principais símbolos relacionados ao vinho são elementos chave para o melhor entendimento desta cultura.

### **2.1 Formação da paisagem cultural da Serra Gaúcha, uma discussão teórica**

A vitivinicultura está presente na Serra Gaúcha desde o encontro de duas importantes imigrações do Rio Grande do Sul, a alemã e a italiana. Os alemães que chegaram poucos anos antes que as primeiras levas de imigrantes italianos, e se estabeleceram, principalmente, aos pés da Serra, na atual região de Feliz-RS, foram os responsáveis pela disponibilização das primeiras mudas de parreiras para o imigrante italiano. Este processo de transferência de cultivar é marcado por uma variedade específica, a uva Isabel, variedade de uva americana, que proporcionou a este imigrante o desenvolvimento da vitivinicultura da Serra e um fator decisivo no seu processo de fixação ao território brasileiro.

O imigrante havia encontrado, finalmente, um fator importante e decisivo para sua fixação e adoção definitiva da nova pátria. E uma vez mais a vitivinicultura evidenciava-se como elemento de forte fixação do homem a uma região, por ser ele um componente da civilização humana, ligada à cultura e com características universais. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.74)

A fixação do imigrante italiano na Serra Gaúcha, motivado pela possibilidade da produção de uva e de ser proprietário de suas próprias terras, proporciona um ambiente favorável para o desenvolvimento desta região. A vitivinicultura, passa a ser, segundo Dal Pizzol e Pastor (2015, p. 31) “a mola propulsora do desenvolvimento sem abandonar os aspectos imateriais, que somados à modificação na paisagem, constituíram-na enquanto paisagem cultural.

O processo de transformação de formação da paisagem cultural da Serra Gaúcha está intrinsecamente relacionado com o crescimento da produção vitivinícola, onde, as características do relevo da região, característicos por suas encostas íngremes e que dificultavam o trabalho, ao mesmo tempo, segundo Giordani (2013, p.252): “propiciam boa isolamento, e nelas o cultivo da videira se impõe, mudando a paisagem que originalmente era bosque; transformando a região inóspita, numa paisagem vitícola, onde passou a predominar a cultura do vinho”.

A formação da paisagem da Serra Gaúcha pode ser compreendida a partir do conceito da paisagem cultural. Cabe destacar que o conceito chave deste capítulo, a paisagem, acompanhou o processo de evolução científica e epistemológica, assim como as demais ciências, portanto passou por mudanças conceituais e metodológicas ao longo do tempo. Desta forma, não há consenso em torno de uma definição e uma metodologia única a serem seguidas, pois a paisagem torna-se o resultado dos acontecimentos históricos, como é o caso da vitivinicultura da Serra Gaúcha. (NASCIMENTO, 2016).

Um dos principais autores utilizados como suporte nesta tese é Carl Sauer, tanto pelo seu posicionamento em relação a paisagem, como também de paisagem cultural. Em um de seus principais artigos, *A morfologia da paisagem* (SAUER, 1998 [1925]), Sauer destaca a relevância da paisagem para a geografia, tanto que ele determina, que se a botânica estudava as plantas e a geologia as rochas, a geografia deveria estudar a “área” ou a paisagem, para ele sinônimos, ou seja, ser o objeto único de estudo da Geografia.

Um outro pensador que também caracterizou o conceito de paisagem geográfica é Yázigí (2002), que divide o conceito em duas fases a primeira, com a escola da geografia regional da França, no início do século XX, quando ainda existia coincidência entre os limites da paisagem e a região administrativa em que se encontrava, já em meados do século XX, situa-se a segunda fase, que consiste num período histórico o mundo conheceu um forte desenvolvimento dos meios de transportes e comunicação, gerando grande circulação de mercadorias e capitais, fazendo com que as paisagens perdessem seus fundamentos locais para refletir as relações das redes de economia e sua simbologia “universalizante”. (SILVA, 2015). Ainda segundo Yázigí (2002), a partir deste momento já não era mais possível entender o lugar por inteiro sem recorrer ao conhecimento das redes que o ultrapassam – sem entender as “complexificações” que culminariam no que hoje denominamos globalização (YÁZIGI, 2002, p. 19)

Já Vidal de Lablache, no início do século XX afirmava que:

Desde que a Geografia pedagógica saiu do gabinete onde frequentemente se fechava e pôs-se a observar diretamente a natureza, a interpretação das paisagens tornou-se um de seus principais temas. É uma arte delicada [...] Nela, a análise e a síntese têm, cada uma, seu papel. A análise esforça-se por distinguir os aspectos heterogêneos que integram a composição de uma paisagem e, como as causas passadas e presentes se misturam nas formas do relevo, esse gênero de interpretação guarda um pouco de exegese (sic). No entanto, por outro lado, essa paisagem forma um todo, cujos elementos se encadeiam e se coordenam; sua interpretação exige uma percepção lógica da síntese plena da vida que ela lança sob nossos olhos. (LA BLACHE, 2012, p. 125)

Seguindo o raciocínio de Sauer, a paisagem é composta por uma área distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais. Ele afirma que a paisagem [não] é simplesmente uma cena real vista por um observador. A paisagem geográfica é uma generalização derivada da observação de cenas individuais [...]. O geógrafo pode descrever a paisagem individual como um tipo ou provavelmente uma variante de um tipo, mas ele tem sempre em mente o genérico e procede por comparação (SAUER, 1998 [1925], p.24).

La Blache, em suas características epistemológica, percebe que seu foco é direcionado às paisagens naturais, porém, também menciona a paisagem como o resultado de um encadeamento de elementos, formando um todo. Mantendo as devidas proporções entre o olhar para as paisagens naturais daquela época e as paisagens urbanas na atualidade, “as palavras de La Blache nos trazem a sensação de um olhar sob uma dimensão mais abrangente de conteúdo das paisagens e não só de sua forma pura.” (SILVA, 2015, p. 48). La Blache, em um Congresso Internacional de Geografia, ocorrido em Genebra, Suíça, em 1908 afirmou que:

Por suas obras e pela influência que exerce sobre si mesmo e o mundo vivente, o homem é parte integrante da paisagem. Ele a humaniza e a modifica de algum modo. Por isso, o estudo de seus estabelecimentos fixos é particularmente sugestivo, visto que é de acordo com eles que se ordenam cultivos, jardins, vias de comunicação; eles são o ponto de apoio das alterações que o homem produz sobre a terra. (LA BLACHE, 2012, p. 129).

Considerando as contribuições de La Blache, podemos aplicá-las ao objeto de estudo desta tese, pois a relação homem com sua produção, a vitivinicultura, pode ser um exemplo claro da fixidez nas relações geográficas:

Limitemo-nos a observar que os estabelecimentos humanos introduzem um elemento de fixidez nas relações geográficas. O próprio fato de existirem é uma prova de sobrevivência, pois representam um depósito que as gerações anteriores deixaram às seguintes [...] Ademais, a rede de estradas e a formação de relações que lhes assegura, em muitos casos, novas razões de existência. É uma planta que estende suas raízes; contudo, pode, também, definhir e morrer. No entanto é raro que, em nossos países de construções sólidas, desapareçam sem deixar traços [...] Como dizia Ratzel, há uma geografia das ruínas, e sua persistência nas áreas [contrées] de pedra e areia é, por si só, um fato geográfico. (LA BLACHE, 2012, p. 129).

Nesta passagem, que trata da conferência sobre a interpretação geográfica das paisagens, fica evidente a ideia de rede que La Blache nos apresenta, ou seja, a interação entre os mais diferentes atores que fazem parte de uma paisagem são o centro deste conceito. A metáfora que o autor utiliza para falar de uso e desuso das redes de estradas, se reportando a uma planta, cujas raízes podem se alastrar ou simplesmente “definhir e morrer”, pode nos remeter ao processo de imigração dos colonos italianos para o Brasil, abrindo novas estradas

em um novo território, e deixando para o definhamento sua antiga rede na Itália.

Sauer divide as paisagens em dois tipos: as paisagens naturais seriam aquelas “virgens”, supostamente intocadas ou com pouca ação humana, enquanto as paisagens culturais seriam as que possuem a presença do homem como agente da paisagem natural, avaliadas a partir das suas marcas. Mais tarde (SAUER, 1963 [1941]), ele definiria a paisagem cultural como “a visão geográfica da economia de grupo, como se sustenta com comida, abrigo, mobiliário, ferramentas e transporte”. Sauer acreditava que com esta conceituação, que em muito se aproxima da noção de gênero de vida da escola vidalina e com pesquisas etnográficas, a paisagem tornava-se objeto central de todos os ramos da geografia. (NAME, 2010)

Sauer, com uma visão mais particularista, adapta esta noção no delineamento de “áreas/paisagens culturais”, com povos de estilos de vida próprios baseados numa história local. A cultura é vista então como o conjunto de artefatos e instrumentos somados à associação de plantas e animais que as sociedades aprendem a utilizar e ao saber em relação ao ambiente. (NAME, 2010, p.170)

Na visão Almeida (2013, p.189), “a paisagem é percebida como um dos elementos centrais na cultura; (...) e que atua como uma criadora de signos pelos quais um sistema social é transmitido, reproduzido, vivenciado e explorado”. Complementando este pensamento, Silva (2015) afirma que o conceito de cultura, paisagem e patrimônio cultural estão entrelaçados, “e quase que se fundem, quando da perspectiva de uma análise geohistórica da paisagem urbana, com foco na materialidade construída no território”. (SILVA, 2015, p.51)

As paisagens acabam sendo diferenciadas não apenas pelo contexto físico, mas também pelas consequências das ações culturais e da elaboração de signos representativos de cada cultura/lugar. Logo, os símbolos impostos, e também relacionados, a uma determinada paisagem “imprimem nesse espaço suas características culturais, ou seja, as paisagens naturais ‘evoluem’ para paisagens culturais (CAETANO; BEZZI, 2011, p.455).

Um autor na década de 1970 que se destaca na discussão da paisagem é Yves Lacoste. Em 1976, ele lança a revista *Hérodote*, que, assim como a *Antipode* para os autores anglo-fônicos, centraliza os estudos de geografia marxista na França. Mas há uma diferença nítida entre as duas revistas: na *Hérodote*, a paisagem ressurgiu como foco de grande atenção, e o determinismo econômico, quase sempre contundente nas análises da geografia radical, perde aqui parte de sua dominância. (NAME, 2010).

A importância destes trabalhos publicados na *Hérodote*, porém, está no fato de anteciparem, em uma forma embrionária, algumas discussões sobre o que mais tarde se convencionaria chamar de “paisagens pós-modernas” e se debruçarem sobre o universo das mídias, discussão que só explodiria no ambiente anglo-americano nas décadas de 1980 e 1990. (NAME, 2010, p.175)

A questão da divisão da geografia entre humana e física foi uma questão muito sensível no século XX, porém a paisagem surge como um elemento integrador, capaz de solidificar a geografia com elementos de ordem física com as atividades humanas. Mendes (2017) destaca em seu trabalho que a importância de se ressaltar que a ciência geográfica nasce como ciência una, sem diferenciação entre física e humana, mas sim a síntese, a integração dessas duas com diferentes relações. Logo, a análise da paisagem não pode ser desconexa, precisa ser integrada com os elementos naturais e humanos para a construção de uma paisagem mutável, que carrega o simbolismo e as modificações dos processos naturais e antrópicos. (SALGUEIRO, 2001)

Diante da evolução e uso do conceito de paisagem, Bertand expõe que:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 2004, p. 141-152).

Se levarmos em consideração o período pós-moderno de interpretar os conceitos de paisagem e cultura, pode-se dizer que ainda vivemos, apesar de indícios de mudanças, uma ciência que se caracteriza por uma confluência de abordagens teóricas que, não necessariamente, rivalizam entre si. Isto permite que os cientistas sociais tenham mais liberdade para utilizar fontes e abordagens teóricas heterogêneas, tendo como intuito o estabelecimento de uma teoria particular. (NAME, 2010)

Escolher, formatar ou representar uma paisagem seria necessariamente uma atitude ideológica ligada a uma rede de interesses e a uma estratégia de dominação. Principal nome da chamada *New Cultural Geography*, a riqueza de sua abordagem está, por um lado, no fato de a paisagem ser revelada como a resultante de um processo, permanentemente inacabado; e, por outro lado, por ser assumidamente considerada como uma abstração – ela não existe *per se* pois, como parte da “realidade”, é uma maneira de se produzir, manipular e contemplar o espaço. Além disso, Cosgrove também deixa claro que a paisagem, como conceito dentro de um campo acadêmico, é uma ferramenta analítica do pesquisador: a análise da paisagem é um método para se entender o mundo e as sociedades que, aliás, produzem, mantêm e compartilham as diversas paisagens e suas devidas valorações. (NAME, 2010, p.176-177)

Outra visão importante, agora da geografia francesa, é a de Augustin Berque, onde para ele paisagem é uma marca, que expressa uma civilização a partir de sua materialidade, que pode e deve ser descrita e inventariada; mas é também uma matriz, que participa dos esquemas de percepção, concepção e ação, ou seja da cultura; ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada e eventualmente reproduzida por uma estética e por uma moral, gerada por uma política. (BERQUE, 1998)

Quando se estuda a paisagem, não se pode deixar de analisar as variações sofridas por ela ao longo do tempo, pois não haverá apenas a paisagem física *in natura* mas também a paisagem cultural (NASCIMETNO, 2016). A paisagem, ao ser compreendida como um emaranhado natural e social, deve ser estudada como “a relação entre a evolução de uma cultura no tempo e a transformação que ela provoca na paisagem natural. Essa paisagem cultural se afirmará desse modo, através das singularidades dos símbolos impressos na mesma, marcando a presença de determinado grupo cultural” (CAETANO; BEZZI, 2011, p.461).

Em relação ao conceito de paisagem, na visão de Manfio (2019), a paisagem é um elemento de estudo da ciência geográfica, mas também é um conceito discutido por outras ciências que se ocupam dele, como a arquitetura. Segundo Corrêa e Rosendahl (1998), o termo paisagem é extremamente polissêmico, sendo para Geografia um conceito-chave, ou seja, um conceito capaz de fornecer unidade e também identidade à geografia num contexto de afirmação da ciência.

O conceito de paisagem contido em Castro (2004, p. 1) aponta que “os geógrafos produziram uma reflexão conceitual própria, seguindo os passos de Humboldt e de outros naturalistas românticos”, dos quais a paisagem era entendida, na visão de Holzer (1999, p.151) como “porções do espaço relativamente amplas que se destacavam visualmente por possuírem características físicas e culturais suficientemente homogêneas para assumirem uma individualidade”

Para Castro (2004):

Depois de ser um tema central da Geografia no início do século XX, o conceito de paisagem teve sua importância reduzida no contexto de contestação que a geografia clássica passou com a incorporação de outras bases epistemológicas ao pensamento desta ciência, como as relacionadas ao positivismo lógico. (p.2)

Neste contexto, segundo Manfio (2019), o conceito de paisagem é retomado com a emergência de uma nova geografia, de caráter Cultural, que passou a discutir a paisagem a partir de novos conteúdos, devido à ampliação dos horizontes explicativos da disciplina, com a incorporação de noções, tais quais: percepção, representação, imaginário e simbolismo (Castro, 2002). Assim, paisagem e cultura estão intimamente associadas.

Desta forma, na visão de Manfio (2019) a paisagem é vista como “uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, em uma unidade visual” (COSGROVE, 1998, p. 98). Para Castrogiovanni (2002, p. 132), a paisagem “envolve os elementos

físicos/naturais, suas interações, assim como todas as intervenções e articulações provocadas pela ação humana”. A paisagem é fruto de uma sociedade e seus valores que interceptam o espaço e constroem formas. Nesta linha de pensamento Santos (2002, p. 103) coloca, “A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. (MANFIO, 2019)

Assim, na visão de Costa e Gastal (2010, p. 5), “a paisagem não participa como suporte passivo, mas sim como existência ativa, integrante e testemunha de uma dinâmica cultural que se constrói no tempo e se manifesta no espaço”. Ela possui ainda “uma qualidade transtemporal, uma construção transversal, que une passado e presente em sua configuração espacial” (COSTA; GASTAL, 2010, p. 6). Esta qualidade transtemporal é visível nas paisagens de produção de vinhos, quando a atividade é antiga e associada a uma cultura e história local, como visto na Região do Douro, na região da Borgonha na França, ou ainda na Serra Gaúcha, no Brasil.

Compreender a geografia do vinho e suas particularidades é apenas uma parte dentro de um grande universo científico. Pode-se dividir este universo, na visão de Sommer (2010), em três grandes áreas: 1) o estudo da enologia, com toda a parte técnica, química, sensorial; 2) o estudo da viticultura, com foco na agricultura e desenvolvimento de técnicas agrícolas; e 3) a mais ampla de todas, que engloba antropologia, economia, geografia, história ou ciência política do vinho e das vinícolas.

A terceira grande área do estudo da geografia do vinho é abordada no trabalho, englobando as mais distintas áreas do conhecimento para uma abordagem mais próxima da realidade. Esta abordagem proporciona um maior entendimento e uma abordagem diferenciada do contexto do vinho no mundo, e neste caso, do mundo do vinho brasileiro e da Serra Gaúcha.

A partir do momento que se definiu a abordagem da paisagem como um dos pilares desta tese, reconheceu-se que a paisagem e todos seus componentes são de extrema relevância para a compreensão de um contexto. Na visão de Sommer (2010, p.20), “ao admitirmos um vale de vinhedos, estaremos olhando para algo que evolui da interação entre pessoas e natureza; e ambos tiveram um papel importante ao criar a aparência do terreno”, onde, compreender esta interação do homem com seu meio, também é um dos pilares da geografia humana.

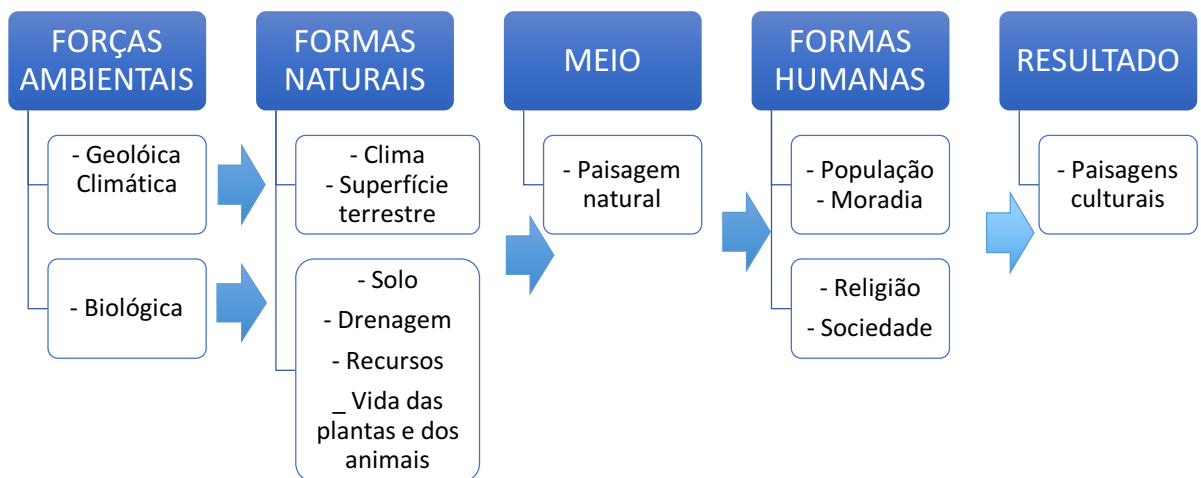
Nesta tese, dentre as diferentes abordagens utilizadas, uma delas diz respeito a uma premissa básica de Carl Sauer, que em qualquer lugar existem forças ambientais atuando, onde estas forças, através do tempo, criaram as formas naturais registradas, e quando se agrega todas



estas formas, obtêm-se a paisagem natural, que abrigará clima, superfície terrestre, solo, drenagem e demais fatores que a tornam única. (SOMMER, 2010).

Uma síntese desta definição de formação de paisagens, encontra-se no trabalho de Carl Sauer, “The Morphology of Landscape”. Esta síntese se dá a partir de um fluxograma presente na Figura 15:

**Figura 15 - Fluxograma de Carl Sauer sobre formação de paisagens**



Fonte: SOMMER, 2010, p.22

Este fluxograma inspirado na obra de Carl Sauer facilita a compreensão da formação das paisagens culturais, onde segundo Sommer (2010, p.22) “a paisagem natural é o pano de fundo ou o meio para as atividades das pessoas, já que estas a alteram de acordo com sua cultura, necessidades e interesses. Estas modificações formam os cenários culturais”.

A compreensão da transformação das paisagens naturais e sua substituição por paisagens novas, com uma estrutura modificada e personificada, é o pilar da geografia cultural. Um amparo para esta definição encontra-se nas falas de Carl Sauer (2014, p.23), que considera que “o desenvolvimento da geografia cultural procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente”.

## 2.2 Elementos da paisagem cultural da Serra Gaúcha

Sabe-se que Sauer nunca utilizou como base para suas pesquisas a vitivinicultura, porém suas teorias podem ser aplicadas para este tipo de estudo. Se consideramos a região da Serra Gaúcha, pode-se desvendar o quebra-cabeça de sua paisagem natural, juntando cada peça que

compõe esta paisagem, como elas foram alteradas ao longo do tempo pelos vitivinicultores que se instalaram na região, compreender o porquê destas alterações, como foram feitas, e por fim, como estas peças se encaixam atualmente, proporcionando uma compreensão do todo.

Destaca-se ainda que um dos enfoques da tese é a compreensão das formas humanas no processo de transformação de paisagens. Como forma de melhorar analisar sobre as formas humanas, o estudo abordará em distintos formatos: cultura material e imaterial. A cultura material está relacionada a todos os elementos que podem ser mensurados de forma contábil ou perceptível ao olho humano, já a cultura imaterial é tudo o que se observa a partir de elementos abstratos, como hábitos e rituais. Sintetizando a análise das formas humanas, o Quadro 5 nos auxilia neste roteiro:

#### **Quadro 5 - Formas humanas de análise: cultura material e cultura imaterial**

Cultura material	
• •	Vitivinicultura e Sistema de produção
• •	Da Produção de escala familiar a extensão da cadeia produtiva
• •	Modos de fazer (técnica) e tipos de uvas
• •	Arquitetura
• •	Aproveitamento dos elementos da natureza
Cultura imaterial	
• •	Associatividade
• •	Religiosidade
• •	Festas (gastronomia, jogos)

Fonte: elaboração do autor, 2020.

Conforme destacado na discussão teórica, a paisagem cultural aborda a interação do homem e a natureza, assim como as transformações que este realiza no seu ambiente. Desde 1875, com a chegada das primeiras levas de imigração para a Serra Gaúcha, esta interação se tornou cada vez mais intensa, proporcionando a criação da atual paisagem cultural vigente na Serra Gaúcha, a paisagem do vinho da Serra Gaúcha.

Entre os elementos que podem ser destacados neste processo de transformação da paisagem cultural e na formação da paisagem do vinho da Serra Gaúcha, destaca-se os elementos da cultura material, conjunto amplo dos quais escolhemos para a análise na tese a associatividade, vitivinicultura, produção em escala familiar, sistema de produção e os elementos da cultura imaterial, onde privilegiamos a religiosidade, as festas, e os hábitos), reconhecendo que esta taxonomia pode ser diferente, dependendo dos critérios da escolha e dos objetivos da pesquisa. Acreditamos que estes elementos são a base da identidade da cultura do

vinho na Serra Gaúcha e são apresentados a partir da fala dos entrevistados nesta tese e também pelo material bibliográfico disponível.

No processo de descrição dos elementos que compõem a cultura material e imaterial, esta tese optou por abordá-los de forma separada. Ressalta-se, que os elementos elencados no Quadro 5 não esgotam o universo das culturas (material e imaterial) mas proporciona a compreensão da formação do território da Serra Gaúcha. Além disso, estes elementos, muitas vezes, se inter-relacionam, proporcionam uma característica única para a cultura e o território da Serra gaúcha.

### **2.2.1 Cultura material**

Como forma de detalhar as particularidades de cada item que compõe a cultura material, a tese propõe uma análise detalhada de cada item. Desta forma, nesta seção da tese são apresentados os seguintes elementos: Vitivinicultura e sistemas de produção; Aproveitamento dos elementos da natureza; Modos de fazer e tipo de uva; Da produção de escala familiar a extensão da cadeia produtiva; e Arquitetura.

#### **2.2.1.1 Vitivinicultura e Sistema de produção**

No sistema de produção vitivinícola implantado na Serra Gaúcha pelos imigrantes italianos, cabe destacar a forte influência da imigração alemã e a disponibilização das variedades americanas, como a uva Isabel, para o colono italiano. Esta parceria marca o berço da vitivinicultura da Serra Gaúcha, juntamente com a produção com a condução em forma de latada ou pérgola trentina, aproveitando a madeira disponível das derrubadas da floresta e a falta de recursos e disponibilidade para compra de arames. Além disso, cabe destacar uma característica marcante dos parreirais da região da Serra Gaúcha, as amarras das laterais dos parreirais são realizadas em plátanos. Esta característica traz uma identidade única para a região e é um símbolo da paisagem, pois além de servir para amarrar os parreirais, serve como divisor de propriedades, como separador de variedades plantadas num parreiral e, raramente, como corta vento.

Os vinhedos, no início da imigração, eram plantados em lugares não aptos para os cultivos e nas regiões de maior declive. Ao ser um cultivo que não necessitava de tarefas de lavrado da terra, salvo as prévias à plantação, buscavam-se as piores terras, deixando as melhores para as culturas de alimentício e subsistência, como o milho, as verduras, os cereais e o potreiro e feno aos animais domésticos (vacas leiteiras) (DAL PIZZOL; PASTOR. 2015, p.124)

A amarra dos parreirais realizadas a partir dos plátanos é possível de se encontrar em outras localidades ao longo do mundo, porém acabou por formar uma identidade da Serra Gaúcha, principalmente no Vale dos Vinhedos. Esta característica ajuda na transformação e consolidação da atual paisagem natural da região, onde segundo Carlos Raimundo Paviani:

o Vale dos Vinhedos tem uma particularidade que é amarrar seus parreirais nos plátanos. Isso existe em outras regiões, mas não com a mesma planta e não da mesma forma como aqui. Isto pra mim é um elemento muito interessante e muito identificador de uma região. Não sei exemplificar em que ano isto começa, em que os plátanos foram colocados ali, mas percebe-se que são algumas décadas, ou século que estão ali. Hoje percebe-se muitos vinhedos consolidados e amarrados com esta característica. (Carlos Raimundo Paviani)

Na Figura 16, é possível observar as linhas de plátanos e como elas riscam a paisagem da Serra Gaúcha formando quadros com diferentes tamanhos e diferentes tipos de uvas:

**Figura 16 - Amarração dos parreirais em plátanos na Serra Gaúcha**



Fonte: SCHUMACHER, 2009.

Outra característica importante da cultura material da Serra Gaúcha e a condução de seus parreirais a partir da forma de latada. Esta forma que hoje é muito questionada por alguns especialistas da área, principalmente para aqueles que trabalham com uvas destinadas à produção de vinhos finos, é um grande valor material da região. Esta forma de condução é um dos grandes legados deixados pela imigração italiana, e que:

é uma latada que estabelece algumas diferenças com outras regiões do mundo. Então, houve uma forma de trabalhar o manejo da videira que se adequou às condições locais, tanto pela declividade do terreno, como por outros fatores. São modos de fazer que vão se adaptando, e este conjunto de operações vão formando a paisagem da região e seu *terroir*. (Carlos Raimundo Paviani)

### 2.2.1.2 Aproveitamento dos elementos da natureza

A cultura do aproveitamento dos elementos da natureza é algo marcante na vida do imigrante italiano no Brasil, o que é visivelmente notado quando observamos a paisagem da Serra Gaúcha. Além dos plátanos aproveitados nos cercamentos dos parreirais, as pedras também foram muito importantes no processo de transformação da paisagem e aproveitamento no processo produtivo.

Segundo Dal Pizzol e Pastor (2015, p. 120) :

A abundância de pedras em muitas regiões gerou tipologias de plantação e formação específicas. Ladeiras, terrenos pedregosos com remoção de pedras em alguns casos, por exemplo, em Dolorata – Santa Tereza. Em outras, deixa-se a pedra em seu lugar, gerando linhas de pedras ou concentrando-as em pequenos montes ao longo da linha, como no Vale Aurora, o que gera paisagens espetaculares.

Aproveita-se a abundância de madeira e pedras, que, em muitos casos, se retiram da região de cultivo, para estruturar o solo com separação ou linhas. Segundo as pesquisas, em algumas regiões lavrou-se com bovinos antes da plantação, tirando todos os materiais pedregosos às margens do cultivo para facilitar o lavrado.

**Figura 17 - Pedras utilizadas como coluna de sustentação do parreiral (Vale Aurora – Bento Gonçalves)**



Fonte: DAL PIZZOL; PASTOR. 2015, p.120

**Figura 18 - Muro de pedras no parreiral utilizado para tensionar arames (Santa Tereza)**



Fonte: DAL PIZZOL; PASTOR. 2015, p.121

**Figura 19 - Pedras acomodadas em fileira para facilitar o manejo (Vale Aurora– Bento Gonçalves)**



Fonte: DAL PIZZOL; PASTOR. 2015, p.122

Destaca-se que em relação ao tamanho da propriedade, conforme mencionado por Valduga (2012) e Dal Pizzol e Sousa (2014), originalmente o lote recebido pelo imigrante italiano tinha em média 20 hectares, com duzentos metros de frente e mil metros de profundidade. Hoje, muitas dessas propriedades sofreram transformações em relação ao

tamanho do seu território, seja por questões de sucessão familiar e divisão da herança, ou mesmo por descontinuidade da família na propriedade e venda para terceiros. Desta forma, encontra-se na Serra Gaúcha, desde propriedades com mais de vinte hectares, pertencentes a grandes famílias e empresas produtoras, assim como pequenas propriedades de quatro a cinco hectares pertencentes a pequenos proprietários.

Cabe destacar que muitos destas propriedades foram formadas por uma mão de obra rústica, com equipamentos rudimentares e muita força física do homem e animais, Dal Pizzol e Pastor (2015, p. 121) retratam a importância destes materiais e como foram importantes na criação da paisagem agrícola:

“As taipas” são construções com diversas funções que aproveitam as pedras, geralmente, basálticas de superfície, obtidas da limpeza dos terrenos. Essas colunas e muros de pedra serviram também para sustentar as estruturas de suporte do parreiral, enquanto “La slita ou treno” era usado para arrastar as cargas como pedras e outros elementos pesados sendo também utilizado no transporte da uva durante a vindima, gerando assim adaptações em função do terreno pedregoso que influenciou na cultura local, onde o cultivo da videira, além dos conhecimentos sobre a vide, demandaram do imigrante conhecimentos e habilidades de artífices, produzindo um número muito significativo de ferramentas e utensílios de forma artesanal, hoje encontrados em coleções privadas tais quais: o pica-pau, a enxada ou sapa, a picareta ou roncon, a capinadeira, e a foice de roçar ou roncon, de acordo com cada caso.

Ainda foram, intensamente, utilizados os instrumentos arrastadores: o arado, varsor ou arado alemão, o arrastador, arado Oliver, pá-de-cavalo, que eram entregues aos viticultores por ocasião de sua chegada.

### 2.2.1.3 Modos de fazer (técnicas) e tipos de uva

Em relação à forma de produção e técnicas de condução de parreirais, muitos pesquisadores e historiadores chegam a uma conclusão consensual, a de que houve na Serra Gaúcha uma continuidade das técnicas e práticas que os imigrantes italianos realizavam em sua terra natal. Na visão de Dal Pizzol e Pastor (2015, p. 119):

Concordamos com a opinião de alguns pesquisadores, como Lemps, que diz que o cultivo do vinhedo não mudou muito até a readequação produzida pelo ataque da filoxera, na Europa: “mais il est certain que les techniques de plantation n’ont guère évolué au tour des siècles et les travaux réelles à l’époque médiévale ne devaient guère être différents de ceux que nous décrivent les documents des XVIII e XIX siècles”<sup>2</sup>

Um dado interessante nos remete a 1883, onde é possível identificar o primeiro registro produtivo das colônias de Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Conde d’Eu (Garibaldi), registro

---

<sup>2</sup> “No entanto, é quase certo que as técnicas de plantio (cultura material) pouco mudaram no transcorrer dos séculos, e os trabalhos realizados no período medieval não eram muito diferentes daqueles descritos nos documentos dos séculos XVII a XIX” (Paulo Bocca Nunes: tradução livre). HUETZ DE LEMPS, Alain. Vignobles et vin du nord-ouest de l’Espagne. Université de Bordeaux, Institut de Géographie, 1967, t.II, p.599.

feito pelo cônsul italiano no Rio Grande do Sul, Enrico Perrod. Dentre as observações e anotações realizadas pelo cônsul destaca-se a menção ao tempo destinado à cultura do vinho, onde a vitivinicultura era a atividade em que os colonos dedicavam os maiores esforços, pois possibilitava os maiores lucros. A Tabela 1 apresenta os dados produtivos coletados pelo cônsul e o detalhamento produtivo de cada colônia:

**Tabela 1 - Vinho produzido em 1883 em Dna Isabel e Conde d'Eu**

<b>Vinho Produzido</b>			
<b>Dona Isael (Bento Gonçalves)</b>		<b>Conde d'Eu (Garibaldi)</b>	
<b>Linhas</b>	<b>Vinho (litros)</b>	<b>Linhas</b>	<b>Vinho (litros)</b>
Estrada Geral	542500	Estrada Geral	645500
Paleiro	873500	Alencar Araripe	96000
Jansen	454500	Araujo e Sousa	47500
Leopoldina	73500	Garibaldi Nova	147500
Eulália	214500	Garibaldi Velha	50000
Faria Lemos	354000	Camargo	113000
Jacinto	71000	Costa Real	130500
Armênio	95000	Boa Vista	67100
Silva Pinto	155500	Azevedo Castro	256500
Zemith	665500	Vitória	53000
Paulina	228000	Sant Clara	269000
Alcântara	108500	Figueira de Melo	919000
Fernandes Lima	102500		
Argemiro	87500		
<b>Subtotal</b>	<b>4489000</b>	<b>Subtotal</b>	<b>2759600</b>
<b>Total</b>			
<b>7248600</b>			

Fonte: DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.80, adaptado.

Ainda sobre os relatos realizados pelo cônsul italiano Enrico Perrod, destaca-se sua colocação a respeito da qualidade do vinho produzido neste ano e o início da introdução de cepas europeias na Serra Gaúcha, onde, em suas anotações descreveu: “há colonos que, após três anos de cultivo, já obtêm com a venda um valor de 3 a 5 mil francos anuais. Procura-se melhorar a qualidade, introduzindo cepas italianas, além da uva Isabel, já destacada no capítulo 1, que produzem vinho igual ao nosso e, sem comparação, melhor que o feito com as vides nativas” (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.80).

#### **2.2.1.4 Da Produção de escala familiar a Extensão da cadeia produtiva**



Cabe destacar, para o desenvolvimento da vitivinicultura da Serra Gaúcha, o papel da família no processo de vinificação familiar. Um processo importante na evolução da melhoria da qualidade dos vinhos da Serra, no aumento de sua produtividade e na facilitação da comercialização é a transferência do espaço de vinificação dos porões coloniais para os galpões devidamente estruturados para todo o processo produtivo. Dal Pizzol e Sousa (2014, p.103-104) descrevem esta mudança, onde:

Essas cantinas estavam mais bem parelhadas, dispendo de filtros, bombas, prensas, enormes cubas de madeira, setor de engarrafamento manual, empalhamento das garrafas (protege-las com um cone de palha, chamado de palhão) e embalagem em caixa de madeira. A energia para a cantina era fornecida por caldeira a vapor sobre rodas, o locomóvel.

Com a expansão da vitivinicultura dentro da colônia italiana, graças à fácil adaptação da uva Isabel às condições da região e a forma de pérgola, outras profissões relacionadas à cadeia produtiva começaram a se desenvolver, como é o caso da tanoaria, a arte de fabricar barricas para armazenamento de bebidas. Dal Pizzol e Sousa (2014, p.85-86) descrevem este cenário, onde:

A partir do momento em que ocorreu um incremento no comércio de vinho, surgiu a necessidade de se obter vasilhames adequados ao seu transporte, resultando na figura expressiva do tanoeiro na nossa vitivinicultura colonial.

O tanoeiro era um artesão que confeccionava os barris de madeira, executando um trabalho pesado e melindroso, uma verdadeira arte difícil e detalhista. Essas características levavam a que o tanoeiro fosse sempre um tipo físico muito forte, pois, a par do talento e da arte, as etapas de construção dos barris exigiam muito esforço físico, sob variações críticas de temperatura, uma vez que ele precisava lidar com fogo e ferramentas pesadas. Os registros anotam que, apesar disso tudo, o tanoeiro colonial era uma figura muito alegre, embalando seu trabalho árduo com alegres canções, tornando-o um elemento muito popular, parte do folclore colonial.

O tanoeiro assume um papel significativo dentro da cadeia produtiva, pois sua produção facilitava a estocagem e o transporte comercial dos vinhos produzidos na colônia. As características da produção desenvolvida por estes artesãos são um símbolo importante da produção vitivinícola da Serra Gaúcha, que trazem suas características até os dias atuais.

As capacidades dos barris de madeira fabricados pelos tanoeiros eram utilizadas como medidas-padrão na época: pipa, 400 litros; bordalesa, 200 litros; quarto ou quartola, 100 litros; quint0, 80 litros; oitavo, 50 litros; décimo, 40 litros; vigésimo, 20 litros; quadragésimo, 10 litros; e o corote, 5 litros. **No caso específico dos barris de 40 litros (décimos), confeccionavam-se os modelos especiais, adaptados ao lombo dos muares**, e o de cinco litros era chamado de *buraccia*, no dialeto dos imigrantes. Havia também as medidas menores (*la metida*), geralmente de cobre ou ouro metal, construídas com cabo manual para o seu manuseio e usadas na venda fracionada do vinho no varejo pelos colonos ou negociantes, diretamente ao cliente ou consumidor em seus recipientes pessoais. A medida padrão correspondia a 4 garrafas ou 3 litros. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.86, grifo nosso)

A vitivinicultura aos poucos foi moldando e desenvolvendo várias atividades paralelas ao seu universo produtivo. Esta característica da vitivinicultura marca a trajetória de alguns

setores em especial, que hoje apresentam significativa importância econômica e social na Serra Gaúcha, que é o caso da metalurgia e o setor moveleiro. Como forma de exemplificar este cenário, basta olharmos a cidade de Carlos Barbosa, sede da Tramontina, indústria nacional referência na produção de utensílios domésticos e derivados de metal, técnicas derivadas da cultura material e a Todeschini, marca nacionalmente famosa na produção de móveis planejados, em Bento Gonçalves. Na visão de Carlos Raimundo Paviani:

A importância da vitivinicultura se estabelece no início do século XX como uma das principais atividades. Com as barricas dá-se vazão a uma indústria de móveis, enquanto as ferrarias e ferramentas, que eram provenientes da Alemanha. Uma enxada boa tinha que ser a “Tedesca”. A necessidade de trabalhar com a madeira para os produtos provenientes da vitivinicultura, faz com que a profissão de marceneiro e tanoeira se desenvolva na região. Hoje a indústria de móveis é muito forte em Bento Gonçalves e Flores da Cunha. A necessidade de trabalhar com a parte de metal, muito necessária na agricultura e na construção de equipamentos, faz com que nasça a ferrarias e delas iniciam o processo de industrialização, e então se cria toda uma indústria metalomecânica na região. (Carlos Raimundo Paviani)

**Figura 20 - Arte da Tanoaria**



Fonte: Fonte: DAL PIZZOL; SOUSA. 2014, p.86

**Figura 21 - Utensílios práticos nas transações comerciais do vinho**



Fonte: DAL PIZZOL; SOUSA. 2014, p.86

### 2.2.1.5 Arquitetura

Uma característica interessante que marca a paisagem da Serra Gaúcha é a arquitetura das moradias dos imigrantes italianos. Hoje, por muitos chamados de porão, mas para os imigrantes chamados de cantina, representa o aproveitamento do declive do terreno para a construção deste espaço, isto parece mais cultura material do que imaterial normalmente mais fresco, com luminosidade mais baixa, que é propícia para a elaboração e conservação dos vinhos. A Figura 22 apresenta um exemplo de como seria o interior da cantina.

A profunda relação entre os fazeres vitícolas, os aspectos de sociabilidades e as interações culturais imaterial que o processo reúne, para além das vindimas, apresenta na constituição do espaço de moradia características peculiares encontradas nas cantinas históricas que integram a paisagem. A cantina, na arquitetura doméstica, nos remete às origens da colonização italiana, onde a parte inferior da moradia tem um espaço escavado para compensar a inclinação do terreno e auxiliar na manutenção da temperatura para beneficiar o vinho. Essas cantinas, que ainda podemos visitar em muitas casas tradicionais da Região, foram o espaço de trabalho da elaboração do vinho, material como também um espaço social de relação e convivência de toda a família, imaterial e às vezes, dos vizinhos, prática comum nas terras de origem dos imigrantes. (DAL PIZZOL; PASTOR, 2015, p.35-36)

**Figura 22 - Interior da cantina/porão**



Fonte: PORTAL EVENTOS, 2013, p.1

Outra característica interessante é relacionada aos porões, diz respeito a estrutura utilizada para sua construção e destinação de utilização. A pedra basalto, que é utilizada abundantemente em toda a Serra Gaúcha, foi largamente utilizada na construção dos porões (cantinas), que inicialmente eram áreas “sagradas do vinho”, para sua elaboração e maturação. As cantinas, com suas pipas cheias, também eram lugares de festa e celebração, lugares para marcenaria e dos embutidos. (GIORDANI, 2013, p.90) Até hoje, é possível encontrar em casas da região rural da Serra Gaúcha, o porão com esta mesma destinação, seja para curar salame e embutidos, guardar ferramentas, armazenar vinhos, espaço para fazer refeições, ou seja, continua com sua multifuncionalidade dos primórdios da imigração italiana. O simbolismo da fé e elementos da vitivinicultura é um traço característico da paisagem cultural da Serra Gaúcha. Este simbolismo é representado das mais diversas formas, seja por imagens de santos, capitéis, objetos utilizados na vitivinicultura, entre outros. Um exemplo marcante deste simbolismo é a pipa na entrada da cidade de Bento Gonçalves, o Monumento do Imigrantes, em Caxias do Sul, que foi inaugurado pelo presidente Getúlio Vargas em 1950, na comemoração dos 75 anos da imigração italiana, e o selo das comemorações do centenário da colonização de Otávio Rocha, Distrito de Flores da Cunha, que juntou a uva, o vinho e leão alado da República Veneta em seu formato.

**Figura 23 - Pipa da entrada da cidade de Bento Gonçalves**



Fonte: FECOMÉRCIORS, 2019, P.1

Como pode-se observar, há inúmeros símbolos que remetem à cultura da uva nas diferentes cidades que compõe a Serra Gaúcha. Além disso, a homenagem e veneração aos imigrantes italianos também são importantes marcos da paisagem cultural incorporadas nestes municípios.

Símbolos sempre estiveram associados ao trabalho e ao protagonismo cultural dos colonos imigrantes, sendo ao mesmo tempo um elo com a antiga pátria e a afirmação de seus modos de vida na nova terra. A partir de tal ótica, a vindima se apresenta como o ápice do trabalho de um ano que merece ser festejado, podendo-se dizer que representa uma conquista. (DAL PIZZOL; PASTOR, 2015, p.44)

### **2.2.3 Cultura Imaterial**

Se por um lado o desenvolvimento da vitivinicultura proporcionou o nascimento de inúmeras características materiais, por outro lado, a cultura imaterial é algo marcante e que traz inúmeros símbolos para o cotidiano dos habitantes da Serra Gaúcha. Estes elementos imateriais podem ser identificados nos mais diversos atos cotidianos dos habitantes locais, como também em símbolos inseridos na paisagem local.

A vitivinicultura brasileira, quando comparada à europeia, é recente. No entanto, há elementos nas paisagens vitícolas brasileiras que devem ser preservados pois são partes da identidade cultural dessa sociedade. Por exemplo, na Serra Gaúcha entre esses elementos, destacam-se as cantinas e casas feitas em basalto, bem como o uso dos plátanos como sustentação na periferia dos vinhedos. Assim, apreciar um vinho e observar uma paisagem vitícola pode ser a expressão conjugada de prazer dos sentidos. (FALCADE, 2014, p.136).

A compreensão de muitos elementos culturais relacionados à vitivinicultura da Serra Gaúcha, reproduzidos até os dias atuais, pode ser encontrado em relatos históricos, como é o caso do relato de Júlio Lorenzoni, ao visitar Bento Gonçalves em 1883:

Convidaram-nos a entrar, oferecendo-nos pão e salame e um copo de excelente vinho; como, depois de nossa partida da Itália, não havíamos tomado ainda nestas regiões, e ainda acrescenta a sua importância: “Vinho em toda parte, sem adição de qualquer ingrediente em sua elaboração” (LORENZONI, 1975, p.203 *apud* DAL PIZZOL; PASTOR, 2015, p.33)

Nos itens subsequentes, serão trazidos alguns desses elementos importantes da cultura imaterial.

### 2.2.3.1 Associativismo

Característica marcante da vitivinicultura da Serra Gaúcha refere-se ao modelo cooperativista implementado na região desde o início do século XX. Ressalta-se que um dos grandes entusiastas e incentivador do modelo associativista é o Padre Amstad, de origem alemã (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014).

A construção das primeiras casas dos colonos foi realizada a partir do trabalho coletivo. As festividades e construção de espaços compartilhados sempre ocorreram com a contribuição de cada família. A cultura de se dividir produtos e parcelas de safras com os vizinhos é algo que perdura até hoje. Desta forma, se não fosse por essa característica do colono italiano, dificilmente teríamos cooperativas com um sucesso tão grande.

A força representativa deste padre reforça a relação que o colono, tanto alemão, como o italiano, tinham com a Igreja Católica, e o tanto que a respeitavam e como ela impactava nas decisões destes colonos. O trecho a seguir narra uma das ações do Padre Amstad, que:

Em Veranópolis e Antônio Prado, reuniu agricultores que trabalhavam isolados em seu lote colonial e tentou formar associações a fim de que eles pudessem conduzir uma produção coordenada e a venda dos produtos em conjunto. **Considerava ele que essa seria a forma mais adequada de organização econômica e social para que todos cuidassem do interesse de todos.**

Vislumbra o padre, e transmitia isso nas suas pregações, que a união dos colonos para resultar num corpo coletivo único, mais sólido e organizado, criaria presença forte no mercado para enfrentar a concorrência de outras entidades já estruturadas. (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.121, grifo nosso)

Um personagem muito importante no processo de criação e consolidação de cooperativas é Stefano Paternó. Paternó era italiano e foi uma importante liderança do Rio

Grande do Sul no processo de criação das cooperativas, tanto pelas suas habilidades políticas, como pela metodologia para a criação e desenvolvimento de novas cooperativas. “As cooperativas de Paternó eram fundadas pelos comerciantes e vitivinicultores, que cativavam o poder público local, nomeando como presidente de honra os prefeitos da cidade” (DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.126), ou seja, havia o envolvimento dos mais diversos atores na atuação da cooperativa. Paternó, no início do século XX conseguiu formar as seguintes cooperativas:

**Tabela 2 - Cooperativas formadas na liderança de Paternó**

<b>Cidade</b>	<b>Cooperativa</b>	<b>Produção (hectolitros)</b>
Porto Alegre	Cooperativa Agrícola de Vila Nova	6000
Caxias do Sul	Cooperativa Agrícola de Caxias	30000
	Cooperativa Agrícola Nova Trento	15000
	Cooperativa Agrícola Nova Vicenza	7000
	Cooperativa Agrícola Nova Milano	5000
Bento Gonçalves	Cooperativa Agrícola Bento Gonçalves	30000
Garibaldi	Cooperativa Agrícola Garibaldi	16000
Alfredo Chaves (Veranópolis)	Cooperativa Agrícola Alfredo Chaves	20000
Guaporé	Cooperativa Agrícola Guaporé	10000

Fonte: DAL PIZZOL; SOUSA, 2014, p.127, adaptado.

O legado de Paternó é marcante no setor vitivinícola e perdura até os dias atuais, onde pode ser demonstrada por dois casos de sucesso extremamente relevantes da Serra Gaúcha, como é o caso da Cooperativa Vinícola Aurora e a Cooperativa Vinícola Garibaldi. A Cooperativa Vinícola Aurora nasce no ano de 1931 na cidade de Bento Gonçalves com a

associação de 16 famílias produtoras. Atualmente é a maior vinícola brasileira, com mais de 1100 famílias associadas e um vasto portfólio de produtos e serviços (VINÍCOLA AURORA, 2020). No caso da Cooperativa Vinícola Garibaldi, também criada no ano de 1931, hoje conta com mais de 400 famílias associadas, mais de mil hectares de vinhedos, uma produção superior a 20 milhões de quilos de uva a cada safra, e com um portfólio de que ultrapassa os 70 rótulos, divididos em 10 marcas distintas (VINÍCOLA GARIBALDI, 2020).

O sucesso do associativismo na Serra Gaúcha é amparado por inúmeros fatores, mas acredito que o principal se deve, em muito, à cultura do imigrante italiano. Este destaque é importante pois desde sua chegada ao Brasil o imigrante italiano teve que se apoiar em seus conterrâneos para conseguir sobreviver, se instalar e produzir nesta nova terra.

### 2.2.3.2 Festividades

Algo marcante na cultura do imigrante italiano, e que é transpassado para as gerações futuras, diz respeito às festividades. Os encontros festivos, que muitas vezes era realizado nos porões das casas, acabam sendo realizados por diversos fatores, sejam eles religiosos, ou ligado às questões da agricultura, como início de safra e colheita, no caso da vitivinicultura, a vindima. Cabe destacar que ainda hoje muitas destas festividades continuam ativas, o que não é muito comum no mundo do vinho, onde somente em safras excepcionais se comemora, e outras novas foram criadas, criando uma identidade dos festejos com a população.

Este espírito festivo dos imigrantes italianos é traduzido em grandes eventos pouco tempo depois de sua chegada. “A festas comemorativas da colheita em 1881, em Caxias do Sul, seis anos após a chegada dos primeiros imigrantes são referidas em diversas bibliografias. A segunda ocorreu em 1884 e foi sucedida pelas edições de 1886, 1890, 1891, 1898” (DAL PIZZOL; PASTOR, 2015, p.35).

Outra forte evidência da singularidade da cultura do vinho na Serra Gaúcha, são as referências que, em regiões vitivinícolas de origem espanhola, nos países da costa do Pacífico, **se considera excepcional a continuidade das festas da vindima durante quarenta ou sessenta anos**. Em geral, não sobrevivem por tanto tempo, ao contrário do Brasil, que em finais do século XIX, celebravam-se festividades relacionadas com a colheita, Tal fato evidencia a longevidade da cultura da videira e do vinho neste território e sua perenidade, assim como as manifestações culturais e de sociabilidade que tais festas representam por mais de um século. (DAL PIZZOL; PASTOR, 2015, p.35, grifo nosso)

As festividades, sejam elas ligadas à uva ou religião, ajudaram a moldar a cultura da região da Serra Gaúcha. Considerando as dificuldades logísticas do início da imigração, que perdurou muitos anos, e o contexto de cidades pequenas interioranas, onde os momentos de lazer eram escassos, sendo marcados principalmente pelos dias de missa, podemos



compreender a importância destes festejos. Hermes Zaneti apresenta um relato interessante, onde:

Em relação às festas de igreja, me lembro muito das festas de Nossa Senhora de Monte Bérico. O que era a festa de Nossa Senhora de Monte Bérico? Nós passávamos o ano esperando a festa. Pra nós o ano tinha um marco com duas fatias, antes da festa de Nossa Senhora de Monte Bérico, realizada no mês de agosto, e o depois da festa de Nossa Senhora de Monte Bérico. Nessa festa, se tivéssemos a chance de colocar uma roupa nova, inaugurar uma roupa nova, era nesse dia que fazíamos. Primeiro produzia-se todo os pré-preparos para produzir as comidas e atrações da festa. No sábado toda a comunidade se reunia para roçar em volta da igreja e em volta do salão de festas da paróquia. Fazíamos arcos com palmeiras, onde as pessoas caminhavam por debaixo destes arcos. No domingo, após a missa das 11 horas, no almoço, enchia-se o salão de festas, e aqueles que não queriam ficar no salão da festa compravam um espeto de carne e levavam para comer em casa com a família, pois ficava mais barato e nem todos tinham dinheiro para pagar para a família. O almoço no salão era churrasco (frango e gado), corneto (massinha recheada com creme de laranja), copa, pescoço de galinha recheado e capeleti. Também tinha muita salada: alface, radiche e maionese. Já de sobremesa era sagu e pudim. Vinho era servido à vontade, o refrigerante que era a parte, cada um que pagava pelo seu. Enfim, era um grande banquete.

As diversões da festa eram marcadas pela cucunha (pau de sebo), onde no alto de um pau ficava um prêmio e a pessoa que quisesse conquistar tinha que se submeter a se sujar, escorregar, era uma farra. Também tínhamos a tómbola, a roleta e a rifa, que era vendida com bastante antecedência e tinha o melhor prêmio do dia.

Neste dia era quando se engatava os namoros. Então toda a juventude ficava toda animada com os festejos.

Na segunda-feira era o dia do bacalhau, onde novamente, toda a comunidade se reunia para organizar a festa. Os homens cuidavam da organização das mesas e as mulheres da preparação do bacalhau. Vinha muita gente neste dia, principalmente das cidades vizinhas.

Na terça-feira era o desfecho final dos festejos, onde fazia-se um almoço com as sobras dos dias anteriores, e tinha, principalmente, a participação daqueles que participaram na organização da festa. (Hermes Zaneti)

Além das festividades ligadas às padroeiras das comunidades, os domingos eram dias muitos importantes na vida dos colonos. Pois era nesse dia onde se realizava grande parte do convívio social, seja na missa, ou posteriormente, no salão de festas da comunidade, na praça que cerca as igrejas, ou até mesmo no campo de futebol da comunidade.

Trabalhávamos de segunda a sábado, mas no domingo nós íamos à missa, onde nós íamos na carroceria do caminhão até a igreja de Lajeado. Depois da missa tinha o futebol, onde todos iam assistir. Era o futebol da localidade, onde representávamos nossas comunidades: Monte Bérico, Lajeado, Veranópolis, era um torneio municipal. (Hermes Zaneti)

Outra característica marcante da cultura da Serra Gaúcha e que estava bem presente na rotina dos colonos, era o filó. O filó era um momento de descontração, onde uma família recebia seus vizinhos para comemorar alguma data específica, ou simplesmente para conversar sobre as atividades semanais da lavoura. A cultura do filó ainda pode ser encontrada até hoje na Serra Gaúcha, como é o caso, por exemplo, do filó organizado pelo Hotel Michellon, no Vale dos

Vinhedos, todo início de vindima. Hermes Zaneti também tem um relato interessante sobre os filós:

O filó era algo fantástico. A casa que oferecia o filó recebia um grupo de pessoas, onde os homens jogavam cartas (bríscola, trisete, quatrillo), jogavam mora. As mulheres ficavam na cozinha, batendo papo, contando as histórias e preparando o brodo, capeleti, pinhão, amendoim, copa, salame e o pão. Isso normalmente acontecia de sábado para domingo e ia até altas horas da noite. (Hermes Zaneti)

Atualmente, as festividades ganharam grandes proporções, como é o caso da Festa da Uva de Caxias, a Fenavinho em Bento Gonçalves, a Festa da Vendima em Flores da Cunha, e a Fenachamp em Garibaldi são exemplos de festividades relacionadas ao mundo da vitivinicultura e que perduram a muito tempo.

A Festa da Uva se constitui no exemplo contemporâneo e na evolução das comemorações vinculadas à colheita da uva, que se sucederam desde a chegada dos primeiros imigrantes em toda a região. Destaca-se que os eventos ligados a vindimas ainda são tradicionais, ocorrendo pelas mesmas motivações iniciais. A festa da Uva iniciou em 1931 e ocorre a cada dois anos, enquanto a Festa Nacional do Vinho (Fenavinho), em Bento Gonçalves, acontece desde 1967, com regularidade.

A Festa da Vendima, em Flores da Cunha; da Champanha, em Garibaldi; da abertura da Vendima em Monte Belo do Sul; a Festa Colonial da Uva, em Otávio Rocha, e muitas outras de caráter local, em inúmeros povoados da região, registram de forma inequívoca a vinculação da produção com os festejos populares que são, em geral, a culminação da colheita.

Essas manifestações decorrentes da uva e do vinho, longe de terem um sentido comercial, são eventos que representam a cultura do povo dessa região, muito acima de suas atividades econômicas. Tanto que, ao longo de décadas, os locais onde as mesmas são realizadas tornaram-se populares e espontaneamente conhecidos como: Parque e Pavilhões da Festa da Uva, Parque da Fenavinho, Parque da Fenachamp, entre outras. (DAL PIZZOL; PASTOR, 2015, p.44 - 47)

### 2.2.3.3 Religiosidade

Um elemento importante da cultura imaterial do vinho na Serra Gaúcha é a religiosidade. Sabe-se que a disseminação da vitivinicultura no Brasil tem forte correlação com as atividades missionárias, que na necessidade de produzir o vinho para os ritos religiosos, acabou enraizando esta cultura nas mais diversas comunidades por onde passaram.

É comum, ao observar a paisagem de algum vinhedo, a presença de capitéis, que é um pequeno oratório onde é posta a imagem, ou foto de um santo de devoção, e que normalmente o proprietário da terra o constrói para pedir proteção ao vinhedo, promessa de boa safra ou cumprimento de promessa.

Foram esses os primeiros lugares destinados à devoção religiosa, cuidados e conservados pelas famílias vizinhas antes que construíssem as capelas. Constitui-se, de fato em uma amostra da religiosidade laica simultânea à chegada dos párocos, e se estende além da primeira etapa migratória, uma vez que muitos anos depois a mesma continuava em vigência. No ano de 1946, de acordo com Molon (1997), em uma considerável empresa vitivinícola, a

Granja São Mateus, foi erguido um capitel: “Recordo-me que o Padre Antônio Alessi pediu-me, na década de 40, para desenhar uma capelinha para ser construída no meio do parreiral de videira vinífera do João Slaveiro”.

Outro fator de destaque que faz parte da paisagem dos vinhedos da Serra gaúcha são as rosas cultivadas nas extremidades (ponteiros) dos parreirais. O que para muitos turistas pode parecer apenas um simples ato de jardinagem ou embelezamento do parreiral, na verdade tem valores muito maiores, tanto do ponto de vista religioso, como também do ponto de vista técnico de produção.

Há muitas amostras que refletem a relação entre o vinhedo e a cultura popular. Por exemplo, as rosas, na beira da estrada, são uma homenagem a Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, padroeira de Pinto Bandeira – um novo município que se emancipou de Bento Gonçalves. Servem, também de sinalizador de presença de pragas nas videiras quando elas estão perto dos vinhedos. Como podemos observar, há uma referência religiosa, as rosas sagradas, associadas a uma detecção precoce da presença de doenças, sendo plantadas nas extremidades do vinhedo para anunciar o problema (DAL PIZZOL; PASTOR, 2015, p.37).

Um fato curioso, mas que demonstra a forte relação entre vinho e a fé dos imigrantes italianos é a particularidade da construção da Igreja da Nossa Senhora das Neves, localizada no Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves (Figura 24). É comum tanto em visitas a vinícolas próximas a igreja, como também em conversa com moradores do Vale dos Vinhedos, a menção de que na construção da igreja utilizou-se vinho ao invés de água para a preparação da argamassa.

Na região do Vale dos Vinhedos localiza-se a igreja da Nossa Senhora das Neves. De acordo com os relatos que atravessam gerações de imigrantes, foi construída em uma época de forte seca, em 1907. Diante da ausência de água para preparar a argamassa usou-se o vinho. Essa prática que se repete em muitos povos da França, Itália e Espanha, geralmente integra parte da identidade local e nos mostra a importância das manifestações simbólicas da cultura do vinho. (DAL PIZZOL; PASTOR, 2015, p.37)

**Figura 24 - Igreja da Nossa Senhora das Neves (Vale dos Vinhedos – Bento Gonçalves)**



Fonte: TURISMORS, 2020, p.1

As diferentes formas de manifestação da fé na paisagem cultural da Serra Gaúcha é marcante e tem um simbolismo muito forte, tanto do ponto de vista da fé, como do ponto de vista de conexão com sua terra natal, a Itália. Uma destas diferentes manifestações é a devoção a Nossa Senhora da Uva, prática religiosa proveniente da região de Treviso, Vêneto-Itália, que no município de Santa Tereza – RS, ganhou um santuário numa gruta. A história de criação deste monumento é apresentada no relato do Padre Santo Monegat ao Rinaldo Dal Pizzol:

Numa viagem de turismo, pela Itália, junto com um grupo, entrando numa Igreja (não me lembro o nome dela), na região de Treviso, vi uma Imagem de Nossa Senhora, num lugar de destaque, tendo à mão direita um cacho de uva, e o Menino Jesus ao colo, tendo também na mão direita um cacho de uva e aos pés da imagem de Nossa Senhora um cesto de vime, cheio de diversas espécies de uva. Conversei com uma pessoa, que se encontrava no interior da Igreja: “Come se cham aquesta imagine?” E ela me respondeu: “Nostra Signora d’uva. Contemplei esta imagem tão interessante e pensei... e naquele momento, veio a ideia de introduzir esta devoção em Santa Tereza, região de parreiras. Rezei aos pés dessa imagem, enquanto o grupo contemplava o interior da Igreja. Era, então, pároco de Santa Tereza. Tirei diversas fotos dessa imagem. Voltando da viagem, conversei com diversas pessoas e com a equipe administrativa mostrando a foto revelada de Nossa Senhora da Uva e disse que vi, dentro de uma igreja muito artística, na Região de Treviso, Itália, esta imagem de Nossa Senhora, como estão vendo. As pessoas, olhando atentamente esta foto da imagem, se entusiasmaram e concordaram em difundir tal devoção em Santa Tereza.

Onde colocar a imagem? Daí veio a ideia de coloca-la numa gruta. A Prefeitura Municipal abriu uma estrada, dando acesso à gruta. (DAL PIZZOL; PASTOR, 2015, p.40-42)

A gruta com a imagem de Nossa Senhora da Uva (Figura 25) além de todo o seu simbolismo para os moradores locais, tornou-se um grande atrativo turístico para os visitantes da Serra Gaúcha. Além disso, cabe destacar as demais devoções e que geram grandes festejos anuais pelas comunidades locais, como é o caso das festas de Santo Antônio e Nossa Senhora de Caravaggio e Lourdes.

**Figura 25 - Gruta Nossa Senhora da Uva**



Fonte: arquivo pessoal do autor, 2019

Em relação à importância da religião no desenvolvimento da vitivinicultura da Serra Gaúcha, podemos dizer que teve um papel muito significativo, tanto no desenvolvimento social dos colonos, com a questão da missa dominical e os festejos religiosos, mas também no sistema produtivo, com a necessidade de se ter o vinho para se realizar os ritos previstos na religião católica.

Pela maioria dos imigrantes serem católicos e o catolicismo fazer o uso do vinho semanalmente no ritual mais sagrado, que é a consagração de Cristo, momento que ocorre a transformação do pão e do vinho no corpo de Cristo. Esta crença é muito forte, é um grande impulsionador da vitivinicultura. Na América Latina como um todo, na América espanhola, a vitivinicultura vem com muita força trazida pelos religiosos que tinham que produzir vinho para a missa. A importância é fundamental para a vitivinicultura, tanto é que o Rio Grande do Sul passa a produzir o vinho de missa para todo o Brasil, e ainda hoje é assim. O vinho é um produto sagrado, então a fé, o amor e a religiosidade estão muito ligados, portanto ajuda muito a desenvolver e consolidar a vitivinicultura no Brasil. (Carlos Raimundo Paviani)

Neste capítulo, evidenciou-se a importância da vitivinicultura na construção de uma identidade da Serra Gaúcha. A vitivinicultura, juntamente com a cultura do imigrante italiano

e o catolicismo muito forte, foram elementos basilares na formação dos aspectos culturais da região. A forma de expressar esta cultura é possível ser identificada até os dias atuais, principalmente por elementos que remetem à importância da vitivinicultura na região, assim como, da religião e da fé destes colonos, no processo de organização social.

Muitos destes elementos, que têm uma importância simbólica muito forte, podem ser visitados e acompanhados nos dias atuais, como é o caso da pipa na entrada de Bento Gonçalves, suas igrejas que remetem a elementos da vitivinicultura, a visitação aos parreirais e seu sistema de produção conduzido a partir das amarras nos plátanos, entre outros, representam os elementos culturais materiais. Em relação aos elementos culturais imateriais, podemos destacar a participação na vindima, os festejos religiosos, os jogos praticados, a gastronomia local, entre outros fatores.

Na intenção de valorizar as informações sobre os elementos constituintes da cultura material e imaterial da região estudada, elaborou-se um quadro resumo com os principais elementos encontrados durante a pesquisa, como pode-se ser abaixo:

**Quadro 6 - Elementos da cultura material e da cultura imaterial**

<b>Cultura Material</b>	
<b>Item</b>	<b>Elementos</b>
Vitivinicultura e Sistema de produção	Etapas de produção: Plantio, cultivo, colheita, pisa, vinificação; Forma de latada ou pérgola trentina, condução de seus parreirais a partir da forma de latada; Ladeiras, tamanho do território, fraccionamento da terra, amarração em plátano; Plantação de rosas nos ponteiros dos parreirais.
Aproveitamento dos elementos da natureza	Pedras: sustentação dos parreirais; construção de casas; Encostas: escora dos parreirais.
Produção de escala familiar	Família envolvida nas etapas de produção do vinho (Plantio, cultivo, colheita, pisa, vinificação).
Extensão da cadeia produtiva	Transferência do espaço de vinificação dos porões coloniais para os galpões devidamente estruturados para todo o processo produtivo; Tanoaria; Garrafas;

	Rolhas; Serralheria; Movelaria.
Tipos de uva	Cepas europeias (Nebiuolo, Glera); Cepas italianas; Uva isabel.
Arquitetura	Casas de pedra basalto; Porão (aproveitamento do declive): espaços de trabalho da elaboração e armazenamento do vinho; cura de embutidos; sociabilização; Capiteis (nas encostas, nas estradas, em grutas); Igrejas Capelas; Símbolos/construções arquitetônicas que remetem à cultura da uva: pipa gigante na entrada de Bento Gonçalves; capela construída a base de cimento e vinho; Igreja matriz de bento Gonçalves em forma de pipa.
Utensílios da vitivinicultura	Prensadora; Vasilhames; Embalagens emborrachadas; Pipa; Ferramentas para produção agrícola.
<b>Cultura Imaterial</b>	
<b>Item</b>	<b>Elementos</b>
Associatividade	Associações organizadas por Stefano Paternó (Nove no total).
Saber fazer	Técnicas, modos de fazer e práticas produtivas vindas com os imigrantes (alemães e italianos).
Religiosidade	Catolicismo: Capiteis (nas encostas, nas estradas, em grutas); Igrejas; Capelas; santuários; Vinho: símbolo sagrada da religião católica (sangue de Deus); Missa aos domingos; Novenas.
Festas (gastronomia, jogos)	<b>Vindima</b> (colheita da uva) – Janeiro/Fevereiro; <b>Festa Nossa Senhora de Monte Bérico</b> – Agosto; <b>Filó</b> (geralmente aos domingo após a missa): encontro social para conversar, jogar cartas, comer salame, queijo e pão e beber vinho.

	<p><b>Festa da uva:</b> Caxias do Sul (Fevereiro/Março)  <b>Fenachamp:</b> Garibaldi (Outubro)  <b>Fenavinho:</b> Bento Gonçalves (junho)</p> <p><b>Jogos de carta:</b> bríscola, trissete, quatrilha</p> <p><b>Comidas típicas/de festa:</b> polenta, galeto assado, sopa de capeletti, copa, salame, queijo, pão, salada verde, massa fresca, molho de tomate, bisgune (tipo de nhoque); corneto;</p> <p><b>Comidas do dia a dia:</b> café e pão (café da manhã); cesto da colazione na roça: polenta, café com leite, salame, fortaia (omelete – ovo batido com salame e cozido), pão, maneteiga; Almoço: arroz e feijão misturado com carnes de porco, farinha de mandioca, salada de radiche; janta: fortaia, polenta brustolada, queijo, salame e salada de radiche;</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Como pode ser observado ao longo das falas dos entrevistados e dos elementos trazidos sobre cultura material e imaterial, pode-se entender que se misturam elementos da cultura material e imaterial para inovar os produtos e suas formas de produzir. A cultura material e cultura imaterial acabam se fundindo ao longo da construção da paisagem cultural e do território. É complexo separar esses dois elementos, pois no processo de construção e uso do território esses elementos interagem de tal forma que se tornam indissociáveis, simbióticos e presentes na formação da cultura vitivinícola da serra gaúcha.



### 3. **TERROIR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE REGIONAL**

A contribuição conceitual desta tese envolve a discussão e aprimoramento do conceito de *terroir*, termo basal quando trata-se do mundo do vinho. Porém, para compreender a importância, evolução do conceito, e suas características atuais, uma pergunta se faz importante: qual a relação do conceito de *terroir* com a geografia do vinho?

A resposta para tal questão pode estar relacionada como as preferências de sabor podem mudar com o tempo e como elas podem ser específicas para uma sociedade ou um lugar (SOMMERS, 2010). Mais uma vez nos deparamos com uma das discussões chave da geografia: interação da sociedade e com o lugar ou da cultura e o território.

Desta forma, conforme proposto na Figura 1, a formação do território, juntamente com a transformação da paisagem e a construção de uma paisagem cultural, são elementos essenciais na construção do *terroir*, e por fim, no desenvolvimento da região. Assim, é importante ressaltar a importância do conceito de território, que na visão de Dematteis (1970) e descrito por Saquet (2015, p.57):

é compreendido como uma construção social, com desigualdades (entre níveis territoriais, que variam do local planetário), com características naturais (clima, solo...), relações horizontais (entre pessoas, produção, circulação...) e verticais (clima, tipos de cultura, distribuição do habitat...), isto é, significa uma complexa combinação particular de certas relações territoriais.

Um possível caminho para iniciar a discussão do conceito de *terroir* é a partir da discussão do paladar. Sommers (2010, p.129) afirma que:

O sentido humano do paladar é incrivelmente importante para a indústria do vinho. No entanto, a sensação do paladar não é geográfica. Apesar de os mecanismos do paladar serem constantes, o modo como interpretamos o sabor varia de lugar para lugar. A sensação do paladar é um processo psicológico comum à maioria das pessoas. Já os sabores que as pessoas gostam e os que não gostam não são comuns a todos. Preferência de sabor não é apenas uma reação física, é uma reação que aprendemos. Determinada preferência por um sabor pode ser própria de uma cultura ou local. Quando começamos a falar sobre pessoas e lugares, os geógrafos têm muito que dizer sobre o assunto.

Pode-se dizer que a ligação entre comida e lugares é a parte do contexto por trás do conceito de *terroir*. “Se pudermos associar comida a ambientes específicos, podemos fazer o mesmo com sabores” (SOMMERS, 2010, p. 129). É possível elucidar que o *terroir* é a interpretação humana sociocultural de um território a partir de suas percepções. Desta forma, considerando o vinho como parte da alimentação mundial, como parte da cultura dos mais diferentes povos, aprofundar o conceito de *terroir* no mundo vitivinícola se faz necessário. Na visão de Coelho-Costa:

Desde a Segunda Grande Guerra pode-se observar produtos agroalimentares sendo produzidos e comercializados a partir de orientações normativas que ressaltam o *terroir* e os saberes e fazeres dos atores empregados com as produções desenvolvidas

nele. Resultado disso são as atividades agrícolas especializadas onde o *terroir* é fator crucial de identificação e distinção para o que é produzido e alavancou a utilização das indicações geográficas como meio para conquistar consumidores e novos mercados a partir de especialidades locais (COLEHO-COSTA, 2018, p. 269).

Cabe destacar que a relação entre alimentos e território é muito desenvolvida em alguns países, destacando que esta “realidade geográfica do território é entendida como rede de relações entre todos os fenômenos coexistentes e como resultado de um processo histórico de humanização do ambiente natural” (DEMATTEIS, 1967, p.91). No caso da França, que apadrinha este conceito, desde o final do século XIX os produtos chegam ao mercado vestidos de um nome geográfico. Este nome geográfico é utilizado para caracterizar o produto e apresenta, intrinsecamente, as ligações do produto com sua origem, algo significativo no processo de acesso e venda de produtos no mercado francês (DELFOSSÉ, 2012).

Considerando que o território é produto social historicamente construído, econômica, política e socialmente (SAQUET, 2015), e que neste percurso histórico temos a transformação da paisagem natural e a constituição de uma paisagem cultural, podemos inferir que o *terroir* é fruto destas relações, que proporcionam o desenvolvimento de produtos regionais. Delfosse (2012) destaca a importância do *terroir* no processo de valorização dos produtos regionais, se tornando uma ferramenta muito forte no processo de desenvolvimento de microrregiões e inclusão num mercado cada vez mais competitivo. Além disso, a valorização do *terroir* de uma determinada região permite com que a cultura daquele local perpasse de geração a geração, sobrevivendo aos modelos econômicos vigentes e aproximando o campo das cidades.

A reivindicação dos vínculos com o espaço produtivo não só permite afirmar que a *qualidade* do produto está ligada ao *terroir* entendido como um ambiente físico que inclui também a sociedade local e sua cultura, mas também permite em contrapartida qualificar a "pequena pátria", como escreveram os estudiosos da Belle Époque, e levam seu nome por toda parte. Portanto, os produtos locais têm sido frequentemente associados ao desejo de afirmar a escala microrregional. A *paixão pelo terroir* é alimentada por uma tensão tipicamente francesa entre local, país, região e nação, entre diversidade e nação. Produtos locais são *chamados* de estratégias *geopolíticas* da França: uma geopolítica interna para a divisão do seu território com vistas à ação, mas também *externa*, para encarnar sua diversidade, uma diversidade que seria sua própria essência e que faria sua grandeza. Além disso, a reivindicação ou a negação dos vínculos entre o produto e seu espaço de produção, bem como a promoção ou não dos chamados produtos de *terroir* estão em plena consonância com as relações cidade-campo e as representações de que o campo é objeto. Com efeito, o *terroir* evoca o campo, a terra, as raízes e, negativamente, o arcaísmo da vida camponesa (DELFOSSÉ, 2012, p. 64-65, tradução nossa)

No mundo do vinho, o conceito de *terroir* é algo tão intrínseco, que para algumas pessoas *terroir* e vinho são, muitas vezes, indissociáveis, ou seja, um não existe sem outro, ou, um é consequência do outro, podendo até mesmo, ser sinônimos. Na visão de Coelho-Costa (2019) o *terroir*, principalmente no setor vitivinícola:

acaba se envolvendo com o turismo por meio de segmentos como turismo cultural, enoturismo, turismo rural, turismo gastronômico, ecogastronômico e enogastronômico, agroturismo, onde elementos como produção local, cultura, tradição, gastronomia e saberes e fazeres se unem para dar visibilidade ao *terroir* de uma região (COLEHO-COSTA, 2019, p.269)

A revista Adegas (2019), uma das principais fontes produtoras de conteúdo relacionados ao setor vitivinícola nacional e internacional, traz algumas contribuições sobre o conceito clássico de *terroir*, onde:

O termo obviamente é francês (lê-se, portanto “terroir”), derivado do latim *territorium*. Segundo o dicionário Larousse, significa o “conjunto de terras em uma região, considerado do ponto de vista de suas habilidades agrícolas e fornecendo um ou mais produtos característicos, por exemplo um vinho”. (ADEGA, 2019, p.54)

Esta primeira definição abre algumas portas, porém, quando visto pelos olhos da vitivinicultura costuma ser uma pouco mais detalhada. Algumas pessoas ligadas ao mundo do vinho costumam afirmar que o *terroir* é uma junção de solo e clima atuando sobre determinada variedade de vinha numa região específica, escanteando o ser humano, minimizando sua presença na equação. (ADEGA, 2019). Porém, quando esta tese propõe-se analisar o conceito de *terroir* trazendo o enfoque do território, é relevante destacar que “o território é organizado pela sociedade, que transforma (humaniza) a natureza, controlando certas áreas e atividades, política e economicamente (SAQUET, 2015, p.51).

Já para o Institut National de L’origine et de la Qualité (INAO), órgão francês que controla as denominações de origem do país, o *terroir* é uma área geográfica definida, na qual uma comunidade humana construiu, no curso de sua história, um conhecimento coletivo de produção, baseado em um Sistema de interações entre um ambiente físico e biológico e um conjunto de fatores humanos. (ADEGA, 2019, p. 54)

Uma outra definição, deste mesmo órgão francês, apresenta os elementos centrais de discussão da tese, onde *terroir*:

É o resultado do acúmulo de interações entre as características de um determinado ambiente natural (solo, clima, etc.), um ambiente biológico (plantas, animais, microrganismos, etc.) e fatores humanos (história, cultura, tradições, *know-how* ...) em um determinado lugar. Tudo isso (...) cria um produto original, singular, único. (ADEGA, 2019, p. 54)

O enólogo Stefano Ruini, que atua na vinícola italiana Tenuta Luce, na região da Toscana, afirma que:

o conceito de *terroir* é uma realização humana. (...) Sem a humanidade, não há *terroir*. Sem homens, haveria apenas territórios não descobertos, O solo tem seu próprio potencial e meu trabalho é revelar essa potencialidade. O *know-how* utilizado na vitivinicultura leva à originalidade como expressão única, estilo único, não se pode fazer cópias, e também à tipicidade como reconhecimento do produto e reconhecimento da habilidade humana (ADEGA, 2019, p. 55-56)

Na visão de Sebastián Zuccardi, enólogo de uma das principais vinícolas argentinas, localizada na região de Mendoza, e constantemente premiado no mundo dos vinhos, a interação do homem com o lugar é a principal característica do conceito de *terroir*, pois:

não há lugar sem gente e não há gente sem lugar. É muito importante a interpretação de quem faz o vinho. E cada vinho tem que contar três histórias: a história do lugar, a história do produtor e a história do ano. (...) quando mais jovem, queria fazer um vinho em que não se notasse minha presença, e isso é impossível, porque ou cultivamos a vinha, ou a manejamos. Este vinho é a expressão deste lugar através deste produtor. (ADEGA, 2019, p. 56)

A interação do homem com a natureza é um dos pilares fundamentais para a melhor expressão do que é o *terroir*. O resultado desta interação, e no caso da vitivinicultura, tem-se o vinho como o produto mais emblemático desta relação, pode-se dizer que é a grande expressão das características de um *terroir*. Portanto, os aspectos culturais de um povo, se expressam, se fazem presente, quando discute-se o que é *terroir*. Como forma de compreender um pouco mais sobre a expressão do que é *terroir*, e o que seria o *terroir* da Serra Gaúcha, Luís Carlos Dial Rupp afirma que:

*terroir* engloba solo, clima, as cultivares, as variedades e o ser humano (os produtores de uva e vinho), essa é a caracterização do conceito. Aqui na Serra Gaúcha o *terroir* tem como característica um solo relativamente jovem, montanhosos, pedregosos com alta precipitação e muito sol. Então isso implica em nossos vinhos uma acidez um pouco maior, e que em alguns casos, estes vinhos não alcancem sua plena maturação. São vinhos para consumo enquanto mais jovens, por serem mais leves. Hoje nosso *terroir* aqui da Serra Gaúcha, em termos de uvas de *vitis viniferas*, está muito forte nossos produtos. Nós podemos ver o espumante 130 da Casa Valduga premiado em concurso na França. As castas brancas tem se destacado, principalmente pela dobradinha, que faz uma composição muito boa, que é a *chardonnay* e *pinot noir*. (Luís Carlos Dial Rupp)

Dial Rupp, também destaca a importância do *terroir* das uvas americanas:

Outro *terroir* que eu diria, este no campo das cultivares americanas, principalmente para suco de uva, que é o que está salvando a viticultura aqui na região. Então tem um grande volume de uvas americanas produzidos, algo em torno de 80%, voltada para o suco de uva, principalmente derivadas de variedades como uva Isabel, Bordeaux, Concorde e outras variedades que a Embrapa desenvolveu, como é caso da Cora, da Magna, da Violeta e da Carmen, que é uma excelente variedade para produzir, é uma excelente uva, produz muito, é muito resistente a doenças, produz um suco muito bom. Então temos praticamente dois *terroir*. (Luís Carlos Dial Rupp)

E concluiu, inserindo a importância do enoturismo na formação do *terroir*:

Outra questão que impacta muito a característica do *terroir* da Serra Gaúcha, principalmente em Bento Gonçalves e Garibaldi, que é a questão do enoturismo, pois o turista quando vem para a Serra ele também vai modificando o jeito como as vinícolas funcionam. Há um feedback. Esse turista vem ver, vem conhecer, e há uma interação com a vinícola e isto ajuda a retroalimentar o sistema produtivo, e faz com que as vinícolas vão se dirigindo para atender esses consumidores. Em Antônio Prado, ode moro, ou Flores de Cunha, que é o maior produtor de uvas da Serra Gaúcha, ou mesmo Caxias do Sul, que não recebe tanto turistas, tem outro tipo de vitivinicultura. Essas cidades tem como foco outras variedades, mais voltadas para o suco de uva e vinhos de mesa. Já Bento Gonçalves, principalmente o Vale dos Vinhedos, onde o turismo é muito forte, criou-se um *terroir* com mais *vitis vinifera*, principalmente para atender o mercado do enoturismo e da enogastronomia. (Luís Carlos Dial Rupp)

A respeito da questão de *terroir* e sua definição técnica, Cainelli Júnior também traz uma contribuição interessante, enfatizando a importância da cultura na criação de um *terroir*, ou seja, a importância da cultura na caracterização de um vinho, assim como traz detalhes técnicos de uma das regiões que compõe a Serra Gaúcha, o Vale das Antas, que tem o Rio das Antas, importante rio da região, como importante aliado na produção vitivinícola.

O *terroir*, de forma técnica, nós sabemos da influência do clima, solo, exposição solar, mas eu gosto de ir mais fundo, pois *terroir* tem a ver com cultura também. Se nós fossemos escolher os melhores *terroirs* do mundo, escolheríamos a cultura dos vinhos nos locais, mas antes de tudo vem a cultura do vinho e depois o *terroir*. Onde aquelas pessoas amam o que fazem e tem o vinho enraizado se forma um novo *terroir*, que vai depois descobrir onde melhor se adapta dentro do vinho, e não o processo contrário. O processo contrário seria sair pelo mundo verificando qual melhor *terroir* pra videira, o melhor solo, melhor exposição solar, melhor altitude. Então a cultura influencia o *terroir* (Cainelli Júnior).

Em relação ao *terroir* da Serra gaúcha, Cainelli complementa:

Aqui na Serra Gaúcha, nós temos muita mancha de solo, uma origem vulcânica, particularmente e muito difícil falar do *terroir* da Serra, pois é muito amplo, muda muito, desta forma vou abordar o *terroir* do Vale das Antas. Aqui temos solos rasos, o que possibilita produzir vinhos de qualidade, mesmo com um volume de chuvas um pouco acima da média. Temos uma amplitude térmica interessante, provocada pela massa d'água do rio. Não temos geada, então para as variedades que tem uma brotação precoce isso é bom, pois não se corre o risco de perder a brotação. O solo confere bastante acidez, muito rico em argila (o que não é muito interessante, pois necessita de um trabalho muito adequado, porque ele compacta muito no verão e ensopa muito no inverno). Quanto à exposição solar é boa, principalmente por causa das montanhas com bastante rocha, o que diminui o impacto da argila. Consegue-se extrair um vinho, em matéria de polifenóis, incríveis devido a essas condições (Cainelli Júnior).

Conforme presente nas falas de Cainelli Júnior, a cultura é algo muito relevante no processo de construção do *terroir* de uma região. A cultura é quem dá identidade ao vinho de uma determinada região, definir o *terroir* a partir de uma cultura pré-estabelecida não seria o caminho correto para se definir um *terroir*, seria um *terroir* criado forçadamente, e não um *terroir* fruto da interação homem com a natureza. Além disso, Cainelli Junior também apresenta inúmeras características naturais da paisagem, como é o caso: solos, amplitude térmica, massa d'água, solo, exposição solar, montanhas com bastante rocha). José Fernando da Silva Protas, tem uma opinião muito clara a respeito desta questão, onde para ele:

*terroir* tem muito a ver com a saber fazer local. Aqui na Serra temos um verão muito chuvoso, que é exatamente a época da colheita, o que muitas vezes compromete a produção. Esse saber, mesmo lidando com inúmeras condições adversas, com as variedades utilizadas, e mais recentemente após a década de 1960, lidando com a variedades vitis viníferas, desenvolve-se um *terroir* muito típico da Serra Gaúcha. Mesmo diante deste ambiente inóspito para uma vitivinicultura de qualidade, o tempo, o trabalho e a experiência, possibilitou que se criasse um sistema de produção que compõe o *terroir* da Serra da Gaúcha. Isto não foi uma inspiração divina, isso foi um aprendizado, que traduz-se num saber fazer à produção de uva e vinho. Produzir uva e vinho neste ambiente não é para qualquer um. Não é qualquer pessoa, de qualquer lugar, que chega na Serra Gaúcha e consegue fazer produção. É inteligência criada e gerada aqui mesmo, isso faz muita diferença! (José Fernando da Silva Protas)

Na fala de José Fernando da Silva Protas é possível observar os aspectos referenciados no capítulo 2 desta tese, onde discute-se a relevância da cultura material e imaterial no processo de formação do território da Serra Gaúcha pelos imigrantes italianos, assim como na construção do *terroir* desta região, demonstrando, novamente, a indissociabilidade entre a cultura material e imaterial na formação do território da Serra Gaúcha e na vitivinicultura desenvolvida pelos imigrantes italianos.

Uma questão interessante é sobre o saber fazer na vitivinicultura, tema muito importante dentro do conceito de *terroir*, pois está intrínseco na relação do homem com a natureza, e também faz parte da hipótese desta tese, onde o conhecimento (saber fazer) adquirido ao longo dos séculos na produção vitivinícola pelos imigrantes italianos, juntamente com a cultura do vinho entremeada em suas atividades cotidianas, e as características da paisagem natural, seriam as principais variáveis que contribuíram no processo de desenvolvimento regional da Serra Gaúcha. Muitos acreditam que esta cultura de produção do vinho tenha vindo junto com os imigrantes italianos, mas na visão de Cainelli Júnior:

é muito interessante quando se fala na nossa imigração italiana, mas o imigrante italiano veio para o Brasil sem o saber fazer. Por que? Porque o cara que dominava o conhecimento da vitivinicultura na Itália, ele era o dono da terra. Então esse grande dono de terra na Itália não sentiu a crise econômica como a classe de base. O imigrante, que veio para Brasil, não era esse dono, ele era da classe de base, a classe baixa. O conhecimento que detinham era empírico, pois trabalhavam nos vinhedos e na roça, muitas vezes embasado nas coordenadas que recebiam, de como plantar, como colher e como cultivar. Este pequeno conhecimento é o que trouxeram para cá. Corajosos, empreendedores, usaram do pouco conhecimento que detinham para iniciar a vitivinicultura da Serra Gaúcha. (Cainelli Júnior)

A constatação apresentada por Cainelli Júnior é muito significativa e ajuda a romper com o romantismo existente na questão do saber fazer do imigrante italiano e a vitivinicultura desenvolvida no Brasil. Na verdade, esta constatação apresenta uma informação muito relevante, pois mostra que o imigrante italiano aprendeu a apreciar um vinho de melhor qualidade e o desenvolver aqui no Brasil. A relação do imigrante italiano com esta nova terra e o seu aprendizado a ter que domar a terra que lhe foi designada, faz com que se crie o *terroir* que conhecemos hoje, foi um aprendizado construído em território nacional. Carlos Raimundo Paviani e José Fernando da Silva Protas também pontuam sobre o tema, onde para eles:

os imigrantes italianos que vieram ao Brasil, normalmente, não eram proprietários de terra na Itália, então o vinho que consumiam lá na Itália era chamado de vinhoto. Primeiro se fazia a primeira prensa, onde se fazia os vinhos bons para os senhores da propriedade, já o que sobrava, eles colocavam água e faziam uma segunda prensa, gerando o vinhoto, que era consumido pelos trabalhadores, pelos agricultores, os *contadinis*. Esses agricultores tomavam vinho de segunda categoria, então quando vem ao Brasil e fazem o vinho de Isabel, com uma pureza maior, acabam gostando deste vinho. Neste contexto da imigração italiana e o desenvolvimento da vitivinicultura, podemos dizer que eles trazem o amor pela vitivinicultura, muito mais forte do que a técnica. (Carlos Raimundo Paviani)

José Fernando da Silva Protas complementa a fala de Carlos Raimundo Paviani:

Na verdade, o imigrante italiano, na sua grande maioria, acaba que na verdade, apreendendo o saber fazer aqui no Brasil, com uvas americanas, que tem características fisiológicas e comportamentais diferentes das viníferas. Então, eu acho que o mérito é muito grande dos imigrantes italianos, pois eles desenvolveram esse saber fazer aqui, eles desenvolveram através de tentativa e erro, mas com uma perseverança típica deles, desenvolveram este conhecimento. Eles foram autodidatas, foram buscar, conseguiram este material, implantaram e aprenderam a fazer aqui. É uma cultura muito própria, peculiar, a desenvolvida por estes imigrantes aqui no Brasil com a vitivinicultura. (José Fernando da Silva Protas).

As ponderações apresentadas por Cainelli Júnior, Carlos Raimundo Paviani e José Fernando da Silva Protas, proporcionam uma desmistificação a respeito do saber fazer na vitivinicultura da Serra Gaúcha. Na opinião destes especialistas, o saber fazer da vitivinicultura da Serra Gaúcha foi desenvolvido na própria região, fruto de muito trabalho e experimentação, apoiada nas Instituições de Pesquisa e na força de vontade deste lutador, e bravo empreendedor, que é o colono italiano. Portanto, a hipótese de que o conhecimento (saber fazer) adquirido ao longo dos séculos na produção vitivinícola pelos imigrantes italianos, juntamente com a cultura do vinho entremeada em suas atividades cotidianas, e as características da paisagem natural, seriam as principais variáveis que contribuíram no processo de desenvolvimento regional, não é totalmente verdadeira. A cultura do vinho entremeada na cultura do imigrante italiano foi importante, mas uma parte, não todo o aprendizado (saber fazer), principalmente por se tratar de uma vitivinicultura muito diferente da que realizavam e tinham acesso na Itália, foi desenvolvido em território brasileiro.

Em relação à definição do conceito de *terroir*, esta tese traz novos elementos que destacam a relevância do saber fazer no processo de construção do *terroir*, assim como o processo histórico de construção e apropriação do território e o processo de transformação da paisagem natural e construção da paisagem cultural. Este entendimento reforça a proposição da Unesco, que em 2005, trouxe a seguinte proposição, onde:

*terroir* é um espaço geográfico delimitado, definido a partir de uma comunidade humana que constrói ao longo de sua história um conjunto de traços culturais distintos, de saberes e de práticas, embasados em um sistema de interações entre o meio natural e os fatores humanos. O saber-fazer, que está envolvido nos saberes e práticas, apresenta originalidade e confere tipicidade e reconhecimento para os produtos ou serviços oriundos deste espaço e, por consequência, para as pessoas que ali vivem (TONIETTO, 2019, P.1)

Uma questão importante que surge ao estudar-se a questão de *terroir* e que fica para uma futura pesquisa está ligada ao posicionamento que Cainelli Júnior e José Fernando da Silva Protas destacam, onde a cultura é que forma um *terroir*, e não o contrário, que no meu entendimento seria colocar questões econômicas à frente da questão da cultura. Um exemplo claro desta realidade é a questão do *terroir* Planalto Central, proposto por alguns novos

produtores da região de Brasília. A produção na região é muito recente, mas já nasce com uma definição do que seria o seu *terroir*, de que a uva típica da região é a Shiraz, que a técnica apropriada para manejo é a de dupla poda. Mas será que a ordem dos fatores está correta? Não seria necessário, primeiramente uma familiarização da região com o vinho, com o sistema produtivo? Ou será, que com apenas uma safra realizada já é possível definir-se o *terroir* de uma região. Desta forma, este estudo propõe como avenida de pesquisa uma discussão, a diferença do *terroir* natural, aquele que se transforma a partir da relação homem natureza e suas interações, do *terroir* econômico, aquele que nasce a partir de uma possibilidade de mercado, juntamente com alta tecnologia agrícola.

### 3.1 Indicações Geográficas da Serra Gaúcha

Este subcapítulo tem como pressuposto analisar a importância das indicações geográficas no processo de valorização dos produtos vitivinícolas da região da Serra Gaúcha. Esta análise é relevante pois revela a importância deste tipo de certificação no processo de valorização e desenvolvimento de produtos regionais, não apenas na Serra Gaúcha, mas para todo o Brasil.

É importante frisar, novamente, a importância da apropriação e do uso território, assim como a transformação da paisagem natural e a construção da paisagem cultural no processo de consolidação do *terroir*, e conseqüentemente, na identidade de uma Indicação Geográfica (IG). Saquet (2003, p.220-221) apresenta reflexão sobre como cada território deve ser estudado e analisado, onde:

Cada território, independentemente de sua extensão/tamanho/escala, **deve ser estudado na tentativa de apreensão de suas singularidades**, de seus tempo e territórios e de suas articulações externas, a partir da dinâmica no nível da unidade produtiva e de vida em que se dão as territorialidades e as temporalidades, a cristalização das relações do homem com suas naturezas interior e exterior e com o seu ser outro. Somente o estudo do movimento e das contradições, no tempo e no espaço, permite-nos conhecer a especificidade de cada lugar, espaço, território (grifo nosso).

A singularidade destacada por Saquet (2003) no estudo do território, juntamente com a caracterização da paisagem, são o cerne para a compreensão do *terroir* e as IGs que podem surgir. Inicialmente é importante compreendermos o que se entende no Brasil e no mundo a respeito de Indicações Geográficas (IGs). No caso do Brasil, segundo o Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI, 2016, p.20):

As indicações geográficas são ferramentas coletivas de valorização de produtos tradicionais vinculados a determinados territórios. Elas agregam valor ao produto, permitindo estabelecer um diferencial competitivo frente aos concorrentes e possibilitam a organização produtiva e a promoção turística e cultural da região.



Além disso, as Indicações Geográficas transpassam uma característica de qualidade, reputação e identidade ao produto. Desta forma, com uma maior caracterização de um produto, este registro pode conferir maior competitividade dos produtos nacionais, tanto no mercado nacional, como no internacional, melhorando o processo comercial de produtos e serviços. A Indicação Geográfica também possibilita uma maior proteção aos produtores locais da IG, evitando que produtores de outras regiões se aproprie indevidamente do uso do nome da IG (INPI, 2016).

As formas como as IGs interagem à dinâmica dos territórios está relacionada ao formato que este mecanismo está caracterizado, considerando seus aspectos conceituais e normativos. Tonietto (2019, p.1) destaca a importância do *terroir* e toda sua relação/interação no processo de construção de uma IG, onde:

Os *terroirs* são espaços dinâmicos e inovadores que não são assimilados somente aos aspectos relacionados à tradição. Nesta base conceitual, o termo expressa uma relação complexa que se dá num território, numa interação entre os fatores naturais e os fatores humanos. Fica evidenciado que o termo não envolve somente aspectos do meio natural (clima, solo, relevo), mas, de forma simultânea, uma coletividade humana, envolvida na produção do (s) produto (s) de *terroir*. Assim, *terroir* se opõe à uniformização, padronização, estandardização, e é convergente com origem e originalidade, típico, característico, ao que tem caráter distintivo. Além disso, como em toda a sociedade humana, o *terroir* contempla dinâmicas ao longo do tempo, numa interação entre tradição e inovação. Outro componente importante do conceito é aquele representado pela identidade cultural do respectivo território. Por fim, o *terroir*, em sua complexidade, constitui-se num patrimônio coletivo, com valor material e imaterial, como também apresenta significado socioeconômico e jurídico. (TONIETTO, 2019, P.1)

As Indicações Geográficas podem gerar inúmeros benefícios para os produtores e consumidores. Estes benefícios, que podem ser tanto econômicos, como sociais, territoriais, culturais e ambientais. Kakuta (2006) elenca alguns dos benefícios de uma Indicação Geográfica para a economia de uma região, onde em relação à esfera econômica, pode gerar aumento do valor agregado de artigos, incremento do valor dos imóveis da região, estímulo aos investimentos na própria zona de produção e o despertar do desenvolvimento de outros setores. Em relação à esfera promocional do território, pode garantir produtos de notoriedade, originais e de qualidade, proporcionar a afirmação de uma imagem autêntica, além do reconhecimento internacional. Já na esfera sociocultural, proporciona a inserção de produtores desfavorecidos, uma maior proteção ao patrimônio nacional e econômico: das regiões, do manejo e dos produtos, além da proteção imagem dos produtos. Por fim, na esfera ambiental, proporciona a preservação da biodiversidade e dos recursos genéticos locais, manutenção da população nas zonas rurais, vitalidade nas zonas rurais (como é o caso do crescimento do turismo), satisfação do produtor com sua profissão e o produto que desenvolve.

Nos últimos 20 anos, o Brasil apresentou uma evolução significativa em relação às Indicações Geográficas, onde conseguiu implementar sua primeira IG e com isso inicia-se o processo de construção do mapa do território dos vinhos nacionais. Cabe destacar a importância da IG do Vale dos Vinhedos, a primeira do Brasil, e que hoje é uma Denominação de Origem, no processo de desenvolvimento das demais IGs brasileiras, além, é claro, de sua relevância para o universo do mundo dos vinhos finos. Na visão de Tonietto (2019, p.88), “as indicações geográficas representam um novo capítulo no mundo do vinho brasileiro, fortalecendo a produção estruturada em territórios, com identidade própria”.

A centralidade de uma IG é a sua identidade, que nesta tese, compreendemos que esta identidade é fruto do uso e apropriação do território, assim como a transformação da paisagem natural e da construção da paisagem cultural, que é o conceito de *terroir* utilizado na tese. Dentro deste contexto, destaca-se mais uma vez a relevância da compreensão do território no processo de construção de uma IG, pois, para Saquet (2006, p.183):

A abordagem territorial, consubstancia-se numa das formas para se compreender a miríade de processos, redes, rearranjos, a heterogeneidade, contradições, os tempos e os territórios de maneira a **contemplar a (i)materialidade do mundo da vida** (grifo nosso).

No Brasil, as Indicações Geográficas são divididas em duas modalidades: a Indicação de Procedência (IP) e a Denominação de Origem (DO). Segundo o Sebrae (2020, p.1), pode-se dizer que:

**Indicação de Procedência** (...) valoriza a tradição produtiva e o reconhecimento público de que o produto de uma determinada região possui uma qualidade diferenciada. É caracterizada por ser área conhecida pela produção, extração ou fabricação de determinado produto. Ela protege a relação entre o produto e a sua reputação, em razão de sua origem geográfica específica.

**Denominação de Origem** é a espécie onde as características daquele território agregam um diferencial ao produto. Define que uma determinada área tenha um produto cujas qualidades sofram influência exclusiva ou essencial por causa das características daquele lugar, incluídos fatores naturais e humanos. Em suma, as peculiaridades daquela região devem afetar o resultado final do produto, de forma identificável e mensurável.

Esta definição proposta pelo Sebrae é a mesma encontrada no INPI e no Ministério da Agricultura, Abastecimento e Pecuária, porém, Tonietto (2019) apresenta uma descrição mais rica de detalhes, o que proporciona um melhor entendimento a respeito das definições das Indicações de Procedência e Denominação de Origem no Brasil. Para Tonietto (2019, p.88):

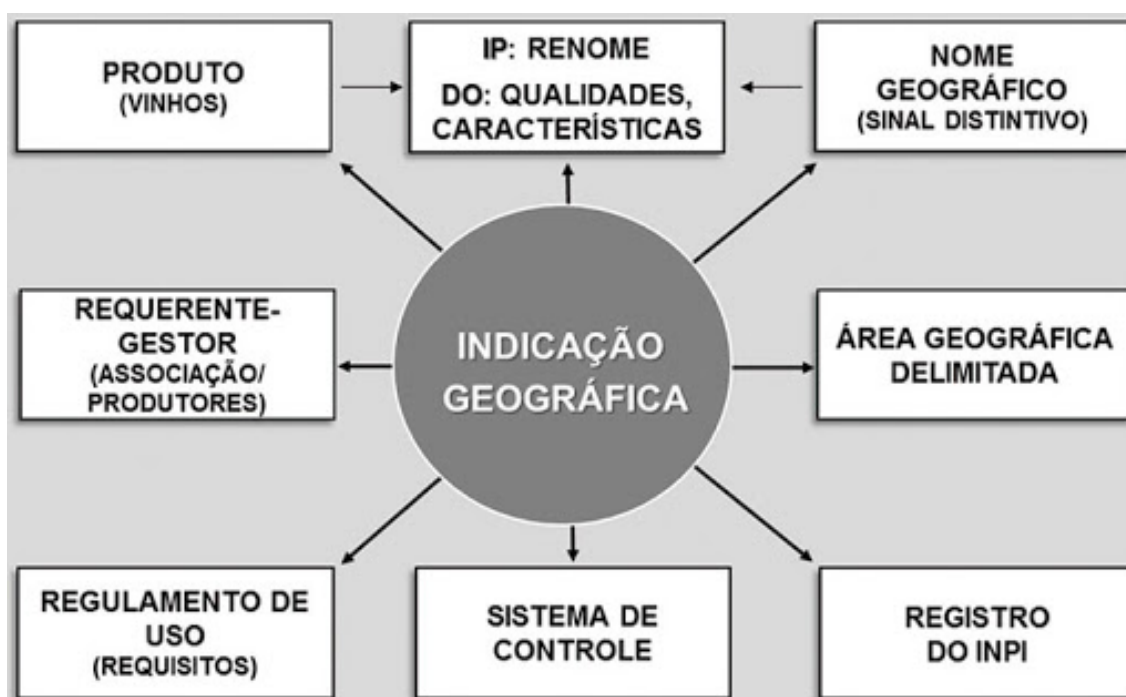
A **Indicação de Procedência** se baseia no renome conquistado na produção de vinhos de uma região definida, a qual passa a ser identificada pelo respectivo nome geográfico. A IP deve ter uma área geográfica delimitada pelo respectivo nome geográfico. A IP deve ter uma área geográfica delimitada, um Regulamento de Uso, que estabelece os requisitos exigidos para a produção dos vinhos, além de um Sistema de Controle, para atestar que os vinhos foram elaborados atendendo aos requisitos do Regulamento de Uso. (grifo nosso)

É comum que uma associação de produtores atue durante a estruturação de uma IG, realizando o encaminhamento do pedido de reconhecimento junto ao Instituto Nacional da Propriedade Intelectual (INPI), e que logo após a obtenção do registro, atua como instituição gestora da IG, auxiliando no controle, promoção e proteção da mesma (TONIETTO, 2019).

Na **Denominação de Origem (DO)**, as exigências são similares às da IP, porém os vinhos devem apresentar qualidades características que são devidas aos fatores naturais e aos fatores humanos. Isto quer dizer que as características dos vinhos (efeito) são o resultado da influência do clima, solo, das práticas vitícolas e dos processos enológicos que definem especificidades dos mesmos (causa), numa relação de causa e efeito conhecida como nexa causal. (TONIETTO, 2019, p.88, grifo nosso).

Pode-se dizer que o universo das Indicações Geográficas exige territórios vitivinícolas organizados com base nos requisitos ligados à produção, mas também levam em conta a gestão do território e como é realizado o controle das atividades desenvolvidas dentro da IG. A Figura 26, apresenta este universo de forma esquematizada:

**Figura 26 - Indicações Geográficas e suas relações**



Fonte: TONIETTO, 2019, p.88.

De forma resumida, pode-se dizer que a Indicação Geográfica proporciona a identificação da origem tanto de produtos ou serviços quando um determinado local se torna conhecido ou quando se destaca devido a determinada característica ou qualidade. No caso do Brasil, as Indicações Geográficas apresentam duas modalidades, a Denominação de Origem (DO) e a Indicação de Procedência (IP). A Indicação de Procedência (IP) remete a um local que passa a ficar conhecido por extrair, fabricar ou produzir determinado produto ou serviço prestado. Já a Denominação de Origem (DO), remete-se ao nome do local onde passou-se a

designar produtos ou serviços, que suas características ou qualidades podem se atribuir a sua origem geográfica (TONIETTO, 2019).

A Serra Gaúcha apresenta algumas das principais Indicações Geográficas de vinhos brasileiros, onde, em 2002 foi introduzida a primeira do Vale dos Vinhedos e do Brasil, a IP Vale dos Vinhedos. Já, oito anos depois, instituiu-se a segunda IG da Serra Gaúcha, a IP de Pinto Bandeira, e desde então outras continuam a surgir. O Quadro 7 apresenta esta evolução e destaca as Associações de Produtores responsáveis por realizar o acompanhamento da IG:

**Quadro 7 - Indicações Geográficas de vinhos da Serra Gaúcha**

<b>Indicação Geográfica de Vinhos</b>			<b>Associação de Produtores (sigla)</b>
<b>Nome Geográfico</b>	<b>Modalidade</b>	<b>Ano de registro no INPI</b>	
Vale dos Vinhedos	Indicação de Procedência	2002	Aprovale
Pinto Bandeira	Indicação de Procedência	2010	Asprovinhos
Altos Montes	Indicação de Procedência	2012	Apromontes
Vale dos Vinhedos	Denominação de Origem	2012	Aprovate
Monte Belo	Indicação de Procedência	2013	Aprobelo
Farroupilha	Indicação de Procedência	2015	Afavin

Fonte: TONIETTO, 2019, p.89 (adaptado)

Dentro das Indicações Geográficas vitivinícolas existem produtos que são possíveis de certificação. Estes produtos divergem de uma IG para outra e no caso das IGs vitivinícolas da Serra Gaúcha, são divididas em vinhos tranquilos (branco, rosado e tinto) e vinhos espumantes (charmat, método tradicional e moscatel espumantes). O Quadro 8 apresenta as IGs e seus produtos passíveis de certificação:

**Quadro 8 - Produtos certificados pelas Indicações Geográficas da Serra Gaúcha**

Indicação Geográfica registrada	Vinhos tranquilos			Vinhos espumantes			Outros tipos de vinhos ou particularidades
	Branco	Rosado	Tinto	Charmat	Método Tradicional	Moscatel Espumante	
<b>IP Vale dos Vinhedos</b>	X	X	X	X	X	X	Outros vinhos: vinho leve e vinho licoroso
<b>IP Pinto Bandeira</b>	X	X	X		X	X	
<b>IP Altos Montes</b>	X	X	X	X	X	X	
<b>DO Vale dos Vinhedos</b>	X		X	X			Variedades estruturantes: Branco – Chardonnay; Tinto – Merlot; Espumante – Chardonnay e/ou Pinot Noir
<b>IP Monte Belo</b>	X		X	X	X	X	
<b>IP Farroupilha</b>	X					X	Todos os vinhos elaborados com uvas moscatéis; Outros vinhos: vinho leve branco e vinho licoroso

Fonte: TONIETTO, 2019, p.90 (adaptado)

Entre as particularidades apresentadas na tabela acima, destaca-se as referentes à Denominação de Origem do Vale dos Vinhedos (DO Vale dos Vinhedos), que exige para certificação de vinhos, uvas específicas que expressam de uma melhor forma o *terroir* existente naquela região. Em relação aos vinhos brancos, exige-se a exclusividade da uva Chardonnay, enquanto nos vinhos tintos, a uva Merlot é a exigência para obtenção da certificação, e por fim, nos espumantes, exige-se que seja Chardonnay e/ou Pinot Noir. Estas características da DO Vale dos Vinhedos mostram a evolução da Indicação Geográfica e a melhor compreensão dos produtores daquele território no tocante às interações homem/natureza. Esta relação pode ser melhor observada na descrição que o site oficial do Vale dos Vinhedos apresenta sobre o processo de construção da identidade deste território e desta IG:

O Vale dos Vinhedos nasceu com a chegada dos imigrantes italianos à Serra Gaúcha, em meados de 1875. A uva foi trazida não só na mala, mas nos corações: ela era o gostinho da Itália, um pouquinho da alma de cada família, um alimento rico para aguentar a jornada do dia. Um a um os vinhedos foram surgindo. Vinícolas foram construídas, as famílias foram aumentando e a história do vinho brasileiro acontecendo. Mais do que um alimento, o vinho se tornou negócio, se qualificou, e se espalhou pelo Brasil e Exterior. Foi este trabalho que fez o vinho do Vale dos Vinhedos ficar conhecido e motivou o seu aprimoramento a cada dia. É esta identidade e paixão que a Indicação Geográfica quer valorizar e proteger (VALEDOSVINHEDOS, 2020, p.6).

Em relação aos cultivares reconhecidos dentro da Indicação Geográfica do Vale dos Vinhedos, o site oficial do Vale dos Vinhedos diz que:

Para a D.O. podem ser cultivadas apenas alguns tipos, também chamadas de variedades, de uvas “*Vitis Vinifera*” (aquelas destinadas a processamento para vinhos finos). No Vale dos Vinhedos, a variedade tinta que ao longo dos anos mostrou melhores resultados nos vinhos foi a Merlot. Então, foi eleita para ser a representante da identidade da nossa D.O. Entretanto, também se pode utilizar de forma complementar a Cabernet Sauvignon, a Cabernet Franc e a Tannat. No caso das uvas brancas, a D.O. engloba a Chardonnay e, como variedade complementar, a Riesling Itálico. Para espumantes, vale também a Pinot Noir, que na verdade é uma uva tinta, mas da qual se extrai um vinho base branco, que traz muita elegância (VALEDOSVINHEDOS, 2020, p.10).

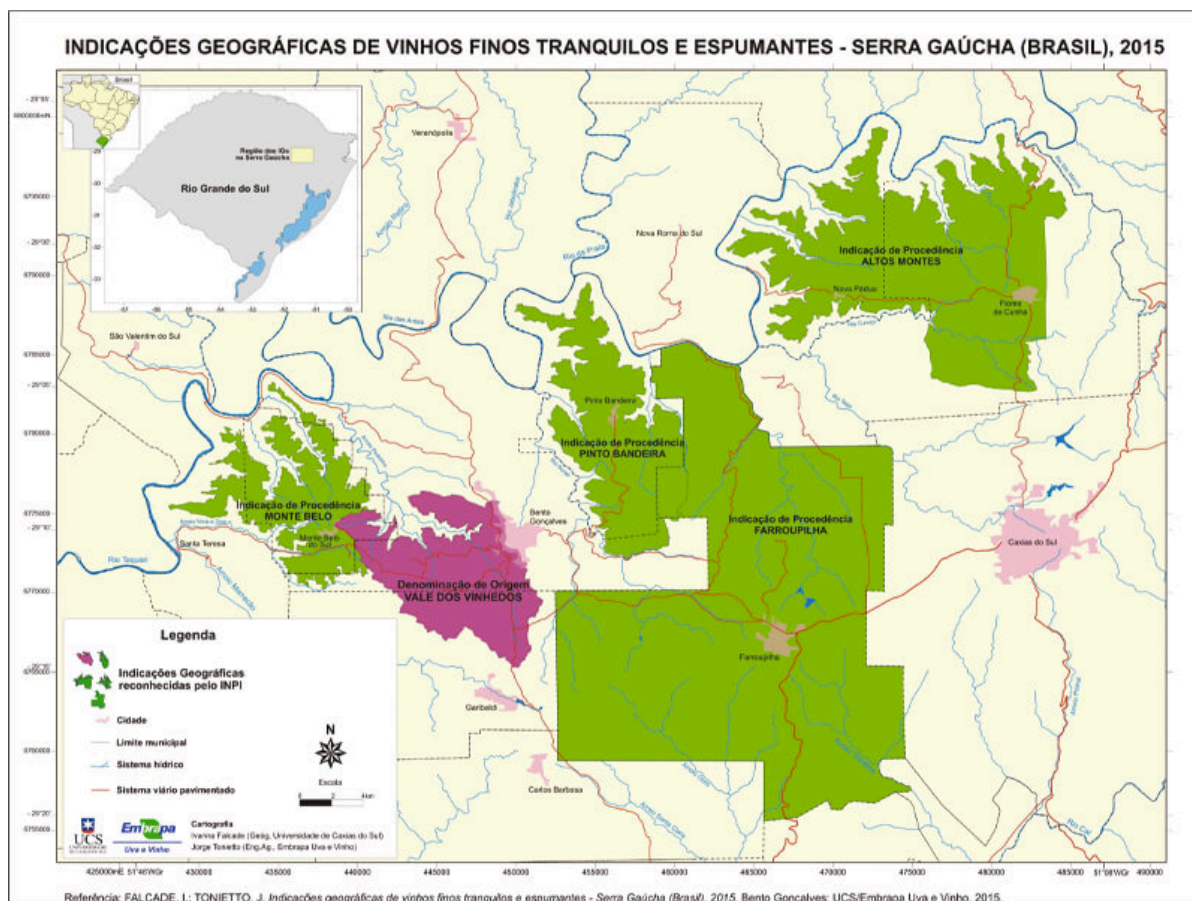
Já em relação aos vinhos produzidos dentro da Indicação Geográfica do Vale dos Vinhedos, o site oficial do Vale dos Vinhedos pontua que:

Os vinhos da D.O. poderão ser varietais, aqueles elaborados praticamente com só um tipo de uva. Para os vinhos tintos, a D.O. Vale dos Vinhedos elegeu o varietal Merlot. Já no caso dos brancos, o vinho varietal é o Chardonnay. Mas a D.O. também aceita as assemblages (são os vinhos elaborados a partir de “misturas” ou “cortes”) de outras uvas. No caso dos tintos, no mínimo 60% do vinho deve ser Merlot, podendo ser complementado com vinhos de outras três uvas tintas especificadas nas regras da D.O.: Cabernet Sauvignon, Cabernet Franc e Tannat. Para os vinhos brancos do tipo assemblage, pelo menos 60% deve ser de Chardonnay e o restante pode ser de Riesling Itálico. Para espumantes, o vinho deve ser de base Chardonnay e/ou Pinot Noir, pelo menos em 60% de sua composição. O restante poderá ser complementado por Riesling Itálico. Só podem ser elaborados pelo chamado método tradicional (que na França é conhecido como champenoise), com surgimento das “borbulhas” em

processo natural, através da fermentação na própria garrafa (VALEDOSVINHEDOS, 2020, p.11).

A Figura 27 representa, a partir de um mapa, a localização das Indicações Geográficas na Região da Serra Gaúcha:

**Figura 27 - Indicações Geográficas de vinhos finos tranquilos e espumantes – Serra Gaúcha (Brasil) – 2015**



Fonte: TONIETTO, 2019, p.90.

Neste processo de avanços das Indicações Geográficas da Serra Gaúcha, destaca-se a atuação do Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN), que em 2016 instituiu seu Comitê específico para Indicações Geográficas, o que possibilitou a criação de metodologias específicas de trabalho, possibilitando a valorização das Indicações Geográficas como instrumento de política do Setor Vitivinícola Brasileiro. Na visão de Tonietto (2019, p.91):

Esta nova realidade tem sido possível após anos de trabalho que contaram essencialmente com o empenho das associações de produtores das diferentes regiões produtoras de IG e com o destacado apoio da Embrapa e de diversos parceiros de Instituições de PD&I, incluindo, no Estado do Rio Grande do Sul, a UCS e a UFRGS.

O trabalho realizado no processo de criação e valorização das Indicações Geográficas na Serra Gaúcha é referência para outras regiões de produção vitivinícola no Brasil, além de ser inspiração para outros produtos regionais, como é o caso do queijo Canastra, e da cachaça, nas

regiões de Paraty-RJ e Salinas-MG. A identificação das IGs da Serra Gaúcha pode ser exemplificada a partir de seus selos, que podem ser vistos na Figura 28.

**Figura 28 - Selos que identificam os vinhos das diferentes Indicações Geográficas Brasileiras**



Fonte: TONIETTO, 2019, p.91 (adaptado)

As indicações geográficas da Serra Gaúcha avançaram muito nos últimos anos, porém não há consenso entre os especialistas da área sobre a real contribuição das IGs no processo de desenvolvimento da região, apesar dos ganhos que ela proporciona. Carlos Raimundo Paviani traz seu posicionamento sobre a importância das IGs e sua experiência ao acompanhado estas ações:

A indicações geográficas contribuíram, contribuem e poderiam contribuir ainda mais para o desenvolvimento da vitivinicultura da Serra Gaúcha e do Brasil como um todo. No começo elas vem mais como uma estratégia de marketing do que de identificação. É um instrumento que o setor, junto com pesquisadores, com as Instituições de fomento, desenvolveu, mas que ainda não o utiliza adequadamente ou na sua totalidade.

Por exemplo, em Altos Montes, que é a minha região, faço aqui minha autocrítica, nenhum vinho de Altos Montes hoje é reconhecido como um vinho de Altos Montes, ou seja, não há um processo formal. Há a região, há a Indicação de Procedência, mas nenhum vinho foi regulamentado para se ter no rótulo que é de Altos Montes. Eu posso colocar no rótulo o endereço da região de Altos Montes, mas não como IP Altos Montes, porque nenhum vinho, zero litros foram identificados. (Carlos Raimundo Paviani)

Em relação ao Vale dos Vinhedos, uma das IGs mais conhecidas, Carlos Raimundo Paviani pontua que:

no Vale dos Vinhedos, no início, houve uma crescente de vinhos indicados. Lá pelas tantas, caiu. Quando se estabeleceu a DO, a mudança, ou seja, eles abandonam a Indicação de Procedência e adotam a Denominação de Origem, que é mais restritiva, o que é bom no meu ver, mas também cai muito o número de vinhos identificados. O grande volume se dá na Indicação de vinhos de Farroupilha, que é um dos que mais vendem pela Indicação de Procedência, e eu acredito que a Indicação dos Vinhos da Campanha, por ser uma região nova, por surgir pensando numa indicação geográfica, que já tem uma outra componente cultural, que não é somente uma estratégia de marketing, mas uma estratégia de produção e identificação, ela tem uma tendência a se consolidar mais.



Embora uma Indicação Geográfica não seja um instrumento de qualidade, não é um identificador de qualidade, mas é um instrumento que nos procedimentos e nos padrões operacionais que eu devo estabelecer para pertencer à Indicação Geográfica, eu acabo interferindo e resultando num qualificativo dos vinhos assim identificados. (Carlos Raimundo Paviani)

Os apontamentos apresentados por Carlos Paviani, principalmente no quesito de mal aproveitamento das IGs pelo setor, também são encontrados nos apontamentos de Diego Bertolini, que vai um pouco mais além. Para ele, no intuito de ampliar o leque de variedades e formas de produção para incluir mais produtores, acabou por se tirar a identidade da região em alguns casos, dificultando a compreensão do consumidor sobre o produto que está adquirindo.

As indicações geográficas têm contribuído no processo de identificação do produto, porém ainda é muito tumultuado em algumas regiões aqui do Rio grande do Sul. Na minha opinião, a IG mais bem-sucedida é a de Pinto Bandeira. Vale dos Vinhedos tem sua importância por ter iniciado todo este processo, mas depois virou uma salada de frutas, muito confuso. Farroupilha com a IP para moscatel também é relevante. As demais, como é o caso da IP de Flores da Cunha e até mais recente da campanha, é uma salada de frutas. No processo de tentar incluir todas as reivindicações dos produtores, acabou por ficar algo muito grande, confuso. (Diego Bertolini)

O processo da utilização das Indicações Geográficas como mecanismo de desenvolvimento regional é questionável, ainda mais quando se analisa as falas dos especialistas entrevistados, que acompanharam todo o processo de criação das IGs. A professora da UFRGS, Kelly Bruch, em sua fala deixa claro este posicionamento, onde para ela:

Hoje cada vez mais, eu vejo, que a Indicação Geográfica tem relação com o enoturismo, mas não no processo de Desenvolvimento da Região. Ela pode atrair mais pessoas e eventualmente as pessoas comprarem mais vinho, mas não necessariamente isto vai implicar em desenvolvimento da região. (Kelly Bruch)

A Indicação Geográfica, em si, não tem como foco o desenvolvimento, ela nunca teve. Sua criação inicial, desde Marques de Pombal, era evitar a concorrência desleal, evitar que falsas Indicações de Procedências fossem feitas em relação ao original. O foco era econômico, de evitar a concorrência desleal. Nunca na sua origem se falou que ela iria trazer desenvolvimento. Ela só queria manter o status quo e impedir que terceiros utilizassem aquele nome. O Brasil romantizou muito o uso das Indicações Geográficas.

Porém, pode-se ter desenvolvimento numa região de IG? Pode. No caso do Vale dos Vinhedos, mais ou menos. Talvez temos regiões que fizeram de uma forma melhor a criação da sua IG, como é o caso de Farroupilha. Farroupilha é hoje a Indicação Geográfica que mais vende vinho, tem características diferenciadas, que é o caso da uva moscato, que se desenvolveu muito bem lá.

Para promover uma região seria muito mais interessante uma marca coletiva, é muito mais barato e funciona para este propósito. (Kelly Bruch)

A crítica apresentada por Kelly Bruch é relevante e corrobora as falas de Diego Bertolini e Carlos Paviani, que já apontavam o mal-uso das Indicações Geográficas, tanto no seu processo construtivo, como no processo de utilização. Porém, quanto avançamos um pouco mais no processo de melhor concepção das políticas públicas voltadas para as Indicações Geográficas, encontramos um problema macro, que tem que ser resolvido no âmbito do Governo Federal. Carlos Raimundo Paviani descreve este problema:

Agora nós temos um problema, porque quem estabelece as Indicações Geográficas é uma legislação que é quase incipiente para a vitivinicultura, que é uma lei estabelecida pela lei de propriedade intelectual, que é regulamentada pelo INPI, que hoje é regulamentado pelo Ministério da Economia. O Ministério da Agricultura, que deveria assumir este protagonismo no caso da vitivinicultura, passa longe desta questão, não dá muita importância. Portanto, temos um problema na legislação das Indicações Geográficas brasileiras, onde a agricultura ainda não se consolidou. Houve várias tentativas de uma legislação unificada para isso, mas não foi possível. Embrapa e Sebrae tem trabalhado muito forte com isso, com muita competência e clareza para avançar com essa questão, mas também não avançou. Talvez porque o setor ainda não tenha exigido isso, não tenha se dado conta. Quando não há uma pressão da base social, uma solicitação pública, fica difícil de estabelecer-la.

Analisando as falas dos entrevistados, assim como todo o acervo bibliográfico e documental, verifica-se uma grande oportunidade para o setor vitivinícola a ser explorada a partir das Indicações Geográficas. Porém, o seu processo conceitual precisa ser melhorado, tanto no âmbito das regiões onde serão implantadas, como também no âmbito do Governo Federal, que pode simplificar e melhorar a legislação voltada a Indicações Geográficas, principalmente no que toca a produtos da agricultura. Este seria um grande legado tanto para pequenos, como para médios e grandes produtores.

A importância de políticas de Estado voltadas para o desenvolvimento e proteção dos produtos regionais, principalmente daqueles provenientes de pequenos produtores, é algo implementado em muitos países mundo a fora, e a bastante tempo. Se pegarmos o caso da França, desde 1905, com a criação da lei sobre repressão às fraudes na venda de mercadorias e adulteração de alimentos e produtos agrícolas, esta proteção tanto ao produtor como ao consumidor vem se desenvolvendo, o que favorece o fortalecimento de uma IG e o fortalecimento do *terroir* de determinada região (DELFOSSE, 2012).

Hoje, verifica-se uma valorização dos produtos das Indicações Geográficas da Região da Serra Gaúcha, principalmente nas IGs do Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e de Farroupilha, com destaque para as duas últimas, uma pelo espumante de método tradicional e seus vinhos brancos, e a outra pelo moscatel. Porém, na fala dos especialistas entrevistados, fica evidente que esta valorização está longe do que poderia alcançar, e muito pela falta de clareza nas informações que poderiam ser repassadas para o consumidor, o que poderia ajudar a valorizar ainda mais o produto. Desta forma, verifica-se relevância no avanço das IGs, mas há um caminho longo a ser percorrido para que ocorra uma real valorização dos seus produtos em virtude de sua aplicação.

As Indicações Geográficas são um importante instrumento para a consolidação das características do *terroir* de uma região, e um valioso instrumento para a valorização de seus produtos. Porém, a correlação da criação de uma Indicação Geográfica com o desenvolvimento de uma região é algo que não foi possível abordar nesta tese. Esta abordagem não foi realizada

devido ao ajuste metodológico necessário para a execução da pesquisa durante o período de pandemia da Covid-19, pois para se fazer esta análise, seria necessário entrevistar os produtores vitivinícolas inseridos nestas Indicações Geográficas e verificar sua percepção em relação ao desenvolvimento, que vai desde melhorias no processo produtivo, melhorias na qualidade de vida, melhorias no meio ambiente, melhorias no retorno financeiro, entre outras. Desta forma, o estudo propõe outra avenida de pesquisa, a Indicação Geográfica como fator para o desenvolvimento regional.

Além disso, outra reflexão importante que este subcapítulo apresenta, e que foi evidenciada nas falas da professora Kelly Bruch, é a respeito se a Indicação Geográfica seria a certificação mais indicada para o tipo de política que se quer desenvolver. No seu posicionamento, a professora deixa claro que as marcas coletivas seriam uma saída muito mais simplificada e que poderia proporcionar o mesmo retorno das Indicações Geográficas para o território como um todo. Desta forma, fica evidenciado mais esta janela de pesquisa: como as marcas coletivas podem ser uma saída mais ajustada para a caracterização e desenvolvimento de uma região.

### **3.2 Importância das Instituições de apoio para o desenvolvimento do vinho brasileiro**

Conforme mencionado no subcapítulo anterior, há muito desafios a serem enfrentados pela cadeia produtiva vitivinícola brasileira, seja pelas melhorias nas concepções das Indicações Geográficas, seja pela valorização do *terroir* de cada região, ou por políticas públicas mais claras e efetivas. Neste ponto, destaca-se alguns Instituições que tem e tiveram papel muito importante no processo de desenvolvimento da região da Serra Gaúcha a partir da vitivinicultura, como é o caso do Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e o Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), entre outras.

Um importante ator neste processo de desenvolvimento da vitivinicultura da Serra Gaúcha é o IFRS. Apesar da criação do IFRS ser do ano de 2008, o campus Bento Gonçalves existe desde 1959, com o nome de Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves. Posteriormente o campus passou por outras denominações, mas sempre mantendo a sua essência, a formação de mão-de-obra técnica qualificada para a viticultura e enologia. Somente em 29 de dezembro de 2008, com a sanção da Lei nº11.892 passa-se a chamar Instituto Federal d Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). O IFRS entre muitas de suas

atribuições, tanto na pesquisa, como na extensão, foi responsável por formar inúmeros técnicos em viticultura, como também, importantes nomes da enologia nacional.

O IFRS tem um papel fundamental no desenvolvimento da vitivinicultura da Serra Gaúcha, se você pegar por alguns nomes, o André Miolo, João Valduga, Laurindo Brandelli, André Larentis, os enólogos da Pizzato, da Lidio Carraro, todos foram alunos do curso de enologia do campus Bento Gonçalves. Então, uma enorme percentagem de enólogos que atuam na vitivinicultura da Serra Gaúcha fora formada no IFRS. O IFRS tem 60 anos, e só por isso já mostra sua importância. (Luís Carlos Dial Rupp)

O IFRS tem um importante papel na formação de mão-de-obra técnica qualificada, conforme verificado na fala de Luís Carlos Dial Rupp e alguns dos nomes de enólogos que passaram por lá, mas também na pesquisa. Em 2020, aprovou-se o primeiro mestrado profissional em viticultura e enologia do Brasil, o que mostra que a pesquisa deve continuar avançando muito nesta instituição.

Outra Instituição muito importante no processo de desenvolvimento da vitivinicultura nacional, e conseqüentemente da vitivinicultura da Serra Gaúcha, é o Ibravin. O Ibravin, que esteve ativo até o ano de 2019, teve um importante papel no crescimento e consolidação dos vinhos brasileiros no mercado nacional e internacional. Inúmeras ações foram realizadas durante os 21 anos em que esteve funcionando ativamente. Carlos Raimundo Paviani, que atuou como Presidente Institucional do Ibravin traz uma importante contribuição:

Não é fácil dimensionar o tamanho do impacto das ações do Ibravin ao longo dos vinte anos que esteve ativo, mas vamos imaginar, por alto, que dos últimos vinte anos pra cá investiu-se de 80 a 100 milhões de reais, sendo que aproximadamente, uns 60% tenha se revertido para promoção e divulgação do vinho nacional, o que daria 60 milhões de reais. Uma indústria de cerveja no Brasil gasta 60 milhões em 3 meses, então é preciso dimensionar estes números. Estes dados são aleatórios, pois não me recordo os números exatos, mas a proporção é essa. O que nós investimos em promoção e publicidade em vinte anos, uma empresa de cerveja no Brasil gasta em três meses.

O maior resultado em si não é o valor gasto em campanhas e promoção, mas sim a articulação que se deu com o setor. **Nós tínhamos três grandes problemas, o primeiro, um problema de imagem muito forte, que era: o vinho brasileiro não tem qualidade. Segundo: o vinho brasileiro é caro. Terceiro: vinho bom é caro.**

A respeito dos três problemas fundamentais da vitivinicultura nacional enfrentadas no início da Gestão do Ibravin, Carlos Raimundo Paviani pontua:

Alguns problemas de marketing e comunicação que se passou a trabalhar muito fortemente. Eu acredito que o primeiro dele, de que o vinho brasileiro não tem qualidade, foi resolvido. Ainda têm problemas com o segundo, porque o vinho brasileiro de qualidade é caro. Ele é caro porque nós temos uma indústria de pequena escala, porque nós temos uma estrutura onde é muito mais fácil e rentável importar vinhos no Brasil do que produzir. Então nos últimos vinte anos abriu-se muito mais importadoras do que vinícolas. Hoje, com o dólar acima de 5 reais, este jogo fica mais justo, pois o vinho de 50 reais brasileiro, tem qualidade igual ou superior ao vinho importado, mas quando o câmbio está mais baixo, esta relação fica prejudicada. Como nós não temos uma grande indústria para produzir em larga escala, nós não temos produção suficiente para produzir o vinho mais barato. Uma Concha y Toro quando faz o seu vinho “Reservado”, que é um dos mais básicos dela, ela faz milhões e

milhões de litros, e comercializa com o nome “Reservado” no Brasil, “Frontera” na Inglaterra, em cada região ela dá um nome diferente. Uma vinícola só, a Concha y Toro, produz mais que toda a produção vinícola brasileira. Em relação ao terceiro, que vinho bom é caro, o fator colonialismo no Brasil fala mais alto. Por exemplo: um relógio brasileiro ou importado, qual vale mais? Não importa o preço, o importado é melhor. Na questão de roupa, uma marca multinacional vale mais que uma marca brasileira. De modo geral, o importado tem uma percepção melhor do internacional. Se um vinho internacional custa 80 reais, tudo bem, ele vale o preço, mas se um vinho nacional custa os mesmos 80 reais, é muito caro. Esse é um problema não só do vinho nacional, mas de inúmeros outros produtos. (Carlos Raimundo Paviani, grifo nosso)

A fala de Carlos Raimundo Paviani é importante para dimensionar o quão pouco se investiu, em termos de volume financeiro, na promoção e divulgação dos vinhos brasileiros nos últimos vinte anos de forma coletiva, ou seja, de forma institucional para todo um setor, principalmente quando comparado com valores com que outras empresas do ramo de bebidas e alimentos investem. Além disso, Paviani lista três problemas basilares da vitivinicultura nacional, que era a qualidade, preço e a percepção de que o que é bom vem de fora do Brasil. Assim como Paviani, acredito que o primeiro problema já foi sanado, mas ainda falta muito para se avançar com o segundo e o terceiro problema. Neste quesito, necessita-se de uma política pública forte e que pense o setor como um todo, fortalecendo a cadeia produtiva e sua competitividade.

Dentre as campanhas de promoção e divulgação desenvolvidas pelos Ibravin ao longo dos últimos vinte anos, podemos destacar algumas, como é o caso da “Vinhos do Brasil”, “Carnaval 2013 de São Paulo – Vai Vai” e a mais recente “Seu vinho suas regras”. Além destas três grandes ações, inúmeras outras foram desenvolvidas, tanto no âmbito nacional como internacional, seja como protagonista da campanha, ou como apoiador. A campanha Vinhos do Brasil tinha como foco dar identidade aos vinhos Brasileiros. A campanha no carnaval de São Paulo, em parceria com a Vai Vai, além de prestar uma homenagem ao vinho e ao colono italiano, foi uma forma de trazer o vinho nacional para a festa popular mais importante do país. Já a terceira, “seu vinho suas regras” teve como foco a popularização do vinho nacional, não importando a forma com que você consome, mas o importante era você estar feliz em ter aquele momento. A Figura 29 ilustra estas campanhas:

**Figura 29 - Algumas campanhas realizadas pelo Ibravin**



Fonte: Ibravin, 2019, adaptado pelo autor

Apesar da importância do Ibravin, por motivações políticas e brigas pelo poder de representar o setor vitivinícola, e acessar o Fundo de Desenvolvimento da Vitivinicultura (Fundovitis), o Ibravin acabou encerrando as suas atividades em meados de 2019 e desde então, a UVIBRA assumiu o papel de articular o setor vitivinícola nacional e gerenciar o Fundovitis. Esta alteração foi lamentada por todos os entrevistados nesta pesquisa, visto o papel relevantíssimo que o Ibravin realizava, além da quebra de uma política de promoção que vinha dando bons resultados para a vitivinicultura nacional.

A importância da Embrapa no processo de desenvolvimento da vitivinicultura nacional é muito significativa, seja pelo desenvolvimento de cultivares amplamente dispersadas em todo o território nacional, ou seja, pelos estudos de técnicas de manejo e controle de pragas e doenças. Além disso, cabe destacar a importância da Embrapa no processo de desenvolvimento das Indicações Geográficas do setor vitivinícola, principalmente pela liderança do Dr. Jorge Tonietto e do Dr. José Fernando da Silva Protas neste processo.

Como foi visto, as Indicações Geográficas ainda têm muito o que avançar, mas o pioneirismo do setor vitivinícola em desbravar esta oportunidade, melhorando o sistema produtivo, com técnicas comprovadas e testadas cientificamente por pesquisadores nacionais, melhorando a qualidade da matéria-prima, consequentemente melhorando a qualidade do vinho, e por fim gerando uma identidade de um produto, com qualidade comprovada, e que gera confiança ao consumidor. Todo este processo deve-se muito a Embrapa, que soube, juntamente ao Ibravin e a Universidade de Caxias, enfrentar um dos problemas basilares destacados por Carlos Raimundo Paviani, o da qualidade do vinho brasileiro.

#### 4. VITIVINICULTURA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Este capítulo tem como pressuposto refletir sobre o objetivo central desta tese, que é analisar como a paisagem natural e o território, juntamente com a cultura dos imigrantes italianos a partir da produção vitivinícola, contribuem no processo de desenvolvimento regional da Serra Gaúcha. Desta forma, este capítulo propõe-se discutir e apresentar dados socioeconômicos, além de dados referentes à cadeia produtiva vitivinícola nacional e da Serra Gaúcha.

Ressalta-se, assim como mencionado na justificativa, que esta tese não teve como pressuposto abordar os elementos culturais como causalidade para o desenvolvimento regional, mas sim o aspecto relacional dos elementos que compõe a cultura material e imaterial da região com o desenvolvimento da região da Serra Gaúcha. Desta forma, optou-se por verificar o desenvolvimento regional por uma outra ótica, a multidisciplinar. Sendo assim, neste capítulo os dados socioeconômicos e da cadeia produtiva vitivinícola fornecem insumos para observar esta relação.

A vitivinicultura é uma das principais, se não a mais importante, atividade econômica da Serra Gaúcha. Compreender sua relevância é um dos objetivos centrais desta tese, portanto, compreender os conceitos de desenvolvimento econômico e de desenvolvimento regional é de extrema relevância para melhor compreensão do contexto estudado. Farias (2016) apresenta dados relevantes da importância da vitivinicultura na Serra Gaúcha:

A Cadeia produtiva da Uva e do Vinho é caracterizada como sendo a cadeia industrial mais estruturada da região da Serra Gaúcha (TRICHES, 2002). Conta atualmente com 11.945 propriedades rurais, com uma área total plantada de mais de 164 mil hectares, destes 33 mil são vinhedos (MELLO; MACHADO, 2013). São aproximadamente 750 vinícolas que respondem por uma produção de 371 milhões de litros de vinho (MELLO; MACHADO, 2013) e pela comercialização de aproximadamente R\$ 188 milhões em 2014 (UVIBRA, 2014), com uma ampla ocupação de trabalhadores em empregos diretos e indiretos, em segmentos diferenciados, que vão desde a produção rural, passando pela transformação de uvas em vinhos e outros produtos, até mais recentemente em atividades ligadas ao turismo, gastronomia e hospitalidade. Os principais municípios produtores são, por ordem, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Caxias do Sul, Garibaldi e Farroupilha, todos localizados na Serra Gaúcha. (FARIAS, 2016, p.18)

Na economia há um rico debate a respeito da diferenciação de crescimento econômico para desenvolvimento econômico. Segundo Scatolin (1989), apesar das divergências existentes entre as concepções de desenvolvimento e crescimento econômico, elas não são excludentes, mas em alguns pontos, complementares.

O desenvolvimento, em qualquer concepção, deve resultar do crescimento econômico acompanhado de melhoria na qualidade de vida, ou seja, deve incluir “as alterações da composição do produto e a alocação de recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social (pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia)” (VASCONCELLOS; GARCIA, 1998, p. 205).

Um dos principais autores brasileiros que aborda o tema é Celso Furtado, que reconhece a grandiosidade do debate, e coloca seu posicionamento a respeito da necessidade da ciência econômica desenvolver um modelo que englobe todas as variáveis econômicas e sociais. Porém, ele mesmo destaca que “sob o prisma econômico, “desenvolvimento é, basicamente, aumento do fluxo de renda real, isto é, incremento na quantidade de bens e serviços por unidade de tempo à disposição de determinada coletividade” (FURTADO, 1961, p.115-116).

No estudo elaborado por Oliveira (2002), uma sequência de pensamentos a respeito do que deve ser inserido na definição de desenvolvimento econômico. Em suas palavras, ele destaca:

Sandroni (1994) já considera desenvolvimento econômico como crescimento econômico (incrementos positivos no produto) acompanhado por melhorias do nível de vida dos cidadãos e por alterações estruturais na economia. Para ele, o desenvolvimento depende das características de cada país ou região. Isto é, depende do seu passado histórico, da posição e extensão geográficas, das condições demográficas, da cultura e dos recursos naturais que possuem. (OLIVEIRA, 2002, p.40)

Milone (1998) diz que para se caracterizar o desenvolvimento econômico deve-se observar ao longo do tempo a existência de variação positiva de crescimento econômico, medido pelos indicadores de renda, renda per capita, PIB e PIB per capita, de redução dos níveis de pobreza, desemprego e desigualdade e melhoria dos níveis de saúde, nutrição, educação, moradia e transporte. (OLIVEIRA, 2002, p.40)

Como forma de sintetizar o raciocínio, pode-se dizer que existem duas correntes de pensamento econômico a respeito da temática. Uma corrente que apresenta o crescimento como sinônimo de desenvolvimento, enquanto para a outra, crescimento é condição indispensável para o desenvolvimento, mas não é condição suficiente.

Na primeira corrente estão os modelos de crescimento da tradição clássica e neoclássica, como os de Harrod e Domar. Já na segunda corrente estão os economistas de orientação crítica, formados na tradição marxista ou cepalina, que conceitua o crescimento como uma simples variação quantitativa do produto, enquanto desenvolvimento é caracterizado por mudanças qualitativas no modo de vida das pessoas, nas instituições e nas estruturas produtivas. São exemplos dessa última corrente os economistas Raul Prebisch e Celso Furtado. (OLIVEIRA, 2002, p.40)

A concepção que adotou-se nesta tese é a de que desenvolvimento econômico é um processo complexo de mudanças e transformações de ordem econômica, política e, principalmente, humana e social. Esta concepção proporciona uma visão mais humanística do conceito de desenvolvimento econômico, além de proporcionar uma visão multidisciplinar do



conceito, englobando as visões da geografia e economia. Com essa abordagem foi possível compreender o impacto da produção vitivinícola no desenvolvimento e construção da região da Serra Gaúcha.

Como forma de compreendermos as políticas de desenvolvimento regional brasileiras, esta tese baseia-se no trabalho de Bergamaschi (2015), que apoia inicialmente suas análises na perspectiva de Diniz e Crocco (2006), que enquadra três gerações de Políticas Regionais: a primeira, com ênfase na demanda, na correção de disparidades regionais e com ações descendentes (*Top-Down*); a segunda, tem caráter descentralizado (*Botton-up*), com foco nas capacidades endógenas em escalado local e regional, assim como destaque no papel da competitividade e uma terceira geração, ainda não claramente delimitada e em construção, que propõe a síntese entre atuações exógenas e endógenas, ascendentes e descendentes, além de uma valorização importante das dimensões do conceito de território.

No caso do Brasil, a proposta de Bergamaschi (2015) para divisão das políticas regionais divide-se em três gerações: primeira Geração: a) Desenvolvimentismo, Planos e Instituições; b) Neoliberalismo: Desenvolvimento Local e a Retração das Políticas Regionais; e c) Revalorização do Estado e Ênfase no Território. Trata-se de um exercício metodológico com o intuito de facilitar o entendimento da temática em âmbito nacional, caracterizando um processo histórico e suas principais características de cada período.

Em relação ao primeiro período, que abarca as décadas de 1950 e 1970 se verifica a implementação de políticas regionais, consideradas por alguns autores como de primeira geração, com grande influência da teoria keynesiana. “No Brasil, percebe-se também uma grande influência teórica dos debates desenvolvidos no âmbito da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL, criada em 1948 com sede em Santiago, no Chile.” (BERGAMASCHI, 2015, p.36)

[...] na América Latina, a CEPAL nos advertia para o enorme e crescente hiato entre as nações ricas e pobres, diante dos resultados de nossa inserção no sistema de divisão internacional do trabalho, com o que, se não fossem tomadas medidas urgentes e concretas “as nações ricas tornar-se-iam cada vez mais ricas e as pobres cada vez mais pobres”. Dela surgiram as proposições concretas que objetivavam a superação de nosso subdesenvolvimento (nacional e regional) (CANO, 2000, p. 103)

Já o segundo período, “Neoliberalismo: Desenvolvimento Local e a Retração das Políticas Regionais”, que é considerado por alguns autores como os anos dourados do capitalismo, como exemplo do caso do Brasil, o nosso “milagre econômico”, com crescimento acelerado e a implantação do Sistema de Bem-Estar Social em muitos países, as teorias desenvolvimentistas ocuparam papel de claro protagonismo. Entretanto, na década de 1970

notam-se mudanças estruturais de ordem mundial, assim como nos debates sobre desenvolvimento e na implementação de políticas regionais. (BERGAMASCHI, 2015)

O final deste ciclo é representado por uma forte crise na economia mundial, intensificada por crises inflacionárias e pela crise do petróleo. O modelo Keynesiano de desenvolvimento passa a ser questionado, especialmente no que se refere as atuações com foco na demanda e em ações de caráter intervencionista. Essa alteração de paradigmas acaba por formatar o que se considera a segunda geração de políticas regionais. (BERGAMASCHI, 2015, p.41)

O terceiro período, “Revalorização do Estado e Ênfase no Território”, que trata do final da década de 1990 e início do século XXI, que na economia brasileira consiste no período de criação e estabilização do Real, além de estabilização político-social graças à Constituição de 1988. Neste período, observa-se uma gradativa movimentação quanto à revalorização do Estado na promoção do desenvolvimento, assim como na elaboração e na implementação de políticas regionais, em grande medida influenciado pelo ambiente que se formatava na União Europeia, tanto nos debates teóricos e acadêmicos como na implementação de política com foco territorial. (BERGAMASCHI, 2015)

A proposta dessa terceira geração é a arquitetura de uma síntese de teorias e de políticas desenvolvidas no século XX. Significaria compor um arcabouço teórico de propostas desenvolvimentistas e da ciência regional com modelos de desenvolvimento local, com valorização das potencialidades endógenas. Na atuação política, significaria articular ações do tipo descendente e ascendente por meio de uma formatação espacial revalorizada, o território. (BERGAMASCHI, 2015, p.41)

O desenvolvimento da vitivinicultura brasileira e o desenvolvimento regional da Serra Gaúcha enquadram-se perfeitamente neste último período, pois é a fase onde aproveita-se as potencialidades endógenas da Serra Gaúcha para o desenvolvimento da região, como é o caso do aproveitamento do território e sua complexidade para o desenvolvimento do *terroir* e de Indicações de Procedências e Indicações Geográficas.

#### **4.1 Caracterização do mercado vitivinícola nacional**

Como forma de compreendermos o desenvolvimento da cadeia produtiva vitivinícola brasileira, e mais especificamente da Serra Gaúcha, objeto desta tese, é necessário compreender sobre a estrutura de mercado na qual está inserida esta cadeia, assim como as relações comerciais que realiza. Desta forma, com este panorama, é possível observarmos tendências e até mesmo confirmar ou não se a vitivinicultura se encaixa ou não na terceira geração do desenvolvimento de políticas regionais de desenvolvimento proposto por Bergamaschi (2015).

Baseando-se nos dados disponibilizados no Anuário Vinhos do Brasil 2019, foi possível compreender melhor a caracterização mercadológica da cadeia produtiva vitivinícola brasileira e da Serra Gaúcha. Desta forma, na Tabela 3, podemos observar o consumo de vinho tinto no Brasil, assim como o consumo de vinho fino pelos consumidores brasileiros.

**Tabela 2 - Consumo de vinho no Brasil**

<b>CONSUMO PER CAPITA DE VINHO NO BRASIL</b>		
Produção Brasileira	305.473.000	Litros
Importação	115.681.572	Litros
Estimativa de consumo total	421.154.572	Litros
População Brasileira	209.300.000	Habitantes
Consumo per capita	2,01	litros por habitante ao ano
<b>CONSUMO PER CAPITA DE VINHO FINO NO BRASIL</b>		
Produção Brasileira	46.993.000	Litros
Importação	115.681.572	Litros
Estimativa de consumo total	162.674.572	Litros
População Brasileira	209.300.000	Habitantes
Consumo per capita	0,78	litros por habitante ao ano

Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.23, adaptado

Analisando os dados da Tabela 2, verifica-se que o consumo brasileiro de vinho é em sua grande maioria relacionado ao vinho de mesa, ou seja, aquele produzido a partir de variedades americanas. O consumo relacionado a vinhos finos apresenta dados bem inferiores e está relacionado principalmente a vinhos importados (115.681.572 litros), enquanto a produção nacional ocupa menos de 30% deste mercado (46.993.000 litros). Considerando que o consumo de vinhos pelos brasileiros é de pouco mais de dois litros por habitantes por ano, e que o consumo de vinho fino é de apenas 0,78 litros por habitante, verifica-se um enorme mercado a ser explorado pelos vinhos brasileiros.

O baixo consumo de vinho pelos brasileiros pode ser explicado por diversos fatores, que vão desde os aspectos culturais, climáticos, como econômicos e sociais. Verifica-se que em muitas famílias o único momento na qual se tem contato com vinhos e no final de ano durante as comemorações natalinas e de ano novo. Além disso, muito deste consumo nestas datas é realizados a partir de produtos de baixo valor de mercado, o que muitas vezes impacta na qualidade do produto, e gera certo desprezo, ou desmerecimento dos produtos desta cadeia produtiva.

Diante do baixo consumo de vinhos brasileiros e da sazonalidade de consumo por grande parte das famílias brasileiras, cabe voltar o olhar para os consumidores regulares, que

fomentam o mercado interno e externo desta cadeia produtiva. Em relação à importação de vinhos, desconsiderando os espumantes, no ano de 2017 temos os seguintes dados:

**Tabela 3 - Importação de vinhos (sem espumantes) 2016 – 2017**

IMPORTAÇÃO DE VINHOS (SEM ESPUMANTE 2016 - 207 - JANEIRO A DEZEMBRO)							
	PAÍS	2016			2017		
		VOLUME	FOB US\$	%	VOLUME	FOB US\$	%
1	CHILE	4.818.574,10	124.806.304,60	47,80	5.697.369,30	146.560.748,90	43,70
2	ARGENTINA	1.567.572,70	44.876.074,60	17,20	1.707.572,50	51.160.394,10	15,20
3	PORTUGAL	1.203.636,90	29.152.564,20	11,20	1.812.372,80	43.910.221,60	13,10
4	ITÁLIA	889.200,70	22.010.743,20	8,40	1.353.711,70	33.807.038,00	10,10
5	FRANÇA	413.044,00	15.774.488,20	6,00	645.217,30	24.078.354,90	7,20
6	ESPAÑA	436.107,00	11.974.792,20	4,60	714.993,50	18.866.329,40	5,60
7	URUGUAI	248.478,80	5.169.278,30	2,00	328.701,80	7.625.838,80	2,30
8	ESTADOS UNIDOS	79.916,50	2.868.125,80	1,10	125.378,00	3.914.396,00	1,20
9	ÁFRICA DO SUL	64.155,70	1.657.512,80	0,60	125.191,40	3.154.442,60	0,90
10	AUSTRÁLIA	54.177,00	1.470.404,90	0,60	35.632,10	1.181.514,60	0,40
11	ALEMANHA	17.523,60	591.403,60	0,20	9.263,20	313.013,70	0,10
12	NOVA ZELÂNDIA	4.666,00	362.708,20	0,10	3.358,50	249.112,80	0,10
	OUTROS	8.526,00	340.496,50	0,10	18.463,10	729.143,50	0,20
	<b>TOTAL</b>	<b>9.805.579,00</b>	<b>261.154.897,00</b>		<b>12.577.225,30</b>	<b>335.550.548,90</b>	

Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.23, adaptado

Observando os dados da Tabela 3, verifica-se que no ano de 2016 – 2017 o grande exportador de vinhos para o Brasil foi o Chile, com quase 50% deste mercado, seguido, respectivamente, pela Argentina, Portugal, Itália e França. Este dado pode ser explicado por diversos fatores, que vão desde a alta competitividade dos vinhos chilenos e argentinos no mercado internacional, como também aos acordos comerciais do Mercosul (que facilitam em muito a entrada de vinhos Chilenos e Argentinos no Brasil), como a imagem dos vinhos chilenos e argentinos serem um bom custo benefício, entre outros. Em relação a Portugal, destaco o grande incentivo que os produtores portugueses vêm recebendo do governo local nos últimos anos, além de apresentarem perante os consumidores brasileiros a mesma características dos vinhos chilenos e argentinos, serem um bom custo benefício.

Se observarmos a importação de vinhos (sem espumantes) no ano de 2018, verifica-se que o volume de vinho oriundo de Portugal foi superior ao da Argentina, com mais de 1,8 milhões de litros exportados para o Brasil, representando um aumento superior a 50% no volume em relação ao ano anterior. Já o Chile continua com a liderança deste volume importado pelo Brasil, porém o seu domínio de mercado foi diluído, representando 43,7%. Este dado pode

mostrar tanto uma maior diversificação das cestas de produtos ofertados, ou pode ser explicado pela ofensiva dos vinhos europeus (Portugal, Espanha e Itália) no mercado brasileiro, ou até mesmo pelo desejo de diversificação dos consumidores regulares de vinho, entre outros fatores.

A Tabela 5 apresenta estes dados:

**Tabela 4 - Importação de vinhos (sem espumantes) 2018**

IMPORTAÇÃO DE VINHOS (SEM ESPUMANTE 2016 - 2017 - JANEIRO A DEZEMBRO)							
		2016			2017		
	PAÍS	VOLUME	FOB US\$	%	VOLUME	FOB US\$	%
1	CHILE	5.697.369,30	146.560.748,90	43,70	5.662.256,80	145.532.325,90	42,40
2	ARGENTINA	1.707.572,50	51.160.394,10	15,20	1.686.960,50	52.322.051,80	15,20
3	PORTUGAL	1.812.372,80	43.910.221,60	13,10	1.959.875,40	52.190.424,90	25,20
4	ITÁLIA	1.353.711,70	33.807.038,00	10,10	1.216.404,80	35.182.523,00	10,30
5	FRANÇA	645.217,30	24.078.354,90	7,20	504.829,10	21.658.454,90	5,30
6	ESPAÑA	714.993,50	18.866.329,40	5,60	613.524,30	18.480.542,20	5,40
7	URUGUAI	328.701,80	7.625.838,80	2,30	316.067,80	8.439.870,60	2,50
8	ÁFRICA DO SUL	125.191,40	3.154.442,60	0,90	123.872,00	3.471.471,60	1,00
9	ESTADOS UNIDOS	125.378,00	3.914.396,00	1,20	58.678,20	2.458.268,10	0,70
10	AUSTRÁLIA	35.632,10	1.181.514,60	0,40	51.127,00	1.512.825,30	0,40
	OUTROS	30.868,40	1.281.206,30	0,40	50.783,80	1.988.426,90	0,60
	<b>TOTAL</b>	<b>12.577.225,30</b>	<b>335.550.548,90</b>		<b>12.244.379,50</b>	<b>343.237.185,20</b>	

Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.23, adaptado

Em relação ao consumo per capita de vinhos no Brasil, pode-se dizer que ele está aumentado gradativamente nos últimos anos. No ano de 2002, o consumo era de apenas 1,61 litros/habitante/ano, enquanto em 2018 este consumo sobe para 2,01 litros/habitante/ano, o que mostra que vagarosamente o mercado de vinho vem crescendo no Brasil. Observando o mercado de vinhos e espumantes importados, verifica-se, entre 2002 e 2015, um crescimento de 335,64% no volume de importação e um crescimento de mais de 500% no faturamento destas importações. (ANUÁRIO VINHOS DO BRASIL, 2019).

Já em relação aos vinhos brasileiros, entre os anos de 2002 e 2018 verifica-se um crescimento de 13,68% vinhos produzidos por uvas não viníferas, e um crescimento de 57,39% nos vinhos produzidos a partir de vitis viníferas, incluindo os espumantes. De forma geral, o volume de vinho brasileiro produzido aumentou 48,39% de 2002 a 2018, o que mostra um fortalecimento desta cadeia produtiva, além de um foco na produção de produtos com maior valor agregado, observado a partir do aumento da produção de vinhos de vitis viníferas, que produzem os vinhos finos. (ANUÁRIO VINHOS DO BRASIL, 2019)

Analisando os dados do Anuário Vinhos do Brasil, no ano de 2019, verifica-se que boa parte deste crescimento do mercado de vinhos brasileiros se deve em muito ao aumento do

consumo de espumantes pelos brasileiros. O espumante destaca-se como o carro chefe das vinícolas brasileiras como produto de qualidade, e este reconhecimento pelo mercado interno tem proporcionado um crescimento considerável do mercado e a busca por mais investimentos no setor. Se observarmos o mercado de espumantes no Brasil, verifica-se que 77% deste mercado é ocupado por empresas brasileiras, o que mostra uma potencialidade gigante deste mercado. A Tabela 5 apresenta estes dados:

**Tabela 5 - Ranking dos espumantes no Brasil (em litros)**

RANKING DOS ESPUMANTES NO BRASIL (EM LITROS)			
	PAÍS	EM 1.000 LITROS	SHARE
1	BRASIL	19.513	77,0
2	FRANÇA (espumantes)	1,428	5,6
3	ESPANHA	1,451	5,7
4	ITÁLIA	1.286	5,1
5	ARGENTINA	728	2,9
6	FRANÇA (Champagne)	342	1,3
7	Chile	315	1,2
8	Portugal	146	0,6
	Outros	126	0,5
	<b>TOTAL</b>	<b>25.336</b>	

Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.26

Conforme mencionado na Tabela 5, a representatividade dos espumantes brasileiros<sup>3</sup> no mercado interno é muito significativa. Este dado pode indicar a alta competitividade destes produtos, como pode indicar o reconhecimento da qualidade pelo consumidor, como pode ser devido às características sensoriais do produto, entre outros fatores. Porém, do ponto de vista comercial observa-se um pilar importante da vitivinicultura nacional.

Em relação à importação de espumantes pelo Brasil, pode-se afirmar que a concentração destas importações está em três países: Espanha, França e Itália. A Espanha por ter as cavas como um produto característico de algumas de suas regiões produtoras é naturalmente um grande exportador mundial do produto, o mesmo pode-se dizer da França, principalmente se considerarmos a região da Champagne, região de maior prestígio na produção do produto no mundo. Além disso, a Itália também se destaca pelo Proseccos, Astis e o Franciacorta.

<sup>3</sup> Coincidentemente, o Vêneto também é reconhecido pela produção de Prosecco, um tipo de espumante.

**Tabela 6 - Importação de espumantes (sem vinhos) em 2018**

IMPORTAÇÃO DE ESPUMANTES (SEM VINHOS) 2018 - JANEIRO A DEZEMBRO							
	PAÍS	2017			2018		
		VOLUME	FOB US\$	%	VOLUME	FOB US\$	%
1	ESPANHA	146.609,90	4.742.114,80	24,29	161.224,60	5.154.248,50	26,47
2	FRANÇA (sem champagne)	149.529,60	4.357.836,60	24,77	158.702,60	4.848.774,70	26,05
3	ITÁLIA	143.677,20	4.410.108,90	23,80	142.946,70	4.445.804,50	23,47
4	ARGENTINA	74.176,70	2.284.034,70	12,29	80.942,80	2.491.141,30	13,29
5	CHILE	33.831,00	1.380.244,10	5,60	34.952,00	1.334.233,10	5,74
6	FRANÇA (Champagne)	38.000,00	8.486.600,00	6,30	26.500,00	6.107.200,00	4,35
7	PORTUGAL	14.421,20	513.423,50	2,39	16.275,00	530.016,80	2,67
8	AUSTRÁLIA	1.348,30	51.374,00	0,22	5.215,10	210.289,00	0,86
9	ÁFRICA DO SUL	537,50	23.799,50	0,09	1.707,50	73.773,30	0,28
	OUTROS	1.500,20	63.833,80	0,25	7.162,80	174.439,90	1,18
	<b>TOTAL</b>	<b>603.630,60</b>	<b>17.826.769,80</b>		<b>609.129,10</b>		

Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.25

Comparando os anos de 2017 e 2018 em relação à importação de espumantes, verifica-se que houve um sensível aumento no volume importado. Tal fator pode ser estar estritamente relacionado ao aumento do consumo de vinho pelo consumidor brasileiro, que tem se aberto tanto ao espumante nacional, como também a ter novas experiências a partir de espumantes importados. Podemos destacar que algumas marcas específicas de espumantes e champagnes, dispõem de muito prestígio no mercado mundial e carregam em suas marcas um apelo de consumo, como é o caso da Moët & Chandon, Veuve Cliquot (França), e da Freixenet (Espanha). Estas marcas, despertam nestes novos consumidores, uma sensação de inclusão e pertencimento a um ambiente idealizado do mundo do vinho, de glamour, sofisticação e parte de uma elite sócio econômica, o que acabou não sendo explorado nesta tese, mas observa-se uma importante avenida de pesquisa.

Estas particularidades do mundo dos espumantes e champagnes não atrapalha o desenvolvimento do mercado de espumantes brasileiros, na verdade, ajuda a incluir novos consumidores no mercado do vinho nacional. Tal fato pode ser analisado se observarmos as gôndolas de supermercados, onde é possível observar que as principais marcas de espumantes e champagnes se encontram presentes, porém o domínio do espaço é dos espumantes brasileiros, que se apresentam com preço muito competitivo, e por muitas vezes com qualidade similar ou superior a muitas marcas internacionais comercializadas.

Outro produto que merece destaque no processo de fortalecimento da vitivinicultura nacional é o suco de uva. Nos últimos anos, é visível como este produto conseguiu se inserir no

gosto das famílias brasileiras, e tal fato é tão marcante, que ao adentrarmos em supermercados no Brasil, é comum estes produtos estarem em destaque com muita visibilidade, como também ocupam um espaço significativo do setor destinado a sucos e refrigerantes.

Este crescimento do consumo de suco uva pelas famílias brasileiras pode ser explicado por diversos fatores, que vão desde a busca dos consumidores por produtos mais saudáveis e menos adição de açúcares, como também pelo trabalho de valorização e competitividade deste produto por entidades como o IBRAVIN, assim como pela oferta deste produto com preços mais competitivos, entre outros fatores.

Se consideramos os anos de 2017 e 2018 para análise, verifica-se um aumento de mais de 20% na produção deste produto no Rio Grande do Sul (maior Estado produtor), o que é um dado muito significativo, pois a produção salta de 109 milhões de litros para mais de 131 milhões de litros. Tal fato pode ser reflexo da consolidação deste mercado, conjuntamente com um aumento significativo da demanda pelos consumidores. A Figura 30 apresenta esta evolução da produção de suco de uva pelos consumidores brasileiros.

**Figura 30 - Produção de suco de uva pelo Rio grande do Sul (em litros)**



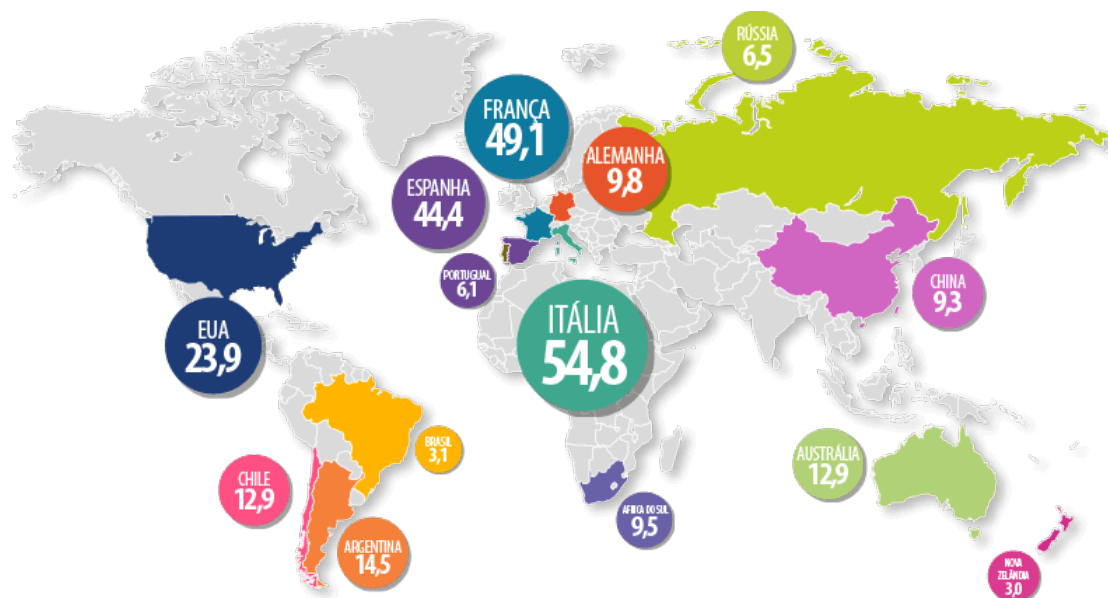
Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.36

Considerando a participação do Brasil no mercado mundial de produtores de vinho, pode-se dizer que sua relevância ainda é tímida, com aproximadamente 3,1 milhões de hectolitros produzidos em 2018. Se compararmos este valor com Itália, maior produtor do ano, com 54,8 milhões de hectolitros, França e Espanha, produzimos muito pouco, porém com as novas técnicas de manejo e novas variedades desenvolvidas em solo brasileiro, o vasto território nacional, a presença de produção de uvas em praticamente todas as regiões brasileiras, e o



aumento do consumo nacional, pode-se dizer que o cenário é muito promissor. A Figura 31 apresenta o mapa dos maiores produtores de vinho no ano de 2018.

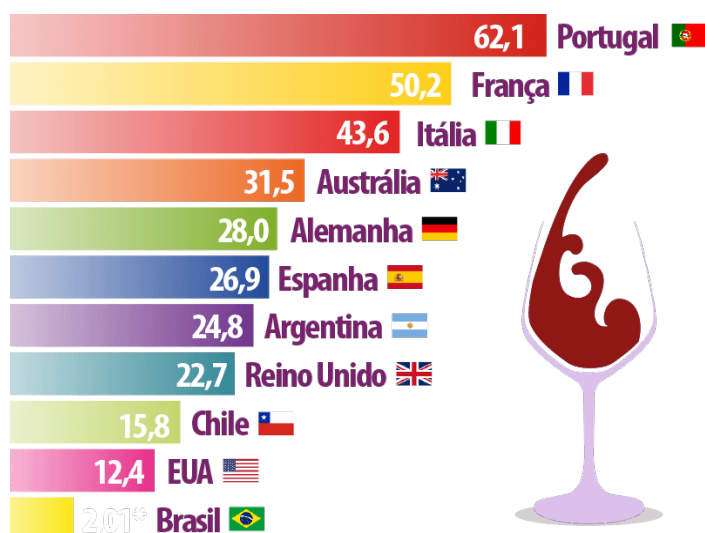
**Figura 31 - Maiores produtores de vinho (em milhões de hectolitros) – 2018**



Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.37

Um dado que pode demonstrar a potencialidade de desenvolvimento do setor vitivinícola brasileiro é em relação ao consumo per capita de vinhos pelos brasileiros. Quando compara-se o consumo nacional de vinhos com países europeus, verifica-se um volume trinta vezes menor no consumo brasileiro, quando comparado com Portugal, e doze vezes menor quando comparado com nossa vizinha Argentina. A Figura 32 apresenta os dados de consumo de vinho no mundo.

**Figura 32 - Consumo de vinho no mundo (em litros por habitante)**



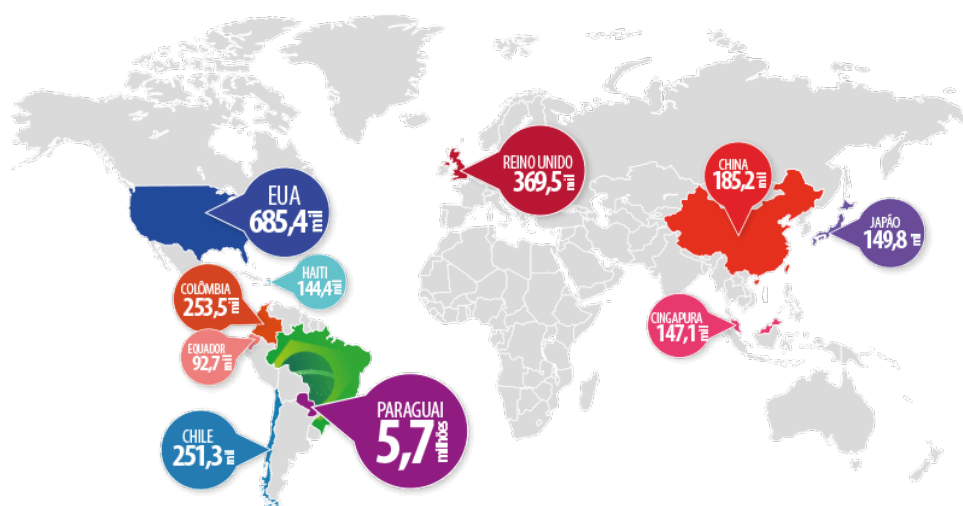
Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.37

Observando a potencialidade que pode ser gerada para o setor vitivinícola com o aumento do consumo de vinho por parte da população brasileira, o que pode ser identificado durante a pandemia, onde o vinho apresentou um crescimento de 72% no segundo trimestre de 2020, em relação ao mesmo período em 2019, segundo a Associação Brasileira de Sommeliers do Rio Grande do Sul, verifica-se um cenário muito promissor para a vitivinicultura brasileira (BEVILAQUA, 2020).

O aumento do consumo de vinho durante a pandemia não foi uma realidade somente brasileira, o aumento do consumo foi algo identificado em muitos países, principalmente na Europa (BEVILAQUA, 2020). Esta nova realidade proporciona que o desenvolvimento da vitivinicultura brasileira se desenvolva em ritmo mais acelerado, aproveitando este momento de aquecimento da demanda mundial por vinho e um câmbio extremamente favorável para a exportação, onde em 2020 o U\$\$1 esteve valendo, em média, R\$5 ou mais, o que é muito favorável às exportações e aumento de competitividade no mercado interno frente aos produtos importados.

O Brasil exporta vinhos, espumantes e sucos de uva para todos os continentes, o que mostra uma ramificação interessante para esta cadeia produtiva. O principal país importador, em volume, de produtos da cadeia vitivinícola brasileira é o Paraguai, muito em virtude do Mercosul e suas vantagens comerciais. Porém, quando observamos os demais países importadores de produtos vitivinícolas brasileiros, observamos uma forte participação de países asiáticos (Japão, Cingapura), assim como de países europeus (Reino Unido) e América do Norte (Estados Unidos e Canadá). A Figura 33 e as Tabelas 7, 8 e 9 apresentam estes dados.

**Figura 33 - Maiores compradores de vinho brasileiro (em dólares, de janeiro a dezembro de 2018)**



Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.3

**Tabela 7 - Principais países importadores de suco de uva brasileiro – 2017**

<b>SUCOS</b>			
<b>PAÍS</b>	<b>LITROS</b>	<b>US\$</b>	<b>PREÇO/LITRO</b>
Japão	1.006.241	2.379.350	2,36
Paraguai	128.378	68.205	1,31
Hong Kong	16.170	24.239	1,50
Estados Unidos	27.645	56.911	2,06
República Dominicana	29.680	113.081	3,81
Canadá	9.486	11.200	1,18
China	23.937	47.152	1,97
Nova Zelândia	9.275	24.115	2,60
Reino Unido	8.216	15.433	1,88
México	24.173	66.078	2,73
Portugal	2.082	2.803	1,35
Taiwan (Formosa)	1.809	4.834	2,67
Argentina	795	3.458	4,35
Chile	1.788	2.344	1,31
Bolívia	612	1.207	1,97
Angola	1.895	1.553	0,82
Austrália	580	2.193	3,78
Bélgica	27	54	2,00
Países Baixos (Holanda)	97	130	1,34
<b>TOTAL DE SUCOS</b>	<b>1.292.886</b>	<b>2.924.340</b>	<b>2,16</b>

Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.45

Destaca-se na Tabela 7 a importância dos países asiáticos no processo de aquisição de suco de uva, onde o Japão tem um grande protagonismo, sendo responsável por mais de 77% do volume em litros exportados pelo Brasil. Nesta transação com o Japão cabe destacar que o preço médio de exportação (US\$2,36) ficou superior ao preço médio total (US\$2,16), o que demonstra ser um mercado a ser fortalecido tanto por ações de marketing, como por políticas públicas que facilitem as relações comerciais entre os dois países. Neste mesmo sentido, verifica-se um potencial enorme de aumento de volume comercial com a China, que apresenta um volume pequeno se comparado com o Japão, aproximadamente 1,85% do volume total exportado. Sabendo do tamanho do mercado chinês, uma maior articulação comercial entre os dois países pode propiciar aos produtores de suco de uva brasileiros uma oportunidade ímpar de obter maiores ganhos comerciais.

**Tabela 8 - Principais países importadores de espumante brasileiro – 2017**

SUCOS			
PAÍS	LITROS	US\$	PREÇO/LITRO
Cingapura	47.214	135.547	2,87
Polônia	23.099	73.608	3,19
Estados Unidos	28.542	172.961	6,06
China	19.490	58.87	3,02
Chile	25.481	298.521	8,18
Reino Unido	14.626	72.706	4,97
Uruguai	9.279	34.074	3,67
Japão	7.853	34.532	4,40
Paraguai	92.114	205.51	2,23
Bolívia	5.871	24.851	4,23
Alemanha	4.092	21.373	5,22
Bélgica	1.800	10.555	5,86
Colômbia	2.309	8.637	3,74
França	2.163	9.245	4,27
Nigéria	976	4.029	4,13
Portugal	1.552	23.255	14,98
Hong Kong	431	2.756	6,39
Argentina	4.342	17.243	3,97
Luxemburgo	113	655	5,80
Espanha	2.271	9.453	4,16
Itália	1.307	5.331	4,08
Peru	1.577	6.379	4,05
Suécia	54	218	4,04
México	737	2.476	3,36
<b>TOTAL DE ESPUMANTES</b>	<b>297.293</b>	<b>1.142.785</b>	<b>4,87</b>

Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.45

Em relação às exportações dos espumantes brasileiros verifica-se dois dados muito interessantes, primeiramente com o caso de Cingapura, e posteriormente com o caso do Paraguai. Cingapura apresenta-se como principal mercado importador na Ásia dos espumantes nacionais, o que mostra, que num país com alto índice de desenvolvimento, com um mercado interno muito rico, os espumantes nacionais conseguem ter uma entrada, o que pode indicar a qualidade competitiva dos produtos nacionais frente aos seus similares. Portanto, trata-se de um mercado, juntamente ao chinês, a ser melhor explorado e desenvolvido pelo setor vitivinícola nacional. Em relação ao Paraguai, maior importador de espumantes brasileiros,

verifica-se, na opinião de Diego Bertolini, que “em função de vantagens competitivas, como proximidade geográfica e também de perfil de produto. Os consumidores possuem paladar semelhante ao que temos no nosso mercado interno, que aprecia vinhos mais leves e frutados”. Esta relação também se observa no mercado de vinhos, onde o Paraguai também lidera o ranking, conforme a Tabela 10 demonstra.

**Tabela 9 - Principais países importadores de vinho brasileiro – 2017**

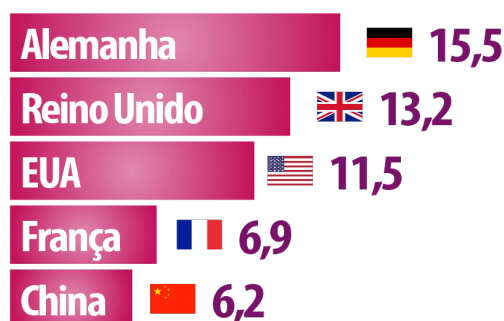
SUCOS			
PAÍS	LITROS	US\$	PREÇO/LITRO
Paraguai	3.249.635	5.518.412	1,70
Estados Unidos	169.109	512.519	3,03
Reino Unido	67.708	296.827	4,38
Colômbia	98.471	244.906	2,49
Japão	38.378	115.365	3,01
Bolívia	25.368	64.044	2,52
Chile	11.049	42.832	3,88
Haiti	79.500	133.425	1,2
Filipinas	9.608	16.205	1,69
Países Baixos (Holanda)	9.451	32.395	3,43
Suécia	8.062	34.563	4,29
França	11.077	38.677	4,39
Irlanda	7.560	25.767	3,41
Bélgica	7.497	52.799	7,04
Nigéria	5.175	6.250	1,21
Cuba	4.776	5.584	1,17
Argentina	16.711	59.150	3,76
Alemanha	10.795	45.408	4,21
Guiné Equatorial	8.389	26.808	3,20
Curaçao	23.93	43.676	1,83
República Tcheca	2.712	20.980	7,74
São Tomé e Príncipe	2.184	2.357	1,08
Uruguai	7.711	29.617	3,84
Austrália	2.055	6.902	3,36
Portugal	6.793	31.307	4,61
Luxemburgo	1.778	11.053	6,22
Cingapura	3.298	11.616	3,52
Gana	9.000	13.502	1,50
Noruega	1.358	10.108	7,44
Espanha	6.123	22.631	3,70
Peru	5.193	19.372	3,73
Itália	3.661	13.26	3,62

México	2.748	9.744	3,55
Polónia	720	4.769	6,50
Nova Zelândia	969	5.565	5,74
Emirados Árabes Unidos	360	1.762	4,89
Hong Kong	1.770	9.221	5,21
Panamá	1.340	3.395	2,53
Cabo Verde	18	48	2,67
Libéria	695	3.252	4,68
Canadá	5.308	20.414	3,85
Ilhas Marshall	928	2.495	2,69
<b>TOTAL DE VINHOS</b>	<b>3.927.971</b>	<b>7.589.892</b>	<b>3,69</b>

Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.45

Estes dados mostram uma ramificação comercial interessante do ponto de vista estratégico para desenvolvimento dos canais de comercialização. Este alcance continental dos produtos vitivinícola brasileiro, por mais tímido que seja quando comparado em volume com os grandes países exportadores, mostram um caminho promissor para o desenvolvimento da cadeia produtiva brasileira. Este cenário pode se tornar ainda mais promissor se os produtos nacionais conseguirem aumentar seu poder de mercado frente aos principais países importadores mundiais, na qual o Brasil já possui relações comerciais, como é o caso da Alemanha, Reino Unido, Estados Unidos, França e China. No caso do vinho, a Figura 34 apresenta os principais importadores mundiais de vinho no ano de 2018.

**Figura 34 - Principais importadores mundiais de vinho (em milhões de hectolitros, 2018)**



Fonte: Anuário Vinhos do Brasil, 2019, p.38

#### 4.2 Vitivinicultura e desenvolvimento regional da Serra Gaúcha

Considerando a abordagem proposta por Bergamaschi (2015) onde o período de “Revalorização do Estado e Ênfase no Território”, que abarca o final da década de 1990 e início do século XXI, e tem no papel do Estado a promoção do desenvolvimento, assim como na

elaboração e na implementação de políticas regionais, muito em virtude do ambiente que se formatava na União Europeia, tanto nos debates teóricos e acadêmicos como na implementação de política com foco territorial. O desenvolvimento da vitivinicultura brasileira e o desenvolvimento regional da Serra Gaúcha insere-se neste contexto, pois é o momento onde aproveita-se as potencialidades endógenas da Serra Gaúcha para o desenvolvimento da região, assim como o aproveitamento da paisagem e sua complexidade para o desenvolvimento do *terroir* e de Indicações de Procedências e Indicações Geográficas.

O objetivo central da tese é analisar como a paisagem natural e o território, juntamente com a cultura dos imigrantes italianos a partir da produção vitivinícola, contribuem no processo de desenvolvimento regional da Serra Gaúcha. Assim, conforme definido na metodologia, optou-se por estudar a microrregião de Caxias do Sul, que engloba os principais municípios da cadeia produtiva da vitivinicultura do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Diante da definição da espacialidade a ser analisada, pensou-se a melhor forma de verificar, dentre as estatísticas e dados disponíveis, como verificar a questão do desenvolvimento na Serra Gaúcha. A partir desta questão, optou-se por trabalhar inicialmente dois indicadores, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e o Índice de Gini da microrregião de Caxias do Sul. Optou-se pelo IDH por abarcar três pilares basilares da questão do desenvolvimento: grau de escolaridade, renda e nível de saúde. Já o índice de Gini, proporciona uma melhor visualização da questão de desigualdade de um território.

Em relação ao IDH, sabe-se que é uma variante de zero (0) a um (1) e que quanto mais próximo de um, mais elevado o índice de desenvolvimento daquela sociedade, e quanto mais próximo de 0, menos desenvolvida é esta sociedade. O Brasil em 2018 apresentou um índice de IDH de 0,761, que aplicado à escala do indicador, verifica-se um índice de desenvolvimento humano alto. Em relação aos municípios da Serra Gaúcha (microrregião de Caxias), todos os municípios apresentar IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) alto. A Tabela 10 apresenta estes dados.

**Tabela 10 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (Municípios da Microrregião de Caxias do Sul)**

<b>Municípios (microrregião de Caxias)</b>	<b>IDHM</b>
Antônio Prado	0,758
Bento Gonçalves	0,778
Boa Vista do Sul	0,728

Carlos Barbosa	0,796
Caxias do Sul	0,782
Coronel Pilar	0,727
Cotiporã	0,741
Fagundes Varela	0,763
Farroupilha	0,777
Flores da Cunha	0,754
Garibaldi	0,786
Monte Belo do Sul	0,752
Nova Pádua	0,761
Nova Roma do Sul	0,741
Pinto Bandeira	-
Santa Tereza	0,746
São Marcos	0,768
Veranópolis	0,773
Vila Flores	0,742

Fonte: IBGE, adaptado, 2020.

Os dados da Tabela 10 apresentam um retrato da Serra Gaúcha e se consideramos as grandes cidades produtoras do setor vitivinícola, como é o caso de Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha e Garibaldi, verifica-se que todas apresentam IDH acima da média nacional. Outro caso interessante é o de Carlos Barbosa, que possui o maior IDH da Serra Gaúcha, mas não é reconhecida pela vitivinicultura, mas sim pelas indústrias metalúrgicas, como é o caso da Tramontina. Destaca-se que apesar de não estar diretamente ligada à vitivinicultura nos dias atuais, a metalurgia foi uma das indústrias que se desenvolveu para atender às demandas desta cadeia, principalmente no início na fabricação de ferragens para as barricas de vinho.

Desta forma, observa-se que a escolha desta região por investir e intensificar as políticas de Estado voltadas para o desenvolvimento e aprimoramento da cadeia produtiva vitivinícola é de certa forma acertada, pois os Índice de Desenvolvimento Humano, baseado no tripé saúde, educação e renda, tem apresentado dados satisfatórios. Porém, somente a análise de

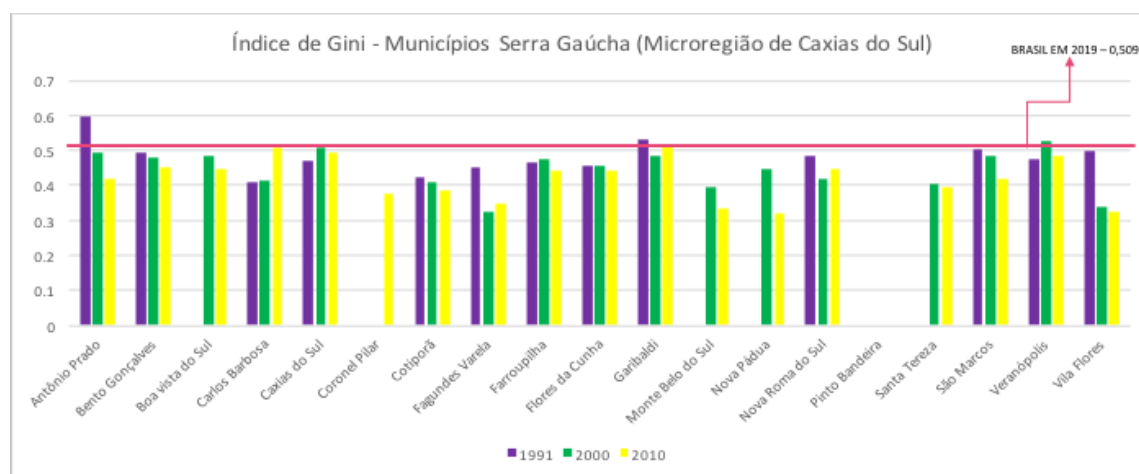


desenvolvimento por um indicador não é o mais adequado, desta forma, complementa-se a análise com o Índice de Gini.

O Índice de Gini é uma medida de desigualdade que oscila de zero (0) a um (1) e que quanto mais próximo de zero (0) for este indicador, mais igualitária é esta sociedade, já quanto mais próximo de um (1), esta sociedade apresenta um maior grau de desigualdade. Se o indicador for igual a zero (0), esta sociedade possui uma completa igualdade, já se apresentar um indicador igual a um (1), apresenta um cenário de completa desigualdade.

Como forma de ilustrar o Índice de Gini da Serra Gaúcha (microrregião de Caxias do Sul) optou-se por analisar a série histórica da região, com dados de 1991, 2000 e 2010 (último dado disponível). Mesmo com os dados um pouco defasados, é possível ter um retrato da questão da desigualdade na região. A Figura 35 apresenta este dado:

**Figura 35 - Índice de Gini – Municípios da Serra Gaúcha (microrregião de Caxias do Sul)**



Fonte: Datasus, 2020, adaptado

Os dados apresentados na Figura 35 mostram que se pegarmos o Índice de Gini do Brasil em 2019, que foi de 0,509, e comparar com os dados de 2010 dos municípios da Serra Gaúcha, verifica-se que a região, mesmo com dados antigos, apresenta uma média de desigualdade bem inferior à média nacional. Muitas das cidades da Serra Gaúcha, em 1991 já possuíam um indicador melhor do que o de 2019 do Brasil, o que pode demonstrar que a base da economia voltada à vitivinicultura, com pequenas propriedades (característica desta cadeia produtiva), tende a proporcionar uma sociedade menos desigual.

Ao analisarmos conjuntamente o IDH e o Índice de Gini, fica mais evidente que a vitivinicultura e toda a sua característica histórica social, enraizada na cultura do imigrante italiano, pode ser o vetor do desenvolvimento da Serra Gaúcha. No Brasil, quando se analisa uma região, é comum encontrar disparidades muito grande entre municípios, o que não é o caso da Serra, que apresenta indicadores relativamente próximos entre os municípios, e que se comparada ao restante do Brasil, dá indícios de que desde o final do século XX, apresenta dados melhores do que o restante do país, principalmente no que toca à questão da desigualdade.

Afirmar que uma região é desenvolvida ou não é algo complexo e difícil de se fazer. Ao trazermos esta discussão a partir dos indicadores, é uma forma de visualizarmos de forma geral determinada localidade. No caso de a vitivinicultura ser propulsora do desenvolvimento regional na Serra Gaúcha, foi muito importante a visão dos especialistas entrevistados durante a construção da tese, primeiro pela experiência com trabalhos que realizaram no setor, mas também por acompanharem o setor a muito tempo, alguns a mais de 40 anos. Na visão de Carlos Raimundo Paviani:

A vitivinicultura ultrapassa suas fronteiras e proporciona que outras cadeias produtivas se desenvolvam. Como exemplo, hoje a indústria metalomecânica da Serra Gaúcha compete em grau de igualdade com o mercado de São Paulo. Então, a vitivinicultura contribui não só para o desenvolvimento de sua cadeia, mas de todo um ecossistema ao seu redor. (Carlos Raimundo Paviani)

Observando a fala de Carlos Raimundo Paviani, fica claro a importância da vitivinicultura no processo de desenvolvimento de outras cadeias produtivas e no processo de industrialização da Serra Gaúcha. Esta visão também é compartilhada por Diego Bertolini, que além de citar estes dois grandes setores que se desenvolveram em virtude da vitivinicultura traz outros destaques:

A região da Serra Gaúcha tem indústrias muito fortes, Tramontina, Random, Grendene, entre outras, porém elas só se desenvolveram graças à vitivinicultura. A Tramontina começa sua história produzindo tesouras para poda de parreira, além de enxadas e ferramentas agrícolas. O setor moveleiro começa por causa das pipas de madeira, a tanoaria. A Grendene começou fazendo palha de garrafão injetável, só depois que surge a Melissa. Muitas transportadoras que são fortes no Brasil nos dias de hoje, começaram porque o Rio grande do Sul exportava 80% do vinho a granel. O Arranjo Produtivo Local (APL) da região é historicamente forjado, muito devido à suas origens culturais, pelo empreendedorismo. A maioria da imigração é do norte da Itália (Vêneto e Trento), que são regiões que se caracterizam por ter cooperativas, um Arranjo Produtivo Local mais organizado que no sul da Itália, ou seja, está intrínseco no DNA do imigrante italiano. (Diego Bertolini)

Na fala de Diego Bertolini destaca-se alguns setores que desfrutaram do desenvolvimento da vitivinicultura e traz um setor ainda não citado, como é o caso do setor logístico. A vitivinicultura direta e indiretamente, movimentou, e ainda movimenta, um número muito

grande de atores do setor logístico, seja ele, terrestre, aéreo ou marítimo. Outro desafio gigante para este setor é justamente por estar fora do eixo comercial de Rio-São Paulo, que concentra grande parte da rede de distribuição do país. Esta dificuldade, pode ter sido, um grande vetor para que o setor se organizasse atender às demandas do setor vitivinícola, e hoje, não apenas este setor, mas inúmeros outros.

De forma mais global, outros especialistas também corroboraram a importância da vitivinicultura para a Serra Gaúcha, como é o caso do economista e Diretor da Embrapa Uva e vinho, Protas, que na sua visão:

a vitivinicultura, enquanto atividade econômica na região da Serra Gaúcha, é um marco referencial. Na verdade, ela atua conjuntamente com outras atividades, e é relevantíssima para a manutenção do comércio local. Ela foi a mola propulsora do desenvolvimento da Região da Serra Gaúcha.

A vitivinicultura foi o primeiro passo de uma atividade econômica agrícola da região, que basicamente iniciou-se na base de troca de produtos entre os colonos e hoje possui uma expressão comercial muito relevante. A vitivinicultura tem esse marco socioeconômico na vida dos imigrantes da Serra. (Protas)

A importância da vitivinicultura para o comércio local da Serra Gaúcha também é muito relevante, pois muito da renda produzida na região e que abastece o comércio, é oriundo da atividade vitivinícola. Além disso, movimenta todo um setor de serviços voltados a atender a população da região, além, é claro, de todo um arranjo relacionado ao turismo da região, um dos mais fortes do Brasil. Hoje a região é reconhecida por sua vocação em prol da uva e do vinho, ou seja, este reconhecimento perante as regiões do Brasil e outros países é muito significativo para o desenvolvimento de uma região. Este destaque é feito por Carlos Raimundo Paviani, que diz:

A vitivinicultura faz parte da identidade da região, que é o grande diferencial, hoje a Serra Gaúcha é a região da uva e vinho, e muitos até confundem Vale dos Vinhedos com a Serra Gaúcha, até mesmo autoridades tinham dificuldades em fazer esta distinção. Então, a vitivinicultura tem uma importância social, econômica, porque a deriva dela surge duas grandes outras indústrias, a moveleira e a metalomecânica. Hoje, claro, são independentes uma das outras, mas quando surgem, estão intimamente interligadas. (Carlos Raimundo Paviani)

Esta confusão apontada por Paviani, onde pessoas tratam a Serra Gaúcha como sinônimo do Vale dos Vinhedos é algo interessante, pois aponta que o que fica na imagem do senso comum quando pensam na região, pensam na vitivinicultura. Hoje a vitivinicultura faz parte da identidade da região perante a população brasileira, e esta identidade é importante para a consolidação de toda a cadeia produtiva.

Este reconhecimento por parte da população como uma região dedicada à uva e o vinho faz com que o setor do enoturismo apresente ainda mais relevância no processo de

desenvolvimento da região. Hoje, a região possui uma boa estrutura para receber turistas, seja na parte hoteleira, nas vinícolas, restaurantes, atividades de lazer, entre outros. Porém, há muito ainda a ser explorado, o que é destacado por Hermes Zaneti:

O Enoturismo é, foi e será muito importante para o desenvolvimento da região e fixação dos jovens na região. Hoje o enoturismo é macro, destinado a grandes empreendimentos, mas acho que será possível que haja o enoturismo micro, onde uma pessoa pode tornar um pequeno espaço num espaço de atendimento ao turismo. Acredito que este microenoturismo inexplorado na região e pode ser uma grande janela no processo de qualidade de vida e permanência na região por qualidade de vida das famílias (Hermes Zaneti)

Na visão de Hermes Zaneti, o setor vitivinícola já possui uma boa estrutura, o grande desafio para a continuidade do turismo e o desenvolvimento regional é a geração de renda a partir de pequenos empreendimentos. Desta forma, o setor vitivinícola conseguiria abarcar ainda mais colaboradores para o seu leque de serviços, algo que é bem característico e histórica desta cadeia produtiva do Brasil.

#### **4.3 Enoturismo e desenvolvimento regional**

Conforme destacado por Hermes Zaneti, o enoturismo se apresenta para a Serra Gaúcha como uma nova oportunidade para o desenvolvimento regional. A quantidade de empregos e serviços, diretos e indiretos, gerados a partir do enoturismo proporciona um melhor acesso à renda pela população da região. Além disso, com uma identidade definida para a região, ou seja, assumir a potencialidade da uva do vinho, facilita com que o Estado e o ambiente institucional fortaleçam políticas e ações voltadas para o setor, que de forma mais assertiva, proporciona um atendimento melhor da população, seja através da educação, com escolas voltadas à temática e cultura da região, seja através da pesquisa realizada pela Embrapa na criação de novas cepas ou criação de Indicações Geográficas, ou de forma geral, ações que visem a melhoria da qualidade de vida da população como um todo. Este modelo de turismo contribui para o desenvolvimento regional, e pode ser visto em outros países, como é o caso da França. Segundo Delfosse (2012):

O produto rural contribui para a valorização da vida camponesa e os primeiros desenvolvimentos do turismo rural. Acompanha-o por escritores de gastronomia que estimulam os turistas a descobrir ao acaso a diversidade das paisagens francesas ao longo do caminho, às quais associam a dos produtos locais, especialmente vinhos e queijos. Assim o mais famoso cantor da arte culinária, Curnonsky, eleito príncipe dos gastrônomos, com seu cúmplice Rouff, começa a publicar em 1919 um *Tour de France gastronômico* em que apresenta cozinha e pratos regionais. Ele critica a culinária burguesa e de grandes hotéis e restaurantes que descreve como internacionais. Esses gastrônomos são certamente regionalistas, mas no período entre guerras a defesa da culinária regional foi um ato nacionalista. Os gastrônomos usam a diversidade dos produtos franceses para estabelecer a superioridade gastronômica da França. Eles ilustram a tensão entre centralismo e regionalismo. Com efeito,

paradoxalmente, durante a Belle Époque, e em particular no período entre guerras, percebemos outra dimensão da procura pela diversidade de países e produtos, concebida desta vez como espelho da coesão nacional e como um meio de garantir uma supremacia francesa *perdida* no cenário político internacional. 9DELFOSSSE, 2012, p.67, tradução nossa)

O processo de desenvolvimento do enoturismo na Serra Gaúcha é algo que veio para ficar e gerar inúmeras oportunidades para o setor. Porém é importante fazermos uma pequena reflexão sobre como este processo se deu ao longo do tempo, onde:

o Dr. Jorge Antonieto, da Embrapa, afirma que temos quatro ciclos do desenvolvimento da vitivinicultura, sendo que o quarto, é o qual estamos finalizando, que é o processo de territorialidade e consolidação das Indicações Geográficas. O desenvolvimento que acontece na vitivinicultura tem um marco com a chegada das multinacionais nos anos de 1970, pois trazem muita inovação para o setor. Por exemplo, o uso da caixa plástica na colheita é fruto da intervenção das multinacionais, pois até então se utilizava os biguncho, ou dornas, uma espécie de tanque, que cabia uns 200 quilos de uva. A mudança para a caixa, principalmente na colheita de uvas destinadas a vinhos finos, proporcionou uma melhor forma de conservar as uvas no processo de transporte até à vinícola. O responsável por isso foi o dirigente da Martini, que se instalou em Garibaldi. Muitas inovações acontecem na década de 1970, até mesmo na inovação nos parreirais com a inclusão de mais variedades destinadas a vinhos finos.

Carlos Raimundo Paviani traz uma importante contribuição referente à década de 1970, que é o paradoxo francês, onde:

Na década de 1970, aproximadamente 70 a 75% da produção era de vinhos brancos, o grande consumo era o de vinhos brancos, mas na década de 1990 surge dois grandes fatos, primeiro a descoberta de Sergi Renault que mostra que os vinhos tintos consumidos em regiões da França, com uma alimentação baseada em comidas gordurosas, acompanhadas de vinho tinto, morria-se menos de doença cardiovasculares que em outras regiões. Este é o paradoxo francês, que muda o perfil dos consumidores de vinho, não só no mundo, mas no Brasil. Paralelo a isso, começa-se neste período as conversas para a criação do Mercosul, que estabelece a abertura comercial de nossas fronteiras. Aí a vitivinicultura brasileira, produzindo aqui 200 milhões de vinhos de mesa neste período, tem que competir com uma indústria que produzia mais de 1,2 bilhões de litros, que é a Argentina. Então surge a necessidade do setor se organizar, criar uma infraestrutura adequada para conseguir competir. Não se tinha laboratório no Brasil para fazer análise de vinho, tinha-se uma lei, que estabelecia o que era permitido se realizar dentro da vitivinicultura, mas não estabelecia como realizar o controle para identificar possíveis fraudes no processo de produção de vinhos, que era muito comum no período. Havia muita fraude no processo produtivo dos vinhos! Posso te dizer que antes do Laboratório de enologia instalado em Caxias do Sul, numa parceria do Governo do Estado, Fundovitis e IBRAVIN, que contratou a Dr. Regina Vanderlinde, que hoje é presidente da Organização Internacional da vinha do Vinho (OIV), ou seja, uma parceria público-privada, a adulteração de vinhos no Brasil era gigantesca. Tinha gente no Brasil que ganhava dinheiro vendendo água! Mas com o laboratório criou-se um ambiente de negócio mais transparente, mais confiável.

Em relação à vitivinicultura nacional, o ano de 2001 é um marco para os avanços que visualizamos nos dias atuais, sendo que:

O ano de 2001 é um marco na vitivinicultura brasileira, com a criação do laboratório de enologia em Caxias do Sul, pois esta mudança é muito forte, radical, vem pra mudar as relações existentes dentro do setor. Mas voltando um pouco, na década de 1990, discutia-se a importância de um laboratório de análise e um cadastramento atualizado, para que pudesse se saber ao certo a quantidade de uva produzida e conseqüentemente, quanto vinho poderia ser produzido, evitando fraudes. Pode-se

dizer que o Brasil tinha uma boa lei para o setor, mas o país era míope, pois não conhecia a quantidade de uva e vinho que produzia. (Carlos Raimundo Paviani)

A construção da identidade a partir da uva e do vinho na Serra Gaúcha proporciona inúmeros benefícios para a população. Dentre os benefícios que podem ser citados, pode-se verificar aqueles ligados diretamente ao setor do enoturismo. Um dos casos de maior sucesso do enoturismo é a geração de empregos, ainda mais no momento de dificuldade econômica pela qual o Brasil vem enfrentando nos últimos anos. Hoje, no setor do enoturismo, além de toda a parte de hotelaria, restaurantes, visitas às vinícolas, tem-se um novo leque de profissões, que talvez esteja muito mais ligada às novas gerações das famílias da região, ou seja, criou-se uma estrutura de serviços turísticos.

Hoje na Serra Gaúcha verifica-se serviços inusitados, que muitas vezes só era encontrado em outros países, como é o caso dos passeios de balão. Além disso, tem-se programas muito mais ajustados a públicos jovens, como é o caso do “wine garden”, momento na qual as pessoas fazem uma espécie de piquenique e parecem a natureza com produtos vitivinícolas (prática que foi incorporada por muitas vinícolas). Algumas vinícolas proporcionam experiências durante a vindima, proporcionando uma maior ligação dos turistas com o ambiente da vitivinicultura. É comum algumas vinícolas ofertarem passeios de “tuk”, carro típico da região para carregar caixas de uva e ferramentas agrícolas, mas que agora foi adaptado para a opção de passeios. Outro tipo de turismo que a região proporciona está ligado a esportes, como é o caso de corridas pelos parreirais (ex: winerun), e voltas ciclísticas pelas cidades da Serra.

Outro setor que está em alta no enoturismo da Serra Gaúcha está relacionado aos casamentos. É comum encontrar filas de mais de dois anos para conseguir uma data em vinícolas mais bem estruturadas, ou em algumas igrejas da região. Muitas das novas gerações de famílias que tem origens na região optam por voltar e celebrar este festejo em suas origens. Além disso, pessoas com alto padrão, principalmente do eixo Rio-São Paulo também tem procurado pelas belas paisagens dos vinhedos e a infraestrutura que a Serra Gaúcha oferece.

Deste setor de casamentos ligado ao enoturismo desenvolve-se inúmeras outras profissões, como é o caso de cerimonialistas, decoração, música e preparação de iluminação de festas, bolos e doces, segurança, transporte e logística, hotelaria, adereços para festas, buffets, além é claro, de todas os empregos voltados diretamente às vinícolas, pois quando estes participantes de casamentos se deslocam até a Serra Gaúcha, acabam por consumir os produtos ofertados pelas vinícolas.

Há 15 anos atrás ninguém ia pra Bento Gonçalves fazer turismo, o pessoal ia pra Gramado, Canela. Houve uma conjunção de fatores que abriu espaço para o vinho,

assim mesmo com a saturação das atrações de Gramado e Canela. Com a chegada do turismo a Bento Gonçalves, permite-se que produtores que tinham uma venda local, comecem a vender para estes turistas.

Muitas vinícolas buscando atender esse novo turista, apresenta novos produtos, como o *winegarden*, a colheita ao luar, que se iniciou com a vinícola Lovara. Então buscou-se encontrar maneiras de entretenimento que vai além da visita a vinícola e beber o vinho. Outra atividade interessante é durante o período da vindima, onde os turistas podem colher e pisar nas uvas.

Hoje o pensamento do setor vitivinícola é como eu vou entreter este turista por mais de um dia, por mais de dois dias. Hoje o foco é como manter este turista entretido na região e gaste mais na região. (Kelly Bruch)

As colocações apresentadas pela professora Kewlly Bruch vão ao encontro do que pensa o professor do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, professor Luís Carlos Diel Rupp, que enxerga na conexão turística Gramado-Canela e Bento Gonçalves uma saída interessantíssima para o fortalecimento da economia e de toda a região da Serra Gaúcha, onde, para ele:

O turismo de Bento é um turismo do vinho. Muita gente que vai a Gramado e Canela, separa um ou dois dias para conhecer Bento Gonçalves. Fazem o passeio da maria-fumaça, pegam dois ou três pacotes para circular pelo Vale dos Vinhedos e suas vinícolas. Praticamente, hoje, temos uma dobradinha no turismo regional, Gramado-Canela e Bento Gonçalves. (Luís Carlos Diel Rupp)

Uma reflexão interessante é a respeito da importância dos atores locais no desenvolvimento do enoturismo na região. Além das vinícolas que sempre atuaram para conseguir atrair turistas, um importante nome de Bento Gonçalves é Tarcísio Michelin. Tarciso foi destacado nas entrevistas como o grande idealizador do Caminho de Pedras (rota turística de Bento Gonçalves). Ele, pensando na necessidade de ampliar o leque de atrações para seus hóspedes, encontrou na valorização da identidade local para o desenvolvimento do setor.

Tarcísio Michelin, gerente do hotel Dallonder (e proprietários de alguns outros hotéis na cidade) foi um cara fantástico no processo de criação das rotas turísticas da região de Bento Gonçalves. Ele tinha o hotel e começou a convidar proprietários da região para receber turistas. Num caso emblemático é o do Caminho de Pedras, onde tive o relato de vários produtores, que confirmaram a visita do Tarcísio Michelin pedindo para que eles abrissem sua casa para visita, pois os turistas queriam conhecer como era a casa de pedra por dentro.

Essa casa de pedra, que até então era uma vergonha para o proprietário, porque aquela casa era de chão batido, não era rebocada, tinha goteira, infiltração, insetos, só não tinha demolido a casa porque pai (nono) não deixava. Aí vem o Senhor Tarciso, ali nos anos de 1990 e diz: “não, essa casa é história da Serra Gaúcha, é história da sua família. Você não pode demolir esta casa. Eu vou te trazer turista aqui. Você recebe?” Hoje este cara não precisa sair de casa pra fazer dinheiro, recebe visita, vende seu vinho. (Luís Carlos Diel Rupp)

Outro ponto interessante do enoturismo é transformar os atores locais em protagonistas da sua região. O enoturismo tem a potencialidade de transformar uma pessoa simples, sem muita formação, em um excelente narrador de história, algo muito valorizado nos passeios. Escutar as histórias das famílias por eles mesmo, aproxima as pessoas, facilitando o turismo. A fala de Luís Carlos Diel Rupp traz relatos da família Strapazzon, que hoje possui uma cantina nos Caminhos de Pedra (roteiro turístico de Bento Gonçalves):

Primeiro um desses moradores do Vale de Pedras, da família Strapazzon, contou-me que tentou contar a história de sua família para um guia turístico contar. O guia não conseguia explicar direito, aí ele foi se metendo na conversa do guia, e por fim ele mesmo tornou-se o guia da propriedade dele. “Ninguém melhor que eu para contar a minha história”.

Posso assim dizer, que Tarciso Michellon, querendo alavancar sua rede de hotéis, acabou por alavancar o turismo na cidade de Bento Gonçalves (Luís Carlos Diel Rupp)

As falas de Luís Carlos Diel Rupp são de extrema importância para consolidar o entendimento da importância do enoturismo no processo de desenvolvimento da região. Sem sombras de dúvidas, os ganhos econômicos proporcionados pelo enoturismo possibilitaram a estes trabalhadores rurais, que antes viviam à margem da sociedade, tornarem-se atores principais no contexto da Serra Gaúcha, principalmente em Bento Gonçalves, e terem um padrão de vida com altíssima qualidade, muito superior, em boa parte dos casos, às famílias de alta renda das cidades. Hermes Zaneti também complementa a questão, dizendo que:

do ponto de vista histórico é importante ressaltar que os colonos que moravam na roça, trabalhavam com uva e agricultura, e eu sofri isso, era tratado pelas pessoas que moravam na cidade como “coitados dos colonos”. Podiam até ser coitados pelo esforço hercúleo que fazíamos para vencer os desafios, mas eles nos viam como os coitados dos colonos como se fossemos uma gente de segunda. Isso foi passando aos poucos, e hoje, com este grande número de pequenas empresas que estão surgindo, com vinhos e outros produtos, mostram pra nova juventude que se ele produzir a uva de boa qualidade e fazer produtos de boa qualidade, ela pode sair deste processo de coitado do colono para ser um produtor respeitado e admirado. (Hermes Zaneti)

A questão de tornar-se protagonistas e respeitados em sua profissão a partir de produtos de qualidades é algo que vem sendo incorporado na nova gerações de vitivinicultores da Serra Gaúcha. Diego Bertolini apresenta um exemplo claro desta questão, encaixando enoturismo, novos serviços e produtos.

O enoturismo é a principal ferramenta de promoção do vinho brasileiro! Porque a experiência é tudo. Quando você observa o caso da gastronomia brasileira, cresceu graças a experiência que ela proporciona. Chefes começaram a partir de festivais a evidenciar a gastronomia daquele local e com isso desenvolveu-se o setor. O enoturismo tem proporcionado um retorno das famílias ao campo, porque antes, aquele cara da roça que andava mal vestido, falava errado, era mal visto na sociedade, hoje esse cara, que era mal visto, ganha mais dinheiro que muito médico. Ele ganha dinheiro vendendo um queijo na porta da propriedade dele, vende seu vinho, recebe o turista. Se pegar o caso da vinícola na qual presto consultoria, uma vinícola pequena, relativamente nova no mercado do enoturismo, no ano de 2020, vendeu mais de 1500 pacotes para a participação na vindima, com as pessoas pagando R\$180,00 para pisar na uva, escutar música italiana e consumir produtos regionais.

Além disso, mesmo num ano difícil de pandemia, o enoturismo de anos anteriores proporcionou uma aproximação dos turistas com a vinícola. Então neste momento que não consegue receber pessoas na vinícola, através do telemarketing, está conseguindo vender até mais que em anos anteriores. A pandemia veio para fortalecer este canal, do telemarketing. Agora o produtor tem dois grandes produtos, o enoturismo e o telemarketing. (Diego Bertolini)

O enoturismo apresenta-se como uma ferramenta importante no processo de desenvolvimento da região da Serra Gaúcha. Cada ação proposta para o enoturismo, pelos



diferentes atores que compõe a cadeia produtiva, gera um impacto positivo em praticamente todo o setor. É visível como o setor vem se adaptando e criando as mais diversas atividades para atender os diferentes grupos econômicos, sociais e de diferentes faixas etárias.

Portanto, se analisarmos a conjuntura, observando os dados estatísticos referente a IDH e Índice de Gini, juntamente com a opinião dos especialistas, que vivenciam e estudam a evolução do setor a muito tempo, e o enoturismo, podemos inferir que a vitivinicultura, juntamente com a tradição herdada dos imigrantes italianos, proporciona uma boa qualidade de vida para os habitantes da região da Serra Gaúcha, caracterizando o desenvolvimento regional.

Destaca-se também um aspecto da importância da articulação do Estado como instrumento de desenvolvimento da região. No capítulo 3, foi possível visualizar a importância de algumas Instituições de apoio no processo de desenvolvimento de pesquisa e extensão, liderados pela Embrapa, assim como na formação de mão-de-obra especializada, que é o caso do IFRS. Estas Instituições, juntamente com o Ibravin, que atuava diretamente na articulação dos diversos atores, são Instituições que são mantidas com dinheiro público, e na minha opinião, geram resultados gigantescos para o desenvolvimento da região, mas que apesar disso, sofrem constantes ataques, seja através de cortes orçamentários, ou mesmo na descontinuidade do serviço, como foi o caso do Ibravin no ano de 2019.

Acredito que para se ter um desenvolvimento regional, robusto, com inclusão social e melhor distribuição de renda, políticas de Estado devidamente planejadas devem ser continuadas e apoiadas constantemente, assim como, a inclusão da iniciativa privada, aqui representada pelos produtores e todos os demais elos da cadeia produtiva, no processo de discussão destas políticas, definindo o que deve ser encabeçado pelo Estado, e o que pode ser desenvolvido pelo setor privado. Esta aliança é fundamental para o sucesso do desenvolvimento de uma região, o que no meu modo de ver, no momento em que esta tese foi finalizada, janeiro de 2021, estamos longe de ter estas clarezas e diretrizes bem definidas. Na verdade, enfrentamos um momento onde o individualismo, a falta de boas políticas públicas e a boa governança têm prejudicado a consolidação do desenvolvimento da Serra Gaúcha e da vitivinicultura como um todo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de desenvolvimento da vitivinicultura na Serra Gaúcha aconteceu por meio dos imigrantes italianos no território brasileiro. Uma importante questão que a tese abordou foi a respeito da forma como estes imigrantes chegaram ao território nacional e, mais precisamente, na Serra Gaúcha. O processo de vinda destes imigrantes ao Brasil foi árduo e com muitas informações obscuras no processo de esclarecimento do tipo de desafios e oportunidades que encontrariam em seu novo território.

Somos levados a acreditar, principalmente a partir da romantização da imigração italiana ao Brasil nas telenovelas e nos principais meios de comunicação, que este processo foi algo leve, prazeroso, com muitas oportunidades, mas ao contrário deste cenário, esta tese apresenta, em seus capítulos iniciais, um outro retrato. A principal motivação da vinda deste imigrante italiano ao Brasil foi para não morrer de fome na Itália. A pobreza que dominava o território italiano após as guerras napoleônicas e o processo de unificação do território deixou marcas significativas em toda Itália, principalmente na região norte, de onde partiram as principais levas de imigração para o Brasil. O alto índice de desemprego, tanto nas cidades como no campo, era algo marcante na Itália neste período.

Além da longa viagem transoceânica que tiveram que enfrentar, a chegada na Serra Gaúcha foi uma epopeia, que culminou num desfecho muito duro para os imigrantes, que foi ter que começar a criar um território do marco zero. Praticamente tiveram que derrubar uma boa leva de Mata Atlântica para poder construir seu território. Este processo de construção do território e alteração da paisagem natural foi feito a muitas mãos, destacando o espírito coletivo neste processo de construção das casas e da derrubada do mato para o início de algum de produção agrícola.

Inicialmente, estes imigrantes se dedicaram à produção de grãos e cereais, muito mais voltado para o consumo próprio, do que propriamente comercial, sendo que o que era comercializado, muitas vezes na base da troca, era o excedente da pequena safra. A tese apontou as dificuldades logísticas que estes colonos enfrentavam para conseguir moer um pouco de trigo, e com isso ter insumos para a sua base da sua alimentação, a farinha de trigo. Eram muitos quilômetros a serem percorridos, por estradas ruins, que demandavam longas horas de caminhada ou no lombo de um cavalo.

A partir desta contextualização, surgiu a pergunta orientadora da tese: como a produção vitivinícola na Serra Gaúcha contribui na consolidação do processo de desenvolvimento regional a partir da vinculação da cultura dos imigrantes italianos e o aproveitamento da

paisagem natural? Ao longo da tese, foi possível responder este questionamento a partir da apresentação dos elementos da paisagem cultural (cultura material e imaterial), da transformação da paisagem natural e da construção do território. Todos estes elementos, conjuntamente, contribuíram para a consolidação do processo de desenvolvimento regional da Serra Gaúcha.

A tese teve como objetivo geral analisar como a paisagem natural e o território, juntamente com a cultura dos imigrantes italianos a partir da produção vitivinícola, contribuem no processo de desenvolvimento regional da Serra Gaúcha. Esta abordagem foi realizada no capítulo 4, onde a partir do entendimento do que seria desenvolvimento econômico, uma boa caracterização do mercado vitivinícola nacional e da Serra Gaúcha, dados de indicadores socioeconômicos e o enoturismo, averiguou-se o objetivo proposto. Cabe destacar que todo o conteúdo da tese converge para a questão de compreender o desenvolvimento regional da Serra Gaúcha, portanto, as discussões anteriores também foram relevantes neste processo de análise.

Dessa forma, observando todos os esforços embutidos na construção desta tese, todas as falas de seus entrevistados, assim como a pesquisa bibliográfica e documental, convergem para um único apontamento, de que houve melhoria na qualidade de vida dos habitantes da Região da Serra Gaúcha. Esta melhoria pode ser compreendida pelo aumento de renda na região, diminuição da taxa de mortalidade, alta expectativa de vida, educação de qualidade e manutenção de estudantes nas escolas, assim como uma distribuição de renda um pouco menos desigual, ainda mais se comparada com o restante do Brasil.

Cravar que o desenvolvimento regional foi ocasionado pela implantação de Indicações Geográficas, ou do enoturismo, ou pelo papel desenvolvido pelas Instituições de apoio é algo audacioso e muito difícil de se provar. Porém, quando juntamos estas variáveis, com a história de superação dos imigrantes italianos, a vitivinicultura e todo seu aspecto cultural, o desenvolvimento regional fica mais perceptível.

Ao longo da tese, algumas passagens foram destacadas, onde ressaltou-se a importância do imigrante alemão no processo de iniciação das pequenas produções vitivinícolas da Serra Gaúcha. Destaca-se que nesta passagem, ao contrário do que se imaginava, as primeiras mudas de parreiras implementadas na Serra Gaúcha não chegaram pelas mãos dos imigrantes italianos, mas estes, na verdade, as adquiriram dos imigrantes alemães que se estabeleceram na região do Vale dos Sinos. Estas mudas de parreiras, vindas principalmente da região de Rio Grande (RS), colonizada por portugueses, tinha as variedades americanas como marco de sua produção. Este contato com esta nova variedade de uva, que se adaptou muito bem no caso do território brasileiro, é o marco do início da vitivinicultura da Serra Gaúcha.

Desta forma, podemos dizer que em relação a um dos objetivos desta tese, que era descrever o processo de formação, apropriação e uso do território na Serra Gaúcha pelos imigrantes italianos, juntamente com o processo de espacialização do cultivo da uva na região levando em conta as características da paisagem natural regional, foi realizada no capítulo 1. Neste capítulo, conforme mencionado anteriormente, narra-se todo este processo, destacando as principais atividades realizadas durante todo o processo migratório.

Com o início da vitivinicultura da Serra Gaúcha, outras atividades começam a se desenvolver em torno desta atividade, como é o caso da metalurgia e da tanoaria, que é o nascedouro da forte indústria moveleira existente na Serra Gaúcha nos dias de hoje. Além das atividades econômicas que derivam da vitivinicultura, pode-se dizer que ela foi responsável pela transformação da paisagem desta região, criando uma identidade única para esta localidade.

O processo de transformação desta paisagem foi abordado na tese a partir de duas perspectivas, a partir da cultura material e da cultura imaterial. Na cultura material, abordou-se o processo de transformação da paisagem a partir da formação dos parreirais, com o aproveitamento das pedras, seja para organização da terra ou construção de casas, e também nas formas de condução dos parreirais, onde verificou-se que a condução na forma de latada (pérgola) e a amarra periférica dos parreirais nos plátanos, são características únicas desta região. Já na cultura imaterial, a tese destacou a questão da religiosidade, das festas e hábitos destes colonos italianos. Neste quesito, a tese trouxe com bastante clareza a importância da cultura católica na vida deste imigrante, o que contribuiu muito no processo de desenvolvimento da vitivinicultura nacional. Os ritos religiosos e sua ligação com a vitivinicultura foi algo muito marcante destacado na tese, seja pelo próprio rito da consagração do corpo e sangue de Cristo na missa, ou mesmo pela presença de capitéis espalhados pelos parreirais, como forma de proteção e agradecimento por boas safras. Ainda na questão da cultura imaterial, destacou-se a importância dos festejos religiosos na vida do colono italiano. Estes festejos era o ponto máximo de interação social existente nas comunidades, onde a tese trouxe com bastante detalhamento, principalmente nas falas de Hermes Zaneti, o que significava e o que fazia nestes dias de festivo.

Pode-se dizer que a vitivinicultura e a cultura do imigrante italiano foram os grandes propulsores da transformação da paisagem natural e cultural da Serra Gaúcha. Desta forma, em relação a um dos objetivos específicos, que era narrar os processos culturais desenvolvidos a partir do cultivo da uva nas levas de imigração para à Serra Gaúcha, foi realizado com muita

clareza de detalhes e exemplificações, chamando para destaque, a questão do simbolismo da vitivinicultura na vida do imigrante italiano.

O desenvolvimento da vitivinicultura e todos seus aspectos culturais, materiais e imateriais, foram transformando a paisagem e moldando a vida dos moradores da Serra Gaúcha. No sentido de avançar na compreensão deste tema, a partir da ótica da vitivinicultura, a tese propôs a discussão do conceito de *terroir*, seja na sua definição clássica, mas também o que seria o *terroir* da Serra Gaúcha.

Desta forma, na questão de aprimoramento sobre o conceito de *terroir*, esta tese traz importantes considerações, principalmente no que tange à valorização da cultura dentro do conceito de *terroir*. A cultura do vinho, seja na forma de produzir ou na forma de consumir, é um aspecto relevantíssimo na discussão do conceito de *terroir*, e a tese identificou, principalmente a partir da fala dos especialistas, que a cultura é quem forma e transforma um território, formando assim um *terroir*, e não o contrário, onde um território e suas questões naturais é que formarão um *terroir*. Portanto, não existe *terroir* sem uma cultura pré-existente, é a cultura quem molda o “saber fazer”, ou seja, o conhecimento de uma cultura.

A discussão do conceito de *terroir* foi fator importante no processo de refutação ou aceitação da hipótese, onde identificou-se que a hipótese de que o conhecimento (saber fazer) adquirido ao longo dos séculos na produção vitivinícola pelos imigrantes italianos, juntamente com a cultura do vinho entremeadada em suas atividades cotidianas, e as características da paisagem natural, seriam as principais variáveis que contribuíram no processo de desenvolvimento regional, não é totalmente verdadeira. A cultura do vinho entremeadada na cultura do imigrante italiano foi importante, mas o aprendizado (saber fazer), principalmente por se tratar de uma vitivinicultura muito diferente da que realizavam e tinham acesso na Itália, foi desenvolvido em território brasileiro. O conhecimento, em sua grande parte foi construído em território brasileiro, tanto pela necessidade de aprender a técnica de manejo produtivo em um novo tipo de território, como também pelas variedades de parreiras que construíram a base deste conhecimento, as uvas americanas, que até então não faziam parte do contexto de vida do imigrante italiano.

Além disso, a tese apresenta uma nova proposição de pesquisa, levando em conta principalmente as falas de Cainelli Júnior e José Fernando da Silva Protas, que destacaram que a cultura é que forma um *terroir*, e não o contrário, e que ao meu entendimento seria colocar questões econômicas, de marketing, à frente da questão da cultura. Desta forma, este estudo propõe como avenida de pesquisa uma discussão, a diferença do *terroir* natural, aquele que se transforma a partir da relação homem natureza e suas interações, do *terroir* econômico, aquele

que nasce a partir de uma possibilidade de mercado, ou como estratégia de marketing, juntamente com alta tecnologia agrícola.

A discussão do conceito de *terroir* está intimamente ligada, principalmente no ambiente da vitivinicultura, com a questão das Indicações Geográficas, e a tese teve como um de seus objetivos específicos inicialmente definidos, analisar a importância das indicações geográficas no processo de valorização dos produtos vitivinícolas da região da Serra Gaúcha.

Em relação às Indicações Geográficas, verificou-se há uma grande oportunidade produtiva e mercadológica a ser explorada pela vitivinicultura da Serra Gaúcha, porém o processo conceitual destas IGs precisa ser melhorado, principalmente na questão de melhorar a compreensão dos produtores locais sobre o que está sendo proposto. Também verificou-se que há necessidade de melhorias no âmbito do Governo Federal, que pode simplificar e melhorar a legislação voltada a Indicações Geográficas, principalmente no que toca a produtos da agricultura.

Em relação às IGs da Serra Gaúcha, verificou-se uma valorização dos produtos, principalmente nas IGs do Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e de Farroupilha, com destaque para as duas últimas, uma pelo espumante de método tradicional e seus vinhos brancos, e a outra pelo moscatel. Porém, na fala dos especialistas entrevistados, fica evidente que esta valorização está longe do que poderia alcançar, e muito pela falta de clareza nas informações que poderiam ser repassadas para o consumidor, o que poderia ajudar a valorizar ainda mais o produto. Desta forma, verifica-se relevância no avanço das IGs, mas há um caminho longo a ser percorrido para que ocorra uma real valorização dos seus produtos em virtude de sua aplicação.

A tese também analisou a importância das principais Instituições de apoio no processo de desenvolvimento da vitivinicultura brasileira, e mais especificadamente, da Serra Gaúcha. Observou-se que, principalmente as Instituições de pesquisa, Embrapa e IFRS têm papel importantíssimo no processo de melhoramento do processo produtivo da região, assim como na formação de mão-de-obra especializada para atuar na vitivinicultura. Em relação ao Ibravin, verificou-se que, ao longo dos seus pouco mais de vinte anos de existência, foi de extrema importância para o desenvolvimento da vitivinicultura nacional, principalmente por saber identificar os grandes entraves do setor e propor ações para enfrenta-los. Infelizmente, o Ibravin fechou as portas no ano de 2019, fruto de uma forte briga política e de poderes para controlar o Fundovitis. Desta forma, quem acabou perdendo foi a vitivinicultura brasileira, não apenas a da Serra Gaúcha, pois o *know-how* construído ao longo destes anos, assim como toda a base de relação de confiança construído com os atores da cadeia, acabou se perdendo. Por outro lado,

fica o sucesso das campanhas realizadas pelo Ibravin, principalmente na questão de promoção e divulgação do vinho brasileiro, é um legado muito significativo para toda a cadeia produtiva vitivinícola.

É importante destacar que durante a elaboração da tese ocorreram muitas dificuldades e limitações. Destaca-se como principal dificuldade a questão relacionada à pandemia do coronavírus, que coincidiu justamente com o período do cronograma da pesquisa de campo. Desta forma, conforme sugerido na qualificação da tese, realizou-se um ajuste metodológico e alteração dos atores entrevistados. Destaco como uma das limitações da tese a falta de oportunidade de trazer a opinião mais a fundo dos vitivinicultores, de líderes religiosos e dos guardiões de memória. Acredito que estes atores poderiam enriquecer ainda mais as discussões propostas nesta tese, assim como na identificação de novas avenidas de pesquisa.

Em relação a abertura de avenidas de pesquisa a partir deste estudo, destaca-se a relacionada à questão do *terroir*, que precisa discutir mais a fundo a importância da questão cultural na formação de um *terroir*. Destaca-se também a necessidade de avanço nas pesquisas de forma a compreender o papel de cada variável que pode compor a questão do desenvolvimento regional, como é o caso do enoturismo e desenvolvimento regional, Indicação Geográfica e desenvolvimento regional, pesquisa e desenvolvimento como base do desenvolvimento regional, assim como o papel da educação e cursos de tecnológicos no processo de desenvolvimento da Serra Gaúcha.

Por fim, é essencial destacar que os desafios para a vitivinicultura da Serra Gaúcha são muitos e deverão ser fortemente enfrentados, porém, considerando toda a valentia e bravura destas famílias de imigrantes italianos, juntamente com sua veia empreendedora, acredito que a vitivinicultura da Serra Gaúcha tem um futuro muito promissor. Acredito que a cultura passada geração a geração continuará a ser a mola propulsora do desenvolvimento da região, mantendo as tradições naquilo que for positivo para a região e inovando naquilo que não é positivo, assim como nas suas dificuldades. Destaco que dois produtos foram apontados pelos entrevistados e pela literatura como o sucesso a ser perseguido para a consolidação da vitivinicultura e do desenvolvimento regional da Serra Gaúcha, o suco de uva e o espumante. Finalmente, destaco que associado à cultura dos imigrantes italianos, nota-se uma inovação muito grande vinda dos jovens herdeiros das famílias produtoras, assim como de capitais de outras regiões, principalmente do eixo Rio-São Paulo, que vêm investindo fortemente na região, seja em vinícolas, seja em estruturas do enoturismo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. **Paisagens culturais e patrimônio cultural: Contribuições introdutórias para reflexões**. In: Maneiras de ler: geografia e cultura [recurso eletrônico] / HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P.; PIRES, C. L. Z. (Orgs). Porto Alegre: Imprensa Livre - Compasso Lugar Cultura, 2013. 364 Kb ; PDF. p. 186-194.
- AMARANTE, José Osvaldo Albano do. **Os segredos do vinho para iniciantes e iniciados**. 4.ed. São Paulo: MEsla, 2015.
- ANUÁRIO VINHOS DO BRASIL. **A história do vinho no Brasil**. Disponível em: <http://vinhosdobrasilreport.com.br/dados-gerais-do-setor-vitivinicola-ano-2018-anuario-2019/>. Acesso em 05 de julho de 2020.
- ANUÁRIO VINHOS DO BRASIL. **Dados gerais do setor vitivinícola – ano 2018**. Disponível em: <http://vinhosdobrasilreport.com.br/dados-gerais-do-setor-vitivinicola-ano-2018-anuario-2019/>. Acesso em 05 de julho de 2020.
- BANDO, P. M. **Coordenação vertical no complexo agroindustrial frutícola brasileiro: uma proposta para a Zona da Mata Mineira**. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, 1998. 178p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERGAMASCHI, DIEGO LOPES. **Gestão e desenvolvimento regional na RIDE/DF: CORSAP-DF/GO como modalidade de associativismo territorial**. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia. 2015.
- BERTRAND, G. **Paisagem e Geografia Física Global**. Esboço metodológico. Rev. RA'E GA, Curitiba, n. 8 p.141-152, 2004, ed UFPR.
- BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural**. In: Corrêa, Roberto Lobato e Rosendahl (orgs). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. P.84-91.
- BEVILAQUA, Juliana. **A bebida da quarentena: venda de vinhos cresce durante a pandemia**. Pioneiro Economia, 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/economia/noticia/2020/08/a-bebida-da-quarentena-venda-de-vinhos-cresce-durante-a-pandemia-12574446.html> Acesso em 10 de outubro de 2020.
- BOLIGIAN, Levon; ALMEIDA, Rosângela Doin de. **A transposição didática do conceito de território no ensino de geografia**. In: Ambientes: estudos de geografia. (org) Lúcia Helena de Oliveira Gerardi. Rio Claro: Programa de Pós-graduação em Geografia – UNESP; Associação de Geografia teórica – AGETEO, 2003. p. 235-248.
- BROMILEY, G. W. **International Standard Bible Encyclopedia**, Wm. B. Eerdmans Publishing, 1995.
- CAETANO, J. N.; BEZZI, M. L. **Reflexões na geografia cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultura**. In. Soc. & Nat., Uberlândia, ano 23, n.3, 453-466, set/dez. 2011.



CANO, Wilson. **Celso Furtado e a questão regional no Brasil**. In: TAVARES, Maria da C. (Org.). Celso Furtado e o Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CALLON, M. **Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos**. Sociologias, v. 10, n. 19, 2008.

CAPEL, Horácio. Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea. Barcelona: Temas Universitários. 1982.

CASTRO, Antônio Maria Gomes de.; LIMA, Suzana Maria Valle. Anotações de aula - **Curso de metodologia de análise em cadeias produtivas** - PROPAGA/UNB, 2011.

CASTRO, D. G. (2004). **Significados do conceito de paisagem**. Anais VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, Goiânia. Disponível em <https://www.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm>.

CASTRO, I. E. de. (2002). **Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política**. In E. Yázigi (Org.), Paisagem e Turismo (pp. 121-140). São Paulo: Contexto.

CASTROGIOVANNI, A. C. (2002). **Existe uma Geografia do Turismo?** In S. Gastal (Org.), Turismo: Investigação e Crítica (pp. 59-67). São Paulo: Contexto.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2003, p.221.

COELHO-COSTA, E. R. **Breves considerações sobre comida local, terroir, indicações geográficas e turismo gastronômico**. *DRd - Desenvolvimento Regional Em Debate*, 9(Ed. esp. 2), 262-293. Disponível em: <https://doi.org/10.24302/drd.v9i Ed. esp. 2.2497>, 2019. Acesso em 20 de julho de 2020.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: Geografia conceitos e temas/organizado por Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo das paisagens humanas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro : EdUERJ, 1998a [1989], p. 92-123.

COSTA, Everaldo Batista da; SCARLATO, Francisco Capuano. **Paisagem-Memória e Função Social da Fotografia**. In: STEINK, V. A.; REIS JUNIOR, D. F.; COSTA, E. B. Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias – LAGIM, UnB, 2014. p. 80-106.

Costa, L. de C. N., & Gastal, S. de A. (2010). **Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural**. Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, Caxias do Sul. Disponível em: [https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_6/arquivos/03/Paisagem%20Cultural.pdf](https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/03/Paisagem%20Cultural.pdf).

DAL PIZZOL, Rinaldo; PASTOR, Luis Vicente Elias. **Paisagens do vinhedo Rio-grandense**. Bento Gonçalves: Rinalde Cistílio Dal Pizzol, 2016.

DAL PIZZOL, Rinaldo; SOUSA, Sérgio Inglez de. **Memórias do vinho gaúcho**. 1.ed – Porto Alegre: AGE, 2014.

DE BONI Luis A.; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: Vozes, 1982, p.52.

DELFOSSÉ, Claire. **La France et ses terroirs. Un siècle de débats sur les produits et leurs liens à l'espace**. Professeure, Laboratoire d'études rurales, Université Lyon 2, novembre 2012 / n° 215-216. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-pour-2012-3-page-63.htm> Acesso em 20 de agosto de 2020.

DINIZ, Clélio Campolina; CROCCO, Marco. **Bases teóricas e instrumentais da economia regional e urbana e sua aplicabilidade ao Brasil: uma breve reflexão**. In: DINIZ, C. C.; CROCCO, M. (Orgs.) *Economia Regional e Urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DUNN, T. **Rapid rural appraisal: A description of the methodology and its application in teaching and research at Charles Sturt University**. Rural Society: Australia, 1994. v.4, n.3/4.

EYMARD-DUVERNAY, F. **L'économie des conventions entre économie et sociologie**. In: STEINER, P.; VATIN, F. (eds.). *Traité de sociologie économique*. Paris: PUF, 2009.

FALANDO DE VINHOS. **Brasil, Regiões Produtoras**. Disponível em: <https://www.falandodevinhos.com/2008/11/04/regioes-produtoras-no-brasil-i/> Acesso em 10 de novembro de 2020.

FARIAS, Cláudio Vinícius Silva de. **O papel das instituições na formação e transformação da vitivinicultura da serra gaúcha : possibilidades de interpretações do desenvolvimento rural pela nova economia institucional**. Tese de doutorado. PGDR/UFRGS, 2016.

FECOMÉRCIORS. **Pipa Pórtico** is a portico located in the main entrance of the city of Bento Gonçalves, Serra Gaúcha. Disponível em: <http://fecomercio-rs.org.br/2019/06/06/rotas-e-roteiros-2/pipa-portico-is-a-portico-located-in-the-main-entrance-of-the-city-of-bento-goncalves-serra-gaucha/>. Acesso em 10 de setembro de 2020.

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

FERRARA, L. D. **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. ISBN: 85-314-0117-8.

FILIPPON, Maria Isabel. **A casa do imigrante italiano, a linguagem do espaço de habitar**. Dissertação de mestrado. Universidade de Caxias do Sul Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional. 2007.

FROSI, Vitalina Maria, MIORANZA, Ciro. **Imigração Italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Movimento, 1975, p.12.

Sidnei Luís Bohn Gass; Roberto Verdum; Jussara Mantelli. **Estrutura, processo, função e forma no setor agrário do noroeste do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/8879>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

GIRON, Loraine Slomp. **A imigração Italiana no RS: fatores determinantes**. In: DACANAL, José Hildebrando. (org.) RS: imigração & colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p.49.

GOTTMANN, Jean. **The significance of territory**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1973.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói, RJ: EdUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. Da Desterritorialização e Multiterritorialidade. Rio de Janeiro. In: **Anais do V Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR**, v. 3, 2001.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade. RJ, Bertrand Brasil, 2004.

HUETZ DE LEMPS, Alain. **Vignobles et vin du nord-ouest de l’Espagne**. Université de Bordeaux, Institut de Géographie, 1967, t.II, p.599.

Holzer, W. **Paisagem, Imaginário e Identidade: alternativas para o estudo geográfico**. In Z. Rosendahl, & R. L. Corrêa (Orgs), *Manifestações da Cultura no Espaço* (pp. 149-168). Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

IBRAVIN. **Instituto Brasileiro de Vinhos**. Disponível em: <<https://www.ibravin.org.br>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2019.

INPI. **Indicações Geográficas Brasileiras**. Disponível em: [https://www.gov.br/inpi/pt-br/backup/arquivos/livro\\_indicacoes\\_geograficas\\_brasileiras.pdf](https://www.gov.br/inpi/pt-br/backup/arquivos/livro_indicacoes_geograficas_brasileiras.pdf). Acesso em 05 de agosto de 2020.

INPI. **Indicações Geográficas**. Disponível em: <https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/indicacoes-geograficas/indicacao-geografica-no-brasil>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

JEANMARIE, Henri. Dionysos. **Histoire du culte de Bacchus**. Paris: Payot, 1991. [1ed. 1951]

JOHNSON, Hugh; ROBINSON, Jancis. **L’Atlas mondial du vin**. Paris: Robert Lafont/Flamarion, 2002.

KAKUTA, Susana Maria. SOUZA, Alessandra L.L. da ET. AL. **Indicações geográficas: guia de respostas**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2006.

LA BLACHE, V. DE ; JOSEPH P. M.; MARTONNE, E. **Principes de géographie humaine**. Paris: Armand Colin, 1941.

LA BLACHE, Vidal de. **Da interpretação geográfica das paisagens** (1908). In: HAESBAERT, R.; PEREIRA, S. N.; RIBEIRO, G. (Orgs). *Vidal, vidais: textos de geografia humana, regional e política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. Paris: Ed anthropos, 1974.

LIMA, Suzana. Maria Valle et al. **La dimensión de Entorno en la construcción de la sostenibilidad institucional**. San José, Costa Rica: ISNAR- Servicio Internacional para la Investigación Agrícola Nacional, 2001.

LUZ, Geferson. O vinho e a Mitologia. Disponível em: <<http://mundodosvinhos.blogspot.com/2008/07/o-vinho-e-mitologia.html>> Acesso em 10 de março de 2019.

MANFIO, V. **Paisagem, turismo e vinho no Douro em Portugal: uma imponente tradição**. Cadernos de Geografia nº 40. Imprensa da Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras; Universidade de Coimbra: 2019, p.79-90.

MAXIMIANO, Liz Abad. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. R. RA'É GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Editora UFPR.

MENDES, Venícius Juvêncio de Miranda. **Desafio à gestão ambiental pública: gerenciamento de Unidades de Conservação da Natureza em consonância com a legislação de Recursos Hídricos**. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia, 2017.

MEINIG, Donald W. **O olho que observa: dez versões da mesma cena**. Espaço e Cultura. n. 13, p. 35-46, 2002 [1976]. Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

MILONE, Paulo César. **Crescimento e desenvolvimento econômico: teorias e evidências empíricas**. In: MONTORO FILHO, André Franco et alii. Manual de economia. São Paulo: Saraiva, 1998.

NAME, L. **O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura**. *GeoTextos*, vol. 6, n. 2, dez. 2010, pp 163-186.

NASCIMENTO, RAFAELA ARAÚJO DO. **A paisagem da bacia hidrográfica do Rio Corrente-PI e suas modificações pela lente das crianças do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia. 2016.

NIEDERLE, Paulo André. **Compromissos para a qualidade: projetos de indicação geográfica para vinhos no Brasil e na França**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS/DDAS), Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA), 2011.

NIEDERLE, Paulo André. Delphine Vitrolles. **Indicações Geográficas e qualificação no setor vitivinícola brasileiro**. Estudo Sociedade e Agricultura, v.18, n.1. Rio de Janeiro, 2013.

OLIVEIRA, Gilson Batista de. **Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento**. Rev. FAE, Curitiba, v.5, n.2, p.37-48, maio/ago. 2002.

OSEKI, Jorge Hagime; PELLEGRINO, Paulo Renato Mesquita. **Paisagem, sociedade e ambiente**. In: PHILIPPI JUNIOR, A. et. al. (Orgs). Curso de gestão ambiental. Barueri, SP: Manole, 2004.

OIV. **Qual o significado de terroir?** Disponível em [https://revistaadega.uol.com.br/artigo/voce-sabe-qual-o-significado-de-terroir\\_2655.html](https://revistaadega.uol.com.br/artigo/voce-sabe-qual-o-significado-de-terroir_2655.html). Acesso em 01 de fevereiro de 2021.

PITTE, Jean Robert. **O desejo do vinho conquistando o mundo**. Tradução de Carmen Ferrer. – São Paulo: Editora SENAC, 2012.

PORTAL EVENTOS. **Memorial italiano: um atrativo a mais em Gramado**. Disponível em: <https://www.revistaeventos.com.br/Turismo/Memorial-Italiano:-um-atrativo-a-mais-em-Gramado/32123>. Acesso em 18 de julho de 2020.

POSENATO, Júlio. **Arquitetura da Imigração italiana no Rio Grande do Sul**, Est- Educ, 1983.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAFFESTIN, C. **Ecogénèse territoriale**. In: AURIAC, F., BRUNET, R. Espaces, jeux et enjeux. Paris : Fayard : Diderot, 1986.

SALGUEIRO, Tereza Barata. **Paisagem e Geografia**. In: Finisterra, XXXVI, 72, 2001, pp. 37-53. Disponível em: [http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72\\_04.pdf](http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72_04.pdf). Acesso em 10 de agosto de 2018.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de economia**. São Paulo: Atlas, 1994.

SANTOS, M. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCATOLIN, Fábio Dória. **Indicadores de desenvolvimento: um sistema para o Estado do Paraná**. Porto Alegre, 1989. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. 4.ed – São Paulo: Outras Expressões, 2015.

SAUER, O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA; ROZENDAHL (Orgs.). Paisagem tempo e cultura, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SAUER, O. **Foreword to historical geography**. In: LEIGHLY, J (ed.). Land and life. A selection from the writings of Carl Otwin Sauer. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1963 [1941], p. 351-379.

SCHIER, R. A. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia**. Editora UFPR. R. RA'EGA, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.

SCHUMACHER, W. **O casamento entre o plátano e a videira**. 2009. Disponível em: [http://vinicolasevinhedos.blogspot.com/2009/04/o-casamento-entre-o-platano-e-videira\\_06.html](http://vinicolasevinhedos.blogspot.com/2009/04/o-casamento-entre-o-platano-e-videira_06.html). Acesso em 22 de setembro de 2020

SEBRAE. **Entenda o conceito de Indicação Geográfica**. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-o-conceito-de-indicacao-geografica,5a8e438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>>. Acesso em 03 de fevereiro de 2020.

SILVA, Antenor Roberto Pedroso da. **Indicações Geográficas e estratégia territorial competitiva: estudo comparado Brasil x Espanha**. Programa de pós-graduação em Economia, Tese de Doutorado em Desenvolvimento Econômico, 2014.

SILVA, Luís Cláudio Requião da. **Paisagem cultural do recôncavo baiano: uma narrativa espacial regional a partir da análise do patrimônio urbano**. UnB-CDS, Tese de doutorado em Gestão Ambiental e Territorial, 2015.

SILVEIRA, Missifany. **A implantação de hidrelétricas na amazônia brasileira, impactos socioambientais e à saúde com as transformações no território: o caso da UHE de Belo Monte**. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia, 2016.

SILLIÈRES, Pierre. **La viticulture et le vin dans l'Antiquité**. Em Françoise Argod-Dutard et al. (orgs), *Voyage aux pays du vin*. Paris: Robert Laffont, 2007.

SOMMER, Brian J. **Geografia do vinho**. Tradução Pamela Andrade. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2010.

TIRADO, G. **Demandas tecnológicas da cadeia produtiva da carne bovina: uma análise no Estado de São Paulo**. Dissertação de mestrado. UNB: 2009.

TONIETTO, Jorge. **A personalidade do vinho**. In: Anuário do vinho brasileiro. 2019.

TURISMORS. Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo. Disponível em: <https://www.turismo.rs.gov.br/atrativo/3540/capelas-das-neves#sobre>. Acesso em 16 de fevereiro de 2021.

USAID. **Performance monitoring and evaluation tips – USAID Center for development information and evaluation: Using rapid appraisal methods**. 1996. Disponível em: [http://www.childrensvaccine.org/files/USAID\\_RapidAppraisal.pdf](http://www.childrensvaccine.org/files/USAID_RapidAppraisal.pdf). Acesso em 16 de julho de 2020.

VALDUGA, Remy. **Sonho de um imigrante**. 3.ed. – Porto Alegre: Letra&Vida, 2012.

VASCONCELOS, Marco Antonio; GARCIA, Manuel Enriquez. **Fundamentos de economia**. São Paulo: Saraiva, 1998.

VERGARA, Sylvia Constante. **Métodos de pesquisa em Administração**. 6.ed – São Paulo: Atlas, 2015.

VINÍCOLA AURORA. **Sobre a vinícola**. Disponível em: <http://www.vinicolaaurora.com.br/br/sobre>. Acesso em 08 de setembro de 2020.

VINÍCOLA GARIBALDI. **A vinícola.** Disponível em: <https://www.vinicolagaribaldi.com.br/a-cooperativa/a-vinicola/2>. Acesso em 08 de setembro de 2020.

YÁZIGI, Eduardo . **A importância da paisagem.** In: Turismo e paisagem. YÁZIGI, Eduardo (Org.). São Paulo: Contexto, 2002.

ZANETI, Tainá Bacellar. **Cozinha de raiz: as relações entre chefs, produtores e consumidores a partir do uso de produtos agroalimentares singulares na gastronomia contemporânea.** Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, 2017.

## APÊNDICE

### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ESPECIALISTAS DO STOR VITIVINÍCOLA

**Nome do Entrevistado(a):**

**Profissão:**

**Cidade/Organização:**

**Idade:**

**Trajectoria de vida:**

#### Percepção Geral

1. Como se deu o processo de imigração italiana para a Serra Gaúcha? Como se deu o uso do território por estes imigrantes?
2. Qual a importância do saber-fazer o imigrante italiano no processo de desenvolvimento da vitivinicultura brasileira
3. Você percebe a relação da vitivinicultura e os ritos religiosos? Como?
4. Na sua opinião, o que é *terroir*? Quais as principais características do *terroir* da Serra Gaúcha?

#### Bloco 1) Processo de Formação e apropriação do uso de território

1. De qual região vieram as principais levas de Imigração Italiana?
2. Estes colonos se estabeleceram em quais regiões na Serra Gaúcha?
3. Que tipo de atividade econômica realizavam?

#### Bloco 2) Vitivinicultura e Desenvolvimento Regional

1. Qual a relevância da vitivinicultura para o desenvolvimento da Serra Gaúcha?
2. Como se deu o processo de desenvolvimento dos vinhos brasileiros?
3. Na sua opinião, as Indicações Geográficas contribuem no processo de desenvolvimento da região?
4. Quais foram os resultados das campanhas realizadas pelas Instituições relacionadas ao vinho? Por exemplo: IBRAVIN, SEBRAE, EMBRAPA.
5. Qual a importância do Enoturismo para a região? Qual o principal foco destes turistas que vem para a Serra Gaúcha? Quais as principais atividades?
6. Quais os principais entraves para o desenvolvimento do setor?
7. Qual o papel do Estado no desenvolvimento da vitivinicultura brasileira?



8. Quais foram os principais efeitos da Lei do Vinho no desenvolvimento do setor?
9. Quais as implementações realizadas pelo Ambiente Institucional e as vinícolas para o desenvolvimento do setor?

**Bloco 3) Conceito de *Terroir* na Serra Gaúcha**

1. Qual o papel das Indicações Geográficas no processo de desenvolvimento da região?  
Como se deu este processo?
2. Quais as principais características das Indicações Geográficas do Vale dos Vinhedos?
3. Existem outras certificações vigentes ou em processo de validação neste momento?  
Qual a importância dela para o desenvolvimento da região?
4. Dentre os produtos elaborados pela vitivinicultura da Serra Gaúcha tem algum que se destaca? Por que?

**Bloco 5) Outras informações**

1. Gostaria de acrescentar outras informações.